FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.137 SEGUNDA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 2022 R$ 6,00

ENTREVISTA DA 2ª

Luiz Chrysostomo

R$ 1 trilhão em privatização é ficção eleitoral

Um dos criadores do Programa Nacional de Desestatização, Luiz Chrysostomo diz ter dúvidas de que Lula (PT) e Bolsonaro (PL) darão prioridade ao tema. "Infelizmente, pois está ligado a novo momento de crescimento do país. E novo ciclo de investimentos não será estatal." **A14**

PF impede fraude no INSS de quase R$ 500 mi

O esquema poderia chegar a R$ 486 milhões em pagamentos de benefícios, como o auxílio-reclusão, cujo objetivo é proteger parentes de presidiários.

Segundo os agentes, as supostas fraudes foram realizadas por meio de senhas de 29 servidores do INSS. Os códigos teriam sido hackeados. **Mercado A15**

Bolsonaro leva ato de campanha ao funeral da rainha

Em Londres para acompanhar o enterro da rainha Elizabeth 2ª nesta segunda (19), o presidente discursou a apoiadores. Disse que ganhará no primeiro turno e ainda comparou o preço da gasolina inglesa ao da brasileira. **Mundo A12**

Bebês de até 1 ano terão prioridade na vacina da Pfizer

Cotidiano B4

Tráfico volta a montar barracas na cracolândia

Quatro meses após a expulsão de usuários de praça no centro de São Paulo, crack continua sendo comercializado. **Cotidiano B3**

Jovens jaminawas estudam em sala de aula improvisada desde que a escola desabou por falta de manutenção na aldeia Extrema, no Acre Lalo de Almeida/Folhapress

O presidente Jair Bolsonaro, a primeira-dama, Michelle, e o pastor Silas Malafaia no velório de Elizabeth 2ª Chip Somodevilla/AFP

Demarcação zero agrava abandono em terras indígenas

Série de reportagens mostra as consequências de políticas do governo Bolsonaro e a ação de grileiros e traficantes

O governo Bolsonaro é o primeiro a zerar demarcações de terras indígenas, segundo consultas ao Diário Oficial e dados de Conselho Indigenista Missionário e Instituto Socioambiental. O presidente cumpriu a promessa e a renovou, caso reeleito: "Não terá um centímetro quadrado demarcado".

A situação dos jaminawas, no Acre, informa **Vinicius Sassine**, mostra as consequências da política de zero demarcação. Estão jogados à própria sorte, numa terra não demarcada, apesar de decisão judicial de 2016 que deu prazo de seis meses para finalizar o processo. A Funai não se pronunciou.

A **Folha** percorreu 6.000 km, esteve em sete terras indígenas na Amazônia, cinco não demarcadas —e constatou invasões por madeireiros, pescadores e grileiros, lideranças ameaçadas de morte e conflitos internos. As histórias serão contadas em cinco capítulos, um por semana. **Política A4 e A5**

Presidente deixa dívida maior e gastos represados

Jair Bolsonaro (PL) encerrará seu mandato com um país mais endividado do que encontrou em 2019 e um estoque de despesas represadas que vai impulsionar ainda mais o indicador da dívida brasileira a partir de 2023. **Mercado A16**

País tem recorde de candidaturas de religiões afro

As eleições terão um recorde de candidatos ligados às religiões de matriz africana, indica levantamento da **Folha**. São ao menos 29 líderes do candomblé e da umbanda concorrendo —mais do que padres e freis (14). **Política A10**

Federais prendem homem acusado de xingar Lula

A equipe da PF que faz a segurança do petista deteve um homem de 50 anos, em Montes Claros (MG), sob a acusação de ter xingado o ex-presidente de "ladrão", "safado" e "sem-vergonha". Levado a delegacia, acabou liberado. **Política A7**

Bia Braune

Refrigerante é ressaca moral

A vida de adultos viciados nesse tipo de bebida é uma eterna ressaca moral de sabor tutti frutti. Somos considerados a escória líquida dos bebedores sociais, humilhados por aqueles que rotulam o nosso paladar de infantil. **Ilustrada C5**

Ilustrada C1
Modernização de capitais é tema de mostra no IMS

Esporte B5
CBF quer que Nike pague royalties por camisas da seleção

Série Eleições na Internet analisa o impacto das redes

Política A10

Aponte a câmera no código e baixe o novo app da Folha

EDITORIAIS **A2**

Respiro econômico
Acerca de bom desempenho da atividade no país.

Hungria autocrática
Sobre embate entre o regime de Viktor Orbán e a UE.

ATMOSFERA
São Paulo hoje

ISSN 1414-5723

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Respiro econômico

Atividade e emprego continuam a melhorar no país, embora cenário de 2023 seja incerto

Em meio às várias tempestades globais, que incluem guerra, escassez de matérias-primas e risco de recessão, a economia brasileira respira. Com atividade em alta, queda do desemprego e incipiente acomodação da inflação, os resultados deste ano são positivos.

Depois da alta de 1,2% do Produto Interno Bruto no segundo trimestre, os indicadores preliminares de julho e agosto sugerem continuidade. O IBC-Br, índice do Banco Central que consolida o desempenho de indústria, serviços e agropecuária, subiu 1,2% em julho, um bom começo para o terceiro trimestre.

A demanda nos serviços permanece firme, com expansão de 1,1% em julho nas vendas, enquanto prossegue a retomada de atividades prejudicadas pela pandemia. Tal dinamismo compensa a queda das vendas no varejo, que caíram em julho pela terceira vez seguida.

Na indústria, os números têm sido modestos, mas favoráveis. O mesmo vale para a agropecuária, mas neste caso os prognósticos são alvissareiros para a próxima safra. Com preços em escalada, de todo modo, a renda do agronegócio vem batendo recordes.

A retomada recente se observa na criação de empregos, que reduziu a taxa de desocupação para 9,1% no trimestre encerrado em julho, a menor desde 2014. Embora o rendimento médio ajustado pela inflação ainda esteja próximo do piso da série histórica, a massa salarial cresceu 6,1% ante o mesmo período do ano passado.

Ao que parece, o crescimento do PIB deve se aproximar de 3% neste ano. Ao mesmo tempo, a inflação recua, em razão principalmente dos cortes nos impostos sobre combustíveis. As projeções para o IPCA deste ano se reduziram de quase 9%, em julho, para 6,4%. Note-se, porém, que setores como os serviços ainda estão pressionados.

As boas notícias motivaram o ministro da Economia, Paulo Guedes, a entrar mais diretamente na campanha pela reeleição de Jair Bolsonaro (PL) —o que decerto não favorece a credibilidade da gestão.

O ânimo de Guedes pode se revelar prematuro. Para 2023, a expectativa é de desaceleração da atividade para apenas 0,5%, segundo as estimativas mais recentes.

As causas seriam a perspectiva de uma recessão global, os efeitos crescentes da política monetária restritiva no próximo ano, o esgotamento dos impactos da reabertura nos serviços e alguma contenção de gastos públicos, como costuma ocorrer no início de um novo ciclo presidencial.

Entre esses fatores, apenas os juros altos são uma certeza. No que está sob controle do governo, o cenário dependerá especialmente da difícil definição do Orçamento de 2023 e das regras fiscais que valerão para os próximos anos.

Hungria autocrática

País deixa de ser considerado uma democracia plena pela UE; embate com Orbán está no início

Na quinta-feira (15), o Parlamento Europeu em Bruxelas, na Bélgica, classificou o governo do nacionalista ultraconservador Viktor Orbán —um aliado de Jair Bolsonaro (PL)— de "autocracia eleitoral".

O termo é empregado para definir regimes que, mesmo mantendo ritos da democracia, como eleições periódicas, concentram poder desproporcional no governante. Autocratas tipicamente atacam as instituições e esvaziam a possibilidade de alternância.

Essa tem sido a história recente da Hungria, que aderiu à União Europeia em 2004. Desde 2010, quando Orbán ascendeu ao poder pela segunda vez, sendo reeleito desde então, o país tem entrado em choque com as normas do bloco continental em várias frentes.

Entre elas listam-se concentração da mídia, deterioração do Estado de Direito e ataques a direitos de migrantes e refugiados, pessoas LGBTQIA+ e mulheres.

Em abril, o Fidesz, partido de Orbán, conquistou 135 das 199 cadeiras no Parlamento, em eleição vista como pouco equilibrada por observadores internacionais.

Estão em jogo bilhões de euros destinados a Budapeste no Orçamento compartilhado de €1,1 trilhão do bloco europeu para 2021-27. As regras da UE condicionam o acesso aos fundos de recuperação pós-pandemia ao respeito interno a princípios do Estado de Direito.

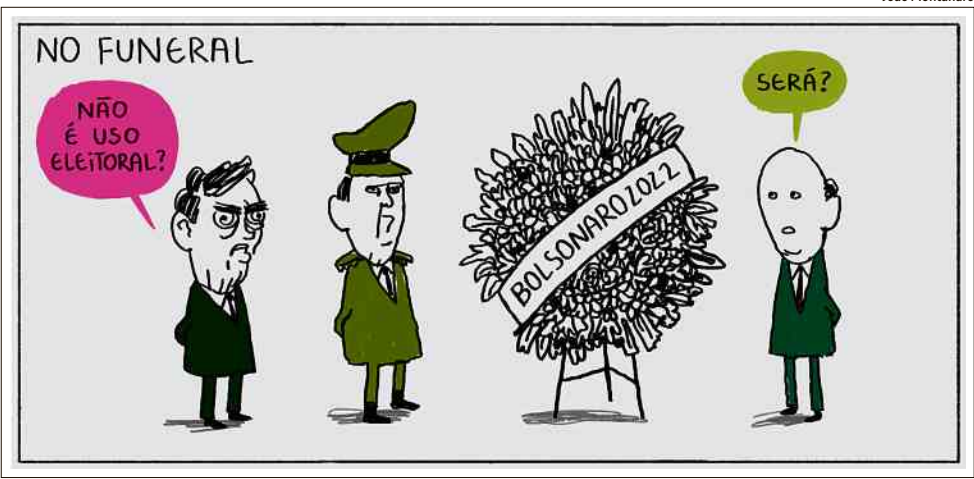
A resolução do Parlamento Europeu deste mês e uma decisão judicial da mais alta corte do bloco em fevereiro servem de apoio político e jurídico para que a Comissão Europeia, o Poder Executivo da UE, leve a cabo um longo processo de embate com Orbán.

Embora seja uma medida extrema, o corte de recursos talvez seja a única solução para deter a erosão da democracia húngara. Vale lembrar que mesmo diante de ameaças por parte da UE, o projeto autocrata continua a todo vapor.

Apenas neste ano, há exemplos diversos. O líder iliberal deu início à fusão dos três maiores bancos no país, controlados por seus aliados, logo após a vitória eleitoral de abril. Em julho, criticou países abertos a acolher imigrantes e "misturar populações".

Poucos dias atrás, o governo húngaro decretou que grávidas serão obrigadas a escutar as batidas do coração do feto caso decidam submeter-se a um aborto.

Não são atitudes de quem mostra alguma disposição ao diálogo e à moderação. A missão civilizatória da UE está diante de um desafio.

João Montanaro

Machismo e política

Lygia Maria

A jornalista Vera Magalhães foi atacada pelo deputado Douglas Garcia. Filmando com o celular, o deputado acusou a jornalista de receber salário de R$ 500 mil para criticar Bolsonaro (uma falácia já esclarecida diversas vezes) e ainda a chamou de "vergonha do jornalismo brasileiro".

Se o deputado acha que há uso ilegal de verba pública, deve procurar os meios cabíveis para investigação. Deputado não assedia cidadão. Deputado não é influencer, que faz vídeo para ganhar like no Instagram. Deputado deve propor projetos de lei e fiscalizar o Executivo. Ou seja, deputado deve trabalhar.

O ataque faz parte do modus operandi bolsonarista em relação à imprensa e às mulheres. Bolsonaro já disse que não estupraria uma deputada porque ela é muito feia. Disse que uma repórter da **Folha** "queria dar o furo", imputando conotação sexual à atividade profissional. Estimulou o turismo sexual, falando que "quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade". Para ele, mulheres devem receber salários menores porque engravidam. Sem contar a famosa "fraquejada" porque teve uma filha. A lista é interminável.

Ao ser questionado, Bolsonaro sempre fala que é piada ou jeito de se expressar (mesma desculpa usada para a vacina que transforma as pessoas em jacaré e para a imitação grotesca de pacientes com falta de ar). Porém, assim como deputado não é influencer, presidente não é humorista. O chefe de Estado deve respeitar a liturgia do cargo e o princípio da moralidade. Por sinal, a partir desse princípio, a Justiça Federal condenou a União a pagar R$ 5 milhões de indenização por falas machistas de Bolsonaro.

Presidente não é humorista porque não governa para os fãs, governa para todos os cidadãos. O que um presidente fala e faz representa os valores da sociedade que governa e tem o poder de influenciar os governados. Queremos que o machismo seja valorizado e estimulado no Brasil? Essa é uma boa pergunta a ser feita na hora de eleger um governante.

Nós da desigualdade

Ana Cristina Rosa

Será que alguém em sã consciência acredita que haja alguma chance real de desenvolvimento do Brasil sem que seja debelada a extrema desigualdade socioeconômica que caracteriza a nação e sem um projeto contínuo de qualificação da educação?

Felizmente, a percepção da maioria dos brasileiros é a de que este é um país que não "vai pra frente" sem encarar com seriedade suas imensas discrepâncias, sendo que 87% consideram obrigação dos governos reduzir a diferença entre os muito ricos e os muito pobres.

O dado é da pesquisa "Nós e as Desigualdades", realizada pela Oxfam Brasil e pelo Instituto Datafolha, divulgada dia 15. Para 85% dos entrevistados, o progresso está condicionado à redução das disparidades. Infelizmente, o levantamento também aponta para a "queda do otimismo individual e ascensão do ceticismo social": 65% não acreditam na redução das desigualdades nos próximos anos.

Coisa bastante compreensível numa pátria de miseráveis —mas não de bobos—, onde 10% dos jovens entre 11 e 19 anos abandonaram os estudos e o índice de menores não alfabetizados mais que dobrou na pandemia.

Num cenário desses, é natural que 54% não acreditem que a educação iguale as chances de crianças pobres virem a ter uma vida bem-sucedida e que 62% duvidem que o trabalho equalize as chances dos mais pobres. Um verdadeiro choque de realidade na falácia da meritocracia.

Ao mesmo tempo, a pesquisa revelou apoio social a políticas públicas de inclusão, como a lei de cotas para ingresso nas universidades federais —considerada importante por 74%.

Entre as principais prioridades listadas para reduzir as desigualdades estão investimentos públicos em educação e saúde, aumento da oferta de empregos, combate à corrupção, combate ao racismo e aumento do salário-mínimo.

São informações muito relevantes, especialmente a menos de duas semanas das eleições gerais no país onde 33 milhões passam fome, mas não perdem a gana de viver.

Fui pega no vermelho

Giovana Madalosso

Eu sei, anda meio perigoso declarar voto por aí, mas tem dias que acordo quase louca e preciso fazer alguma coisa. Sábado foi um desses dias. Pulei cedo da cama e vesti minha camisetinha vermelha com o rosto do candidato. Meu território não é dos mais amigáveis. Estou morando em Curitiba, onde homens brancos de 50+ costumam passear com cachorros na minha rua e rosnar para as minhas preferências políticas. Mas tudo corria dentro dos limites aceitáveis. Já era quase meio-dia e eu ainda não tinha levado facada nem tiro.

Eis que entro numa farmácia. Compro os antidepressivos necessários ao exercício de ser brasileira e me dirijo ao caixa. Um rapaz começa a olhar fixamente para o meu peito. Sabendo que ideologias vêm ganhando de mamilos no quesito "fazer um homem perder a cabeça", já me tensionei. E me tensionei ainda mais quando ele fechou a cara, apontou para a minha camiseta e bradou: esse cara é ladrão!

Pronto, pensei. Vou morrer no meio de uma farmácia segurando uma cesta recheada de remédios e cupons de oferta. Será que antes de partir ainda dá tempo de tomar um Rivotril? Talvez o melhor seja inventar alguma desculpa. Minha máquina de lavar quebrou, não tinha roupa para sair e tive que pegar emprestada a camiseta do esquerdalha que mora comigo, cogitei dizer. Mas antes que eu falasse qualquer coisa, ele prosseguiu: um ladrão que roubou meu coração.

Foi como se um Rivotril derretesse sob a minha língua. Quase abracei aquele espírito de porco. Depois trocamos algumas palavras calorosas e deixei a farmácia.

Saí pensando a que ponto chegamos. Camisetas e adesivos de quaisquer candidatos sempre foram um pretexto saudável para provocar debate nas ruas, nas escolas, nas mesas de bar. Logo agora, que mais precisamos discutir saídas para um país destroçado, mãos invisíveis inibem nossas vozes. Só pode ser medo do que elas têm a dizer.

O Jogo dos Tronos

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

Como explicar que Judiciário e Legislativo tenham adquirido enorme importância entre nós? Historicamente, o Poder dominante é o Executivo, que se confundia com abuso. Rui Barbosa foi preciso ao denunciá-lo como "o grande eleitor, o grande nomeador, o grande contratador, (...) o poder da força".

No pós-Guerra, os presidentes continuaram poderosos politicamente, embora com poderes constitucionais limitados. A Constituição de 1988 delegou amplos poderes ao Executivo como forma de superar deficiências do arranjo anterior (MPs; iniciativas exclusivas em matéria administrativa, tributária e orçamentária; poderes de agenda etc.). Mas a constituinte adotou a estratégia "coleira forte para cachorro grande" e delegou igualmente vastos poderes ao Judiciário e ao Legislativo (embora a este menores).

Sim, o Executivo perdeu poder, por exemplo, com as emendas constitucionais sobre MPs (2001) e o Orçamento, que se tornou crescentemente impositivo. Mas a dinâmica política tem se alterado também.

Penso que o STF adquiriu grande centralidade na última década devido aos sucessivos escândalos de corrupção e devido à ascensão de um governante iliberal. O mensalão representou o primeiro evento no qual as cortes superiores demonstraram forte autonomia e independência. O episódio do impeachment presidencial e os julgamentos do TSE deram sequência.

Com a ascensão de Bolsonaro, a corte teve que escolher a batalha existencial que travaria. Acabou escolhendo a contenção de Bolsonaro e abandonando a Lava Jato, à qual dera suporte importante. (Aliás, não importam as distinções partidárias: o governismo de turno sempre denunciará o "jacobinismo judicial").

Estes episódios acontecem em um quadro de enfraquecimento do Poder Executivo (evidenciado por ameaças de impeachment), associado a fatores como crises econômicas, escândalos, sentimento antissistêmico e hiperfragmentação partidária. Seu desenlace, no entanto, produziu igual debilitamento do próprio Judiciário. É nesse duplo processo de fragilização institucional que o Poder Legislativo se fortaleceu, aumentando seu protagonismo.

Chavez, Ferejohn e Weingast argumentaram que, nos EUA, a autonomia judicial aumenta em períodos de governo dividido e diminui quando forças rivais controlam os Poderes Executivo e Legislativo, impedindo assim um conluio entre estes Poderes contra o Judiciário. O equilíbrio é instável: se o STF julga membros do Legislativo, este tem poder para impedir juízes. (Não tenho espaço para discutir o papel crucial da opinião pública).

Fragmentação política aumenta a autonomia. Se isso é verdade, quais serão os cenários para os futuros governos?

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Uma aliança em nome dos desafios amazônicos

Bioma não suporta mais desastres da insegurança física, territorial e climática

Ilona Szabó, Raul Jungmann e Renato Sérgio de Lima
Presidente do Instituto Igarapé
Presidente do Centro Soberania e Clima
Diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

A Amazônia é um ativo estratégico central para o Brasil. Mais do que uma frase de efeito, este é um reconhecimento da relevância da região para o presente e o futuro do país, com impacto direto sobre o planeta.

Como tal, a Amazônia precisa estar no centro da nossa agenda pública, embora tenhamos assistido, nos últimos anos, a um flagrante contraste entre a potência que a região significa para o desenvolvimento sustentável e a intensidade das ameaças sobre a floresta e seus defensores.

De um lado está a condição de maior floresta tropical do mundo e um dos grandes celeiros de biodiversidade, casa de povos originários e tradicionais, e abrigo de inestimáveis riquezas culturais. De outro, o avanço do desmatamento ilegal num contexto de emergência climática, o aumento da violência com a ascensão do crime organizado, as ocupações ilegais no território, a informalidade e as desigualdades socioeconômicas.

Diante desses desafios e necessidades, o Instituto Igarapé, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Centro Soberania e Clima se uniram na defesa dessa causa pública. O efeito direto dessa aliança é o lançamento dos seguintes documentos: o diagnóstico "Governança e Capacidades Institucionais da Amazônia" e a "Agenda Governar para não Entregar".

A agenda apresenta propostas sobre questões estruturais e de governança da região, ações concretas relacionadas à redução do ecossistema dos crimes e ilícitos ambientais, com foco imediato na interrupção do desmatamento, além de soluções para os crimes violentos, especialmente urbanos. Precisamos convergir fiscalização ambiental, segurança pública, justiça criminal e defesa em torno da floresta de pé e da proteção das pessoas.

A missão não é simples. É preciso fortalecer o Estado de Direito e o cumprimento da lei, levando em conta os crimes e ilícitos ambientais, os crimes violentos e transnacionais, assim como as dinâmicas que desafiam o controle territorial.

Por isso, as recomendações envolvem estratégias de inovação na governança, investimento em recursos humanos e logísticos, aprimoramento da rastreabilidade e controle das economias que impactam o desmatamento e aperfeiçoamento dos mecanismos de responsabilização pelos crimes ambientais, além de ações de prevenção da violência, produção transparente de dados, fortalecimento das forças policiais e melhoria da gestão do sistema prisional e socioeducativo de toda a Amazônia Legal.

[...]

> É preciso fortalecer o Estado de Direito e o cumprimento da lei, levando em conta os crimes e ilícitos ambientais, os crimes violentos e transnacionais, assim como as dinâmicas que desafiam o controle territorial. (...) A esse compromisso estão convocadas desde já as candidaturas

Ao lado da agenda, o diagnóstico produzido oferece diversas evidências da baixa eficiência do Estado brasileiro, em especial nos territórios distantes dos grandes centros urbanos. O déficit de estrutura do aparato de segurança pública e justiça é significativo. Juntas, as forças de segurança da região dispõem de 148 embarcações da Polícia Militar e 34 da Polícia Civil, além de 4 aviões e 2 helicópteros. Para se ter uma ideia da capacidade de mobilidade, as polícias Civil e Militar do estado de São Paulo contam, somadas, com 686 embarcações, 4 aviões e 28 helicópteros para cobrir uma área muito menor.

Outro indício dessa fragilidade está nos próprios efetivos. No Brasil, existem em média 93 km² por policial civil, mas nos estados da Amazônia essa área sobe para 428 km². O mesmo ocorre em relação aos policiais militares. No conjunto dos seis estados da Amazônia, têm-se um total de 91 km² por policial militar, quando no cenário nacional é muito inferior, de apenas 21 km².

Há um longo caminho a percorrer, que inclui a aproximação entre diferentes órgãos de inteligência, de controle fiscal e financeiro e uma governança robusta de tomada de decisão, com revisão de normas e responsabilidades institucionais e federativas.

A esse compromisso estão convocadas desde já as candidaturas à Presidência da República e ao Executivo e Legislativo dos estados da região, que receberão esses documentos. A Amazônia não está fadada a conviver com os desastres da insegurança física, territorial e climática, mas a se reafirmar como aquilo que efetivamente é: o passaporte do Brasil para o futuro.

40 anos da pior das crises

Com economia arruinada, vivia-se um dia de cada vez, e a cada dia sua agonia

Bernardo Braga Pasqualette
Advogado e jornalista, é autor de 'Me Esqueçam' (ed. Record), sobre o ex-presidente João Figueiredo

Folha, 6 de abril de 1983. Em editorial ("Abertura em crise"), o periódico refletia sobre quão tardia havia sido a resposta do governo brasileiro aos primeiros sinais da crise econômica que se anunciara no final da década de 1970. Naquele primeiro semestre de 1983, o Brasil ainda pagava a conta de um dos piores meses de toda a história econômica nacional: setembro de 1982, o famigerado "setembro negro", no qual a economia brasileira "quebrara".

Tudo começou em 1979, coincidentemente o primeiro ano de mandato do presidente João Figueiredo. Em Teerã, chegara ao poder o aiatolá Khomeini, o que daria início ao segundo choque do petróleo. Para piorar o que já era suficientemente ruim, Paul Volcker, secretário do Tesouro norte-americano, elevou a taxa de juros diante do quadro recessivo em seu país, o que afetaria diretamente a dívida externa brasileira.

Dois personagens de uma só crise. Cada qual a seu modo e com suas próprias convicções. Ambos foram responsáveis por decisões que arruinariam a economia brasileira, àquela altura um dos maiores devedores do mundo em desenvolvimento.

Em setembro de 1982 haveria o encontro do FMI em Toronto, no Canadá. Autoridades monetárias brasileiras esperavam que naquela ocasião fosse criado um fundo para ajudar as combalidas economias dos países devedores. Nada feito. O ciclo de crescimento baseado no endividamento externo acabara. Era o triste fim do "milagre econômico" brasileiro.

A conta tardara, mas chegara.

Assim, há exatos 40 anos, a economia brasileira estava em frangalhos, incapaz de arcar com o serviço da dívida do país. Aos funcionários do Banco Central cabia a ingrata missão de viajar pelo mundo para descontar créditos pequenos e medianos para fechar as contas ao final de cada dia. Vivia-se um dia de cada vez, e a cada dia a sua agonia. Assim, todo dia era uma agonia.

Parecia muito, mas não era tudo. A caótica realidade se impunha e chegou a ser necessário usar o braço produtivo do governo, que ainda gozava de algum crédito no exterior, para ajudar a saldar os juros da dívida, já que os credores internacionais não aceitavam mais rolar a dívida diretamente para o governo brasileiro. Assim, Banco do Brasil, Banespa e até a Petrobras entraram em cena para evitar a bancarrota.

[...]

> Diante do abismo econômico, Figueiredo vociferou: "Largaram os quatro cavaleiros do Apocalipse em cima do meu governo. Eu não mereço isso! Só falta agora uma praga de gafanhotos". E a praga veio. Naquele mesmo ano, nuvens de gafanhotos vindas da Bolívia invadiram o estado de Mato Grosso

Diante do abismo econômico, Figueiredo vociferou: "Largaram os quatro cavaleiros do Apocalipse em cima do meu governo. Eu não mereço isso! Só falta agora uma praga de gafanhotos". E a praga veio. Naquele mesmo ano, nuvens de gafanhotos vindas da Bolívia invadiram o estado de Mato Grosso.

Desavisado, no entanto, o presidente não estava. Mário Henrique Simonsen, poderoso ministro do Planejamento no início de seu mandato, alertara-o sobre as condições dramáticas que se avizinhavam. Não foi ouvido. Pouco depois, o povo pagou a conta naquilo que ficaria conhecida como a "década perdida" — e o governo de Figueiredo acabara marcado pelo arroxo salarial e pelo receituário recessivo imposto pelo FMI.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

lustração de Carvall para a coluna do ombudsman

Pesquisas

"Não faça do celular uma arma" (Ombudsman) Os esclarecimentos sobre os critérios dos institutos de pesquisa foram importantes. Não estava claro, por exemplo, que as pessoas não são ouvidas em seus locais de trabalho, nem no trajeto em transporte individual ou coletivo. Mas, de qualquer modo, refletem a opinião dos que andam a pé pelas ruas (Datafolha) ou ficam em casa (Ipec).
José Eduardo Cardoso (Rio de Janeiro, RJ)

Elio Gaspari

"A rejeição de Bolsonaro" (Política) Está difícil para simpatizantes do retrocesso. Brasil bombando pós pandemia, PIB em vigorosa alta, inflação controlada, Executivo reduzindo gastos, empregos aumentando solidamente, espetacular programa de atendimento aos mais necessitados, estatais gerando recursos como nunca, superávit no orçamento federal, respeito ao teto de gastos, tudo sem desvio de finalidade. Cabe ao povo escolher entre dois projetos: prosperidade ou atraso.
Dilson J. Gadioli Santos

*

Estava com saudades de ler o Elio Gaspari. É um mestre na percepção das coisas e das pessoas. Nenhum jornalista conhece melhor os capitães deste brazilzão.
Clóvis da Silva Leitão (Rio de Janeiro, RJ)

Sexo grupal

"Polícia Civil apura suposto sexo grupal entre alunos do colégio Pedro 2º, no RJ", (Cotidiano) Tenho a impressão de que esse comportamento tem a ver com o caráter repressivo da escola. Quanto maior a repressão, mais forte a reação.
Danielle Miranda Maciel (São Paulo, SP)

*

Mesmo sendo todos menores de idade, é o caso de se apurar se a conduta dos maiores de 14 anos configura crime de estupro contra os menores de 14. Isso compete à autoridade policial investigar. Fora isso, creio que se trata de uma questão disciplinar interna da instituição, que deve ter regras e normas de funcionamento. É possível também investigar se houve conluio ou negligência por parte de algum funcionário da instituição.
Raimundo Carvalho (Vitória, ES)

*

É um caso de educação sexual, e não policial. Atestado o consentimento e ausência de violências, as famílias e o colégio que tratem do assunto.
Francisco Barbosa (Guarapuava, PR)

Jovem Pan

"Como a Jovem Pan virou a voz do bolsonarismo", (Política) Bolsonaro não sabe conviver com o contraditório, é muito pouco qualificado até para dizer bobagens sem ofender, como Lula da Silva faz. Ninguém espera o nível de um Fernando Henrique Cardoso, que pode falar ao New York Times ou ao Le Monde no idioma deles, mas um pouco de civilidade.
César A. C. Sanches (Brasília, DF)

A **Folha** ataca Moro, inclusive sua mulher, não dá uma nota que favoreça Bolsonaro, e se considera imparcial.
Carlos Guimarães (Curitiba, PR)

A reportagem me fez recordar as tardes de domingo no século passado, em que relevávamos por algumas horas o mal disfarçado malufismo do noticiário para ouvir o futebol, sempre com os melhores narradores esportivos, e o delicioso "Show de Rádio" de Estevão Sangirardi. Afirmações como as de que a Jovem Pan "não se posiciona em defesa de figuras ou de partidos políticos" e de que "traz um jornalismo independente" remetem à Rádio Camanducaia, cujo lema dizia que "quando não tem notícia a gente inventa".
Celso Balotti (São Paulo, SP)

Bolsonaro em Londres

"Apoiadores de Bolsonaro recebem presidente aos gritos em Londres" (Política) Um reino em luto. O silêncio, uma forma de mostrar respeito. E os zumbis alucinados gritando como se estivessem em um estádio, ou melhor um estábulo. Vergonha alheia.
Elias Alves (São Paulo, SP)

*

Assim como dançou sobre os caixões dos mortos da Covid-19, Bolsonaro foi a Londres, financiado por nós, tentar dançar sobre o caixão da rainha na tentativa de virar uma eleição perdida. Somos a grande piada global, um país, agora esquisito, presidido por um aloprado sem noção de mundo e civilidade. Que vergonha.
Valdo Neto (Jandira, SP)

Trocadilho com KKK

"Sofia Manzano e candidatos a deputado acionam TSE contra Bolsonaro por trocadilho sobre KKK" (Painel) Se fosse com alusão ao holocausto, essa "brincadeira" seria tolerada?
Maria de Lourdes Vasconcelos (Itatiba, SP)

*

Ainda me pergunto como pode fazer uma piada preconceituosa dessa em um país com a maioria da população negra.
Arley Leite (Uberlândia, MG)

*

Quando Silvio de Almeida diz ser "inaceitável que o homem que exerce o cargo de Presidente da República participe de um evento que faça alusão, mesmo que de forma jocosa, a um grupo de assassinos, terroristas e racistas", ele acha aceitável que um ex-presidente, em discurso de ódio "do bem", diga que as milhares de pessoas que participaram de manifestação do candidato adversário pareciam ser da KKK?
Carlos Victor Muzzi Filho (Belo Horizonte, MG)

Hélio Schwartsman

"Cancelamento gratuito" (Opinião) Concordo com a premissa geral, mas uma informação que o colunista não passou, ou não sabia, a soprano Netrebko sempre apoiou, inclusive financeiramente, os rebeldes russos da Crimeia contra os ucranianos. Difícil saber se a condenação que a soprano fez da guerra da Ucrânia é algo sincero ou apenas por interesse.
Roberto Cezar Bianchini (São Paulo, SP)

*

Estigmatizar é um caminho fácil, primitivo e covarde.
Flávio Sasso (Santa Cruz de Minas, MG)

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Contabilidade criativa

A direção nacional do PL destinou R$ 11 milhões do Fundo Eleitoral para a candidata a vice-governadora de Pernambuco Izabel Urquiza, valor que supera o total transferido para a campanha do presidente Jair Bolsonaro, que recebeu R$ 10 milhões do partido. Urquiza é vice na chapa de Anderson Ferreira, candidato do PL ao governo do estado. Apesar de terem sido enviados a ela, os recursos aparecem na prestação de contas de Ferreira, que, na prática, vai gerir o dinheiro.

UNIDOS Questionada sobre por que o dinheiro repassado pelo partido aparece na prestação de contas de Anderson Ferreira, Izabel Urquiza disse que a chapa é uma só. "A candidatura é única, indivisível: governador/vice-governadora", afirmou via assessoria.

BURLA Os partidos são obrigados a transferir ao menos 30% de recursos do fundão para financiar campanhas de mulheres, obrigação legal criada para estimular a participação feminina na política. Como forma de driblar a exigência, legendas costumam destinar recursos a candidatas, mas que acabam geridos por homens. O PL não quis se manifestar.

CHORORÔ O primogênito de Bolsonaro, Flávio, se queixa publicamente da falta de recursos para financiar a campanha do pai à reeleição. Em vídeo postado em 6 de setembro, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, disse que os recursos públicos para financiamento de campanha do partido não são suficientes.

COFRE CHEIO Ely Santos, candidata a uma vaga na Câmara dos Deputados e irmã do prefeito cassado de Embu das Artes (região metropolitana de São Paulo), Ney Santos, já recebeu R$ 2,5 milhões do Republicanos, partido de Tarcísio de Freitas. Em 31 de agosto, a **Folha** mostrou que a candidata tinha recebido R$ 625 mil da direção estadual da legenda.

ZERO PROBLEMA O Republicanos diz que o registro da candidatura de Ely Santos foi deferido pelo Tribunal Regional Eleitoral e que o valor deve-se à força de sua candidatura.

AZEDOU A ofensiva da campanha do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pelo voto útil pode levar o MDB de Simone Tebet a liberar seus filiados no 2º turno, afirmam aliados da presidenciável. A aliados, a senadora afirma que a postura do PT pode inviabilizar o eventual apoio do MDB em um 2º turno.

CONTRÁRIOS Isso porque, na avaliação de Tebet, a nova bancada do partido deve ser composta por uma maioria que rivaliza com a legenda de Lula. Apesar disso, é improvável que o MDB apoie Jair Bolsonaro, principal adversário de Lula nas eleições. O estilo do presidente e a apologia à Ditadura Militar são vistos como entraves pelo partido dirigido por Baleia Rossi (SP).

ISENTOS Tucanos também avaliam que o PSDB deverá seguir o caminho da neutralidade para contemplar alas pró-Lula e pró-Bolsonaro. Reservadamente, integrantes do partido afirmam ser quase impossível o PSDB se posicionar tanto para o lado de Lula quanto para as bandas de Bolsonaro.

AQUI NÃO A coligação de Lula entrou com uma representação junto ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) para impedir que Bolsonaro faça uso eleitoral de sua viagem a Londres, onde está para participar funeral da rainha Elizabeth 2ª.

RESPEITO A campanha afirma que Bolsonaro "confunde as figuras de Presidente da República com a de candidato à reeleição". Os advogados pedem que o presidente seja impedido de usar como propaganda eleitoral qualquer vídeo, fotografia ou material da viagem.

com Guilherme Seto, Juliana Braga e Danielle Brant

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6	R$ 9	R$ 827,90
DF, SC	R$ 7	R$ 10	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 7,50	R$ 11	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 11,50	R$ 14	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 12	R$ 15	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
349.464 exemplares (julho de 2022)

Mulher na aldeia Extrema, na Terra Indígena Jaminawa do Rio Caeté (AC) Fotos Lalo de Almeida/Folhapress

Sem demarcação, terras indígenas sofrem com invasões e ação de facções

Folha publica série sobre consequências de políticas de Bolsonaro; jaminawas, no Acre, revivem conflitos pela ação de traficantes

NEM UM CENTÍMETRO DEMARCADO

Vinicius Sassine e Lalo de Almeida

SENA MADUREIRA (AC) Uma história cheia de curvas. Assim indigenistas da Funai (Fundação Nacional do Índio) definiram a trajetória dos jaminawas, habituados a conflitos internos e a longas peregrinações na Amazônia.

Os jaminawas mantêm as lembranças de mortes em enfrentamentos entre famílias. Peregrinaram por reconciliação e sobrevivência, até serem acomodados pelo Estado numa terra —a Jaminawa do Rio Caeté— em 1997, permitindo um armistício para o que os indigenistas chamaram de "guerras intertribais".

Agora, 25 anos depois, no interior do Acre, os conflitos entre os jaminawas têm outra origem: jovens de aldeias distintas são cooptados pelas maiores facções criminosas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

O PCC e o Comando Vermelho estão em Sena Madureira (AC), a cidade mais próxima da terra indígena Jaminawa do Rio Caeté. São 80 km de distância —ou, em média, três horas e meia de carro por uma estrada de terra acidentada, mesmo período gasto quando é possível pegar um barco, na época de cheia.

As facções cooptaram jovens jaminawas, como descreveram à **Folha** três pais de indígenas presos na penitenciária da cidade por suspeita de tráfico de drogas. São oito prisões recentes, segundo os relatos à reportagem feitos dentro de uma casa simples de madeira e teto de palha, na aldeia principal do território.

Por integrarem grupos rivais, não podem dividir celas, e os familiares têm de se organizar para visitas em dias distintos. Nas aldeias, quando em liberdade, esses indígenas não se encontram mais.

Em meio ao avanço das facções nos últimos cinco anos, os jaminawas estão jogados à própria sorte, numa terra indígena sem demarcação. Não há reconhecimento da ocupação, delimitação e acompanhamento consistente ou fiscalização contra invasores por órgãos como a Funai.

Aldeias da Jaminawa do Rio Caeté não têm energia, água potável e escolas —a escola da aldeia principal ruiu. Em espaços improvisados, o ensino só existe até o quarto ano do ensino fundamental.

O abandono ocorre apesar da existência de uma decisão da Justiça Federal que determinou à Funai a conclusão do relatório sobre a ocupação territorial feita pelos jaminawas, para fins de demarcação. A decisão foi proferida em dezembro de 2016. O prazo dado era de seis meses. Nada foi feito.

Documentos mostram que a Funai, no governo de Jair Bolsonaro (PL), só reconstituiu um grupo técnico, para elaboração do relatório, em fevereiro de 2022. Este é o início de um burocrático processo que pode culminar na demarcação.

A situação da terra Jaminawa do Rio Caeté evidencia as consequências da política de Bolsonaro de barrar toda e qualquer demarcação. A homologação desse processo passa pela caneta do presidente, que cumpriu a promessa e a renovou, em caso de reeleição: "Não terá um centímetro quadrado demarcado".

A redução de demarcações é progressiva ao longo dos últimos mandatos presidenciais,

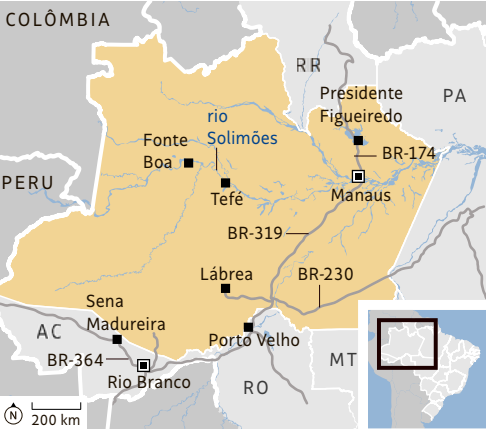
Continua na pág. A5

+ SÉRIE DE REPORTAGENS
Repórteres da **Folha** viajaram pela Amazônia, em territórios indígenas, para registrar e relatar as consequências da política do governo Jair Bolsonaro (PL) de zerar demarcações no país. As histórias serão contadas em cinco reportagens, publicadas uma por semana até a segunda quinzena de outubro

Demarcações de terras indígenas por presidente

Presidente	Quantidade	Média por ano	Tempo de mandato
Sarney	67	13	5 anos
Collor	112	56	2 anos e 7 meses
Itamar	18	9	2 anos
FHC	145	18	8 anos
Lula	79	10	8 anos
Dilma	21	5	5 anos e 5 meses
Temer	1	0,5	2 anos e 4 meses
Bolsonaro	0	0	3 anos/até hoje*

*Setembro de 2022
Fonte: Cimi (Conselho Indigenista Missionário)

O percurso feito pela reportagem da Folha

1. Repórter e fotógrafo foram de Manaus a Tefé (AM) em voo comercial
2. Num barco, a equipe visitou duas terras não demarcadas: Porto Praia e Boará Boarazinho, a menos de 30 minutos do porto da cidade
3. Pelo rio Solimões, numa lancha comercial, a reportagem foi de Tefé a Fonte Boa (AM), distantes 180 km (6 horas de viagem)
4. A primeira terra visitada, Boca do Mucura, fica numa ilhota em frente a Fonte Boa. A segunda, Santa União, está a três horas de barco a partir do porto da cidade
5. A equipe retornou a Tefé, de lancha comercial, e a Manaus, de avião
6. De Manaus, os repórteres seguiram para Presidente Figueiredo (AM), pela BR-174. A cidade é a mais próxima da terra Waimiri Atroari. Até as aldeias visitadas, são mais 120 quilômetros
7. De volta a Manaus, os repórteres voaram a Porto Velho. De lá, viajaram até Lábrea (AM). Passaram pela BR-319 e pela Transamazônica (BR-230), um percurso de 400 quilômetros. A terra indígena visitada foi a Caititu
8. Feito o percurso de volta a Porto Velho, a equipe seguiu para Sena Madureira (AC), pela BR-364 (mais 650 quilômetros)
9. A terra indígena Jaminawa do Rio Caeté, na seca, é acessada apenas por terra. São 80 quilômetros a partir de Sena Madureira. Por ser a maior parte estrada de chão e por existirem 58 porteiras, percurso dura 3 horas e meia.
10. Os repórteres voltaram de carro a Rio Branco (140 quilômetros). E voaram para Manaus e São Paulo

Terra indígena

No alto, pichação de facções (PCC e Bonde dos 13) na parede de casa em Sena Madureira (AC); acima, jovem usa telefone público na aldeia Extrema, na terra indígena Jaminawa do Rio Caeté

Continuação da pág. A4

mas Bolsonaro é o primeiro a zerar tanto as declarações de posse —atos que antecedem as homologações— quanto as demarcações definitivas, segundo consultas ao Diário Oficial da União e dados levantados por Cimi (Conselho Indigenista Missionário) e ISA (Instituto Socioambiental).

Decisões da Justiça Federal não são cumpridas. Em 2018, ano em que Bolsonaro foi eleito, havia 54 decisões determinando o avanço dos processos de demarcação, diante da histórica letargia da Funai. Na reta final do mandato, após recursos na Justiça, 20 processos seguem na fase de reivindicação; 30, em estudo; 3, em reestudo; e apenas 1 está em fase de declaração de posse.

O banco de dados da Funai registra 417 terras indígenas homologadas e regularizadas. Outras 235 têm processos em andamento, o que totaliza 652. Quando se incluem todas as reivindicações, o que é compilado ano a ano pelo Cimi, são 1.300 terras indígenas, o dobro do que é levado em conta pela Funai.

Procurado, o órgão não respondeu aos questionamentos.

Ao colocar em prática a política do "nem um centímetro", Bolsonaro estabeleceu um padrão para esses territórios. A **Folha** percorreu 6.000 km, esteve em sete terras indígenas na Amazônia —cinco não demarcadas e duas demarcadas, que sofrem consequências dessa política— e constatou uma realidade comum, em escalada cada vez mais grave: invasões por madeireiros, pescadores, caçadores e grileiros; lideranças ameaçadas de morte; e conflitos internos insuperáveis.

A ausência quase total da Funai, com a consequente ampliação de frentes de vigilância pelos próprios indígenas, também é uma constante. A reportagem teve acesso a documentos de processos administrativos por meio da Lei de Acesso à Informação e consultou ações com decisões a favor das demarcações.

Na Jaminawa do Rio Caeté, os indígenas preservam a língua pano e pouco usam o português. Em cinco aldeias, em que antes existiam dois seringais, vivem 240 indígenas. Eles chegaram à terra em 1997, pelas mãos do Estado —mais especificamente por iniciativa da Funai—, depois de um histórico de mendicância em Rio Branco, a 140 quilômetros de Sena Madureira.

Antes da capital do Acre, os indígenas viviam em terras em Assis Brasil (AC), na fronteira com Peru e Bolívia. Segundo indigenistas que auxiliaram as famílias na busca por território, a origem do grupo está no Peru. Antepassados viviam pacificamente numa aldeia, até o aparecimento de "caucheiros peruanos" —seringueiros. "Nasci num seringal, entre os rios Acre e Iaco", diz Antônio Jaminawa, um dos pioneiros da terra. "No seringal, cortava, derrubava e carregava seringa. Aí mataram meu irmão, em briga de parente, e deixei o lugar. Era para ser eu, ele morreu por engano."

A escolha do território, cujo suposto dono tinha dívidas com a União, deu-se porque jaminawas trabalharam para seringueiros do lugar, segundo Manoel Jaminawa, assistente de saúde indígena. Ele estava com Antônio na expedição de busca pela terra, em 1997. Tinha 19 anos. Famílias inteiras aguardavam o desfecho para prosseguir para a região.

Com aval da Funai, os jaminawas se instalaram. Lá, eles mantêm os hábitos de caça, pesca e cultivo de macaxeira e banana. As famílias reconquistaram uma convivência mais harmônica, que havia se perdido por uma sucessão de acontecimentos: a chegada dos caucheiros do Peru, o alcoolismo em aldeias brasileiras, a dependência de esmolas nas esquinas de Rio Branco.

A demarcação nunca saiu. A medida permitiria ações de fiscalização contra invasores. A terra é vizinha da reserva extrativista Cazumbá-Iracema, criada em 2002, cinco anos após a chegada dos jaminawas. A reserva é salpicada de propriedades rurais, onde se cria gado, e tem longas faixas de degradação.

A convivência entre os dois lados já foi conflituosa. Uma história repetida à exaustão é o assassinato de um indígena por um policial em Sena Madureira, durante disputa com um extrativista. As duas partes brigavam por terra. "Tem gente na reserva que não gosta de nós, não gosta de índio", diz Antônio Pedro Jaminawa, que era sogro da vítima.

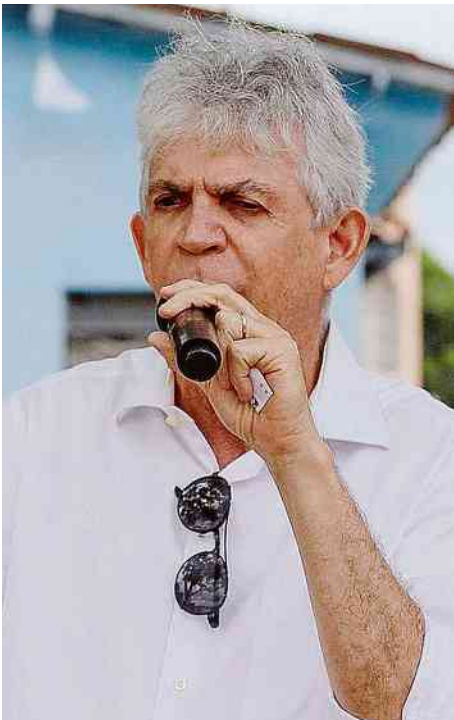
A corrida na Jaminawa do Rio Caeté, hoje, é pela inclusão da produção de banana e macaxeira no cardápio da merenda nas escolas estaduais e pela construção de escolas nas aldeias sem salas de aula e sem turmas a partir do quinto ano do ensino fundamental. O entendimento nas comunidades é o de que a demarcação as colocaria no mapa do Estado brasileiro.

Os indígenas vivem com medo das facções. Relatam ameaças, casas queimadas e trocas de tiros nos outros territórios onde há jaminawas em Sena Madureira, também sem demarcação —São Paulino e Caiapucá. O medo se estende às casas de palafita nas franjas do município, mantidas pelos indígenas.

Um pai resume assim a realidade do filho preso na cidade, suspeito de envolvimento com uma facção: "Meu filho caçava, pescava, fazia roça na aldeia. Na cidade, fica desamparado. Ele quer voltar para cá."

A reportagem contou com apoio do Amazon Rainforest Journalism Fund, em parceria com Pulitzer Center

Ex-governador Wilson Witzel (PMB) teve sua candidatura barrada pelo TRE-RJ Carl de Souza/AFP

Valmir de Francisquinho (PL) está impedido de disputar as eleições em Sergipe Divulgação

O ex-governador da Paraíba Ricardo Coutinho (PT) teve candidatura ao Senado indeferida Divulgação

Justiça barra candidatos e mexe no xadrez dos estados

Líder da corrida eleitoral ao Governo de Sergipe teve registro negado por tribunal

João Pedro Pitombo

SALVADOR A impugnação de candidaturas a governador, vice-governador e senador e a renúncia de candidatos em disputas majoritárias mudaram o xadrez eleitoral da disputa nos estados.

Levantamento da **Folha** aponta que, até esta sexta-feira (16), três candidatos a governador tiveram a candidatura indeferida, 11 foram barrados pela Justiça Eleitoral nos estados, mas recorreram ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e outros cinco renunciaram a suas candidaturas.

Dentre eles, estavam postulantes a governador que lideravam pesquisas em seus estados, Valmir de Francisquinho (PL), em Sergipe, e Ivo Cassol (PP), em Rondônia.

Aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL), Valmir teve o registro negado por unanimidade no Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe, mas recorreu ao TSE e segue com a campanha nas ruas.

Ex-prefeito de Itabaiana, quarta maior cidade do estado, ele foi condenado por abuso de poder econômico em 2019 e se tornou inelegível.

Valmir lidera a corrida pelo governo, segundo pesquisa Ipec divulgada em 25 de agosto. Ele tem 29% das intenções de voto contra 16% do deputado federal Fábio Mitidieri (PSD), 15% do senador Rogério Carvalho (PT) e 9% do senador Alessandro Vieira (PSDB).

A tendência é que ele mantenha a sua candidatura até às eleições. "Não tenho plano B, só tenho o plano Valmir. Há um medo nítido dos nossos adversários que não querem enfrentar nas urnas a vontade livre, espontânea e soberana do povo", diz à **Folha**.

A decisão é criticada por adversários, que avaliam que a ela traz insegurança jurídica à disputa e torna ainda mais confuso o cenário eleitoral. Isso porque seus votos na urna poderão ser anulados em caso de confirmação da impugnação pelo TSE.

Em Rondônia, o ex-governador Ivo Cassol (PP), um dos favoritos na disputa pelo governo do estado, renunciou a sua candidatura há dez dias.

Pesquisa Ipec divulgada em 25 de agosto apontava o governador Marcos Rocha com 30% das intenções de voto, em empate técnico com Cassol, que tinha 29%. Na sequência, apareciam o senador Marcos Rogério (PL) com 13% e o deputado federal Léo Moraes (Podemos) com 6%.

Cassol foi condenado por fraude em licitação pública em 2013, decisão confirmada pelo STF (Supremo Tribunal Federal) cinco anos depois. Ele ficou inelegível até 2026.

Sua candidatura, contudo, ganhou fôlego após o ministro do STF Kassio Nunes Marques ter concedido uma liminar que suspendia a inelegibilidade. Mas a decisão foi derrubada pelo pleno da corte.

Ao justificar sua decisão, Cassol disse que não iria seguir em uma briga já perdida. "Saio de cabeça erguida, com dever cumprido. Fiz a minha parte. Eu poderia continuar. Não vou continuar porque acho uma humilhação pelo que eu fiz, pelo que eu trabalhei, pelo que eu construí."

A saída de Cassol embaralha o jogo eleitoral no estado. Ele afirmou que não deve apoiar nenhum outro candidato ao Governo de Rondônia, mas aliados têm indicado voto para Léo Moraes (Podemos).

No Rio, o ex-governador Wilson Witzel (PMB) enfrenta cenário semelhante. Eleito governador em 2018, foi alvo de impeachment em 2021 sob acusação de chefiar um esquema de desvio de recursos para combate à Covid-19.

Na semana passada, o TRE do Rio indeferiu o registro de sua nova candidatura ao governo do estado, já que Witzel está proibido de exercer funções públicas por cinco anos. O candidato recorre no TSE.

A saída do ex-governador da disputa, contudo, tem impacto pequeno na corrida. Segundo pesquisa Datafolha divulgada nesta quinta (15), Witzel tem 3% das intenções e é rejeitado por 47% dos eleitores.

Na disputa pelo Senado, cinco candidatos foram indeferidos, 15 foram barrados, mas recorrem e outros 11 renunciaram. As decisões da Justiça Eleitoral devem mexer em quatro estados: Paraíba, Rondônia, Rio e Tocantins.

Na Paraíba, o ex-governador Ricardo Coutinho (PT) lidera com 30% das intenções, segundo pesquisa Ipec. Mas sua candidatura está na berlinda após ter sido indeferida pela Justiça Eleitoral do estado. Ele vai recorrer ao TSE.

O petista, que é um dos principais aliados de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na Paraíba, foi condenado por abuso de poder político e econômico em 2020 em uma ação referente às eleições de 2014. Ficou inelegível por oito anos, contando a partir daquele ano.

Igor Suassuna, responsável pela defesa de Coutinho, argumenta que é preciso fazer uma análise mais cuidadosa dos efeitos da inelegibilidade.

Também defende que, caso a decisão seja validada, a data de diplomação, e não da eleição, conste como marco temporal. Assim, Coutinho poderia tomar posse caso eleito.

As pendências judiciais têm sido exploradas pelos adversários. O deputado federal Efraim Filho (União Brasil), que também concorre ao Senado, adotou o discurso de ser "ficha limpa" como mote.

No Rio, quem teve a candidatura ao Senado indeferida pela corte estadual foi o deputado federal Daniel Silveira (PTB). Ele foi condenado pelo STF em 2021 por ameaças e incitação à violência contra ministros da corte, mas teve a pena indultada por Bolsonaro.

O parlamentar recorreu. Mas, na manifestação bolsonarista no Sete de Setembro, comparou o TSE a uma "câmara de gás" e disse que deve colocar sua mulher, a advogada Paola Silveira, para concorrer ao Senado em seu lugar.

A saída ou não de Silveira da disputa pode ter impactos no resultado final, já que ele tem o apoio da ala mais radical do bolsonarismo, que não apoia a reeleição do senador Romário (PL). Silveira tem 6% das intenções, segundo pesquisa Datafolha divulgada na quinta.

No Tocantins, o ex-governador Mauro Carlesse (Agir) desistiu de concorrer ao Senado. Ele foi afastado do Governo do Tocantins em outubro de 2021 por suspeita de corrupção e renunciou em março, evitando o processo de impeachment. Carlesse alegou ser alvo de perseguição ao justificar sua desistência.

Senador por Rondônia, Acir Gurgacz (PDT) concorre à reeleição, mas foi barrado pela Justiça Eleitoral em seu estado com base na lei da Ficha Limpa e recorreu. Em 2018, ele foi condenado pelo STF pelo crime de desvio de finalidade na aplicação de financiamento obtido em instituição financeira oficial e cumpriu pena em regime semiaberto.

Folha fará lives com candidatos a deputado federal por São Paulo

SÃO PAULO A **Folha** fará uma série de lives pelo Instagram do jornal com alguns candidatos a deputado federal por São Paulo. As transmissões começam nesta segunda-feira (19).

Os bate-papos terão dez minutos de duração cada um e serão mediados por Renata Galf, Joelmir Tavares, Artur Rodrigues, Bruno Soraggi e Carlos Petrocilo, repórteres da editoria de Política.

Os convidados foram escolhidos de forma a apresentar ao eleitor um painel diverso de gênero, cor e ideologia dos candidatos. Nesta segunda serão entrevistados Luana Tavares (PSD), às 10h, e Daniel Munduruku (PDT), às 10h30.

Para não perder as transmissões, siga o jornal no Instagram e ative o sininho para receber as notificações.

Na atual campanha eleitoral, o jornal lançou algumas iniciativas sobre a disputa ao Legislativo.

A **Folha** e o Datafolha lançaram neste mês o Match Eleitoral 2022, ferramenta para facilitar a escolha dos candidatos à Câmara dos Deputados e ao Senado em São Paulo.

O recurso funciona como um Tinder, o aplicativo de relacionamentos, da política. Para ajudar os eleitores, a ferramenta indica os candidatos com os quais o leitor "dá match", ou seja, tem mais identificação.

O Datafolha entrevistou candidatos e criou um banco de dados de suas respostas em relação a temas econômicos, políticos e de comportamento.

A **Folha** também tem publicado o ranking de popularidade digital dos candidatos a deputado federal nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

O chamado Índice de Popularidade Digital (IPD) varia de 0 a 100 e foi criado pela Quaest Consultoria e Pesquisa. Ele mede diariamente o desempenho dos políticos nas redes sociais e ajuda a sentir a temperatura da corrida eleitoral no país.

Equipe da PF com Lula prende acusado de xingar o petista

Episódio ocorreu em ato de campanha em Montes Claros (MG); homem foi liberado após assinar termo

Marcelo Rocha

BRASÍLIA A equipe da Polícia Federal que atua na segurança do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deu voz de prisão a um homem de 50 anos sob acusação de ter xingado o petista de ladrão, safado e sem vergonha.

O caso ocorreu na quinta-feira (15), na passagem de Lula por Montes Claros, no interior de Minas Gerais, em compromisso de campanha.

Conduzido a uma delegacia, ele foi liberado após assinar um termo circunstanciado, comprometendo-se a comparecer à audiência a ser agendada na Justiça.

Seis policiais militares e três viaturas foram mobilizados para o atendimento a essa ocorrência.

A equipe que acompanhava o presidenciável alegou que o homem incorreu no crime de injúria (atribuir palavras ou qualidades ofensivas que atinjam a honra e moral de alguém). A pena é de detenção, de um a seis meses, ou pagamento de multa.

De acordo com informações da 2ª Delegacia de Polícia Civil da cidade mineira, Lula e seu comboio percorriam uma avenida do bairro Todos os Santos por volta das 17h30. Um homem a bordo de um veículo que passava ao lado do carro que transportava o candidato do PT gritou, segundo os registros do caso, "Lula ladrão, Lula safado, Lula sem vergonha".

O homem foi abordado e ouviu um pedido para que desembarcasse do automóvel. Foi advertido de que sua conduta seria crime de injúria.

Ele, porém, teria se recusado a descer, reafirmado o que dissera em relação ao ex-presidente e dito que tinha o direito de falar o que quisesse. Foi dada, então, voz de prisão. Levado para a delegacia, o homem relatou que em momento algum ofendeu o ex-presidente e disse ter estranhado a abordagem.

Afirmou ainda que o policial agiu com abuso de autoridade. Disse ter sido empurrado com violência contra o capô do carro e teve boné e óculos retirados de sua cabeça. Foi liberado após apresentar sua versão dos fatos.

Além do homem, um advogado esteve na delegacia como representante de Lula e também se comprometeu a comparecer à audiência do caso na Justiça.

A preocupação com a segurança de Lula tem sido constante, em especial após o assassinato de um militante petista por um bolsonarista em Foz do Iguaçu (PR), em julho.

Como mostrou a **Folha**, a equipe da PF que cuida da segurança de Lula enviou ofício a superintendências regionais do órgão com uma lista do que chama de adversidades enfrentadas para a proteção do petista nesta eleição. Em uma escala de risco de 1 a 5, Lula foi enquadrado no nível máximo.

O grupo da PF cita na relação o "acesso a armas de letalidade ampliada decorrente das mudanças legais realizadas em 2019" entre os problemas a serem enfrentados ao longo da campanha eleitoral.

Evento que marcaria a estreia da campanha do petista no mês passado foi cancelado por questões de segurança. O ato ocorreria em uma fábrica da zona sul de São Paulo.

No último dia 8, um novo episódio em Mato Grosso suscitou o debate sobre violência política no atual pleito. Um homem que defendia Lula foi morto por um apoiador do presidente Jair Bolsonaro (PL) após uma discussão em Confresa (a 1.160 km de Cuiabá).

LULA QUESTIONA OBRAS DE BOLSONARO
Em ato em Florianópolis neste domingo, o petista disse que as construções entregues pelo presidente foram deixadas em andamento por ele e Dilma Rousseff Ricardo Stuckert/Divulgação

TSE autoriza envio das Forças Armadas a 11 estados no 1º turno

BRASÍLIA O presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Alexandre de Moraes, aprovou o envio de agentes das forças federais, incluindo militares, para reforçar a segurança no primeiro turno em 561 municípios e localidades de 11 estados.

Os estados haviam mencionado o acirramento da disputa eleitoral, cenário de polarização política e dificuldades logísticas para pedir o apoio.

As equipes serão enviadas a Acre (21 municípios e localidades), Alagoas (2), Amazonas (26), Ceará (36), Maranhão (97), Mato Grosso do Sul (8), Mato Grosso (31), Pará (78), Piauí (85), Rio (167) e Tocantins (10). A votação está marcada para 2 de outubro.

É comum que a corte aprove o envio de forças de segurança para alguns locais durante as eleições. Os pedidos partem dos TREs (Tribunais Regionais Eleitorais).

No primeiro turno das eleições de 2018, as Forças Armadas ajudaram na segurança e na logística de 369 zonas eleitorais, de 510 cidades e localidades, também de 11 estados.

As decisões de Moraes aprovando o envio das equipes ainda serão validadas pelo plenário do TSE.

Cerca de 30 mil militares devem participar da segurança neste ano em todo o Brasil.

Os militares atuam para "garantir o livre exercício do voto, a normalidade da votação e da apuração dos resultados", afirma nota do TSE.

Apesar de o apoio ser corriqueiro, as eleições de 2022 acontecem sob o receio, por parte do Alto Comando do Exército, de que haja aumento de casos de violência eleitoral. **Mateus Vargas**

Bolsonaro contra as mulheres

Que 'identitarismo' é esse que Bolsonaro conseguiu vender para parte dos homens?

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

A essa altura, ninguém discute que Bolsonaro tem um problema com as mulheres. Isso ficou evidente em sua agressão à deputada Maria do Rosário, em seu elogio da tortura de Dilma Rousseff na votação do impeachment. O problema ficou ainda mais claro em sua campanha contra jornalistas mulheres, com ataques sórdidos contra Patrícia Campos Mello, Míriam Leitão, Amanda Klein e, mais recentemente, Vera Magalhães.

É cada vez mais claro que Bolsonaro só conseguiu se comportar mais ou menos bem na sabatina do Jornal Nacional porque os hormônios de William Bonner estavam ali, dando segurança psicológica para o presidente por mais que Renata Vasconcellos o questionasse.

Recentemente, aliás, em um discurso em que tentava usar a primeira-dama para melhorar sua imagem diante do eleitorado feminino, Jair resolveu puxar um coro em defesa do próprio pênis.

O machismo é parte do problema, é claro, mas políticos machistas, em geral, são capazes de se controlar quando é de seu interesse. O que faz Jair se descontrolar dessa forma?

Sobre isso, há duas hipóteses. Alguns acham que é porque Jair ataca quem denuncia seus crimes, e nos últimos quatro anos as mulheres fizeram melhor esse trabalho. Outros acham que é porque as mulheres brasileiras insistiram em cuidar de seus filhos quando Jair tentou matá-los na pandemia de 2020-2021 e na fome de 2022.

Os ataques às jornalistas sempre vêm quando um crime de Jair é descoberto. Campos Mello descobriu seu sistema clandestino de disparos de WhatsApp na campanha de 2018, Klein perguntou-lhe sobre os 51 imóveis que a família de Jair pagou em dinheiro vivo, Magalhães perguntou sobre a culpa de Bolsonaro na redução da cobertura vacinal brasileira, Leitão já denuncia Jair faz tempo por seus ataques à democracia.

O papel de destaque das mulheres —não só no jornalismo, mas também na política— na denúncia do bolsonarismo é notável. Já faço, inclusive, a aposta: se Lula ganhar e os militares saírem da briga, vai aparecer um bando de marmanjo que passou os últimos quatro anos escondido debaixo da cama e/ou puxando o saco do Guedes, fazendo pose de corajoso como se tivessem furado fila no desembarque da Normandia.

Mas ainda acho que o principal motivo do ódio de Bolsonaro contra as mulheres brasileiras se deve à insistência de nossas compatriotas em dar de comer a seus filhos, em cuidar para que não fiquem doentes.

Bolsonaro deixou os filhos das brasileiras sem vacina durante a pandemia; deixou os filhos das brasileiras sem comida durante a inflação de 2022. Há bem mais mulheres do que homens dizendo que experimentaram insegurança alimentar no Brasil nos últimos anos.

O que nos leva a repensar o problema: se há mais mulheres do que homens preocupados com a fome de seus filhos, não é que Bolsonaro tenha um problema com as mulheres, é que o Brasil tem um problema com parte de seus homens. Por que eles não estão preocupados com seus filhos?

Em minha primeira coluna sobre Bolsonaro, escrevi que bolsonarismo não era coisa de homem, porque homem é um tipo de adulto. Adulto cuida dos filhos. Adulto é a favor de vacina. Que "identitarismo" é esse que Bolsonaro conseguiu vender para parte dos homens brasileiros, em vez de oferecer-lhes emprego, renda e cidadania?

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel P. da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes, Juliano Spyer | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Vice de Haddad, Lúcia França diz que eleger Lula é prioridade da coligação

Professora afirma que lei sobre aborto é suficiente e acusa Bolsonaro de expor Michelle como bibelô

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Vice na chapa do candidato Fernando Haddad (PT), Lúcia França (PSB) diz que, se tivesse que escolher entre a vitória para o Governo de São Paulo e a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para presidente, ficaria com a segunda opção. As duas candidaturas lideram as pesquisas.

"Mas é claro que a gente vai fazer de tudo para a gente estar remando juntos, o estado de São Paulo junto com a Presidência da República", afirma ela em entrevista à **Folha** no comitê de campanha do PSB, partido coligado com o PT nos dois níveis.

Casada com o ex-governador Márcio França (PSB), candidato ao Senado, a professora e empresária do ramo de ensino atribui ao machismo as críticas à sua inexperiência na vida pública e diz que não haveria cobrança se a situação fosse inversa —o marido novato de uma mulher estabelecida na política.

A escolha de Lúcia para a posição causou surpresa e estranhamento, com especulações de que sua indicação teria sido imposta por França como parte do acordo em que ele abriu mão de ser candidato a governador para apoiar Haddad. Todos os envolvidos negam a exigência.

*

Lúcia França (PSB), vice na chapa do candidato Fernando Haddad (PT) Karime Xavier/Folhapress

Currículo e militância

A educadora, como gosta de ser chamada, explora os rótulos de professora e empresária, já que é dona de escola particular em Praia Grande há 40 anos. Ela trabalhou como presidente de fundo social nas gestões do marido —na Prefeitura de São Vicente, por oito anos, e no governo estadual, por nove meses.

"Eu não me vejo tão inexperiente assim na vida pública. Acompanho o Márcio o tempo todo. Participo da vida pública dele desde que foi candidato pela primeira vez, a vereador. E nunca houve uma decisão dele da qual não participei. Eu me sinto apta a colaborar", afirma.

Filiada ao PSB há 20 anos, também se apresenta como militante partidária. "Sou de esquerda. Sempre, desde menina." Apoiou as campanhas pelas Diretas Já e pela Constituinte e conta ter aprendido política na teoria e na prática na Igreja Católica, como líder da Pastoral da Juventude.

"Tenho vida, história, vontades próprias. Apesar de ser mulher do Márcio França, essa é só uma parte da minha história. Tenho muito mais coisas construídas na vida, com autonomia intelectual e financeira."

Lula lá?

Indagada se a prioridade da coligação em torno do PT é conquistar o Palácio dos Bandeirantes ou o Palácio do Planalto, Lúcia diz: "Se a gente tivesse que escolher, a gente gostaria que o Lula fosse eleito. Porque a gente sabe a responsabilidade que o Lula terá no comando do país, independentemente do partido que esteja abaixo dele [nos estados]. Mas é claro que a gente vai fazer de tudo para estarmos remando juntos, o estado de São Paulo junto com a Presidência da República. Vai dar um caldo bom".

A vice repisa o discurso da campanha petista de que eleger Lula é salvar a democracia das ameaças do presidente Jair Bolsonaro (PL).

"Olha, posso pensar na possibilidade de a gente não estar [governando] no estado, mas não posso pensar na possibilidade de o Lula não ser eleito presidente. Tenho convicção de que o Lula vai ser eleito", afirma ela.

Haddad cá?

Para a vice, o antipetismo que prejudica Haddad será superado à medida que as pessoas conhecerem o ex-prefeito melhor. "Vamos mostrar quem é e quem foi o Haddad: o melhor ministro da Educação, um homem preparado, com experiência de gestão na maior cidade do país", elenca.

Sobre os rivais, diz que Rodrigo Garcia (PSDB) é continuidade de João Doria (PSDB), "que aumentou imposto, tirou passe de idoso, negou ajuda a comerciantes quando estavam fechando". E Tarcísio de Freitas (Republicanos) "é o que, quando ministro, não fez absolutamente nada para São Paulo e participou de um governo que foi contra o estado".

> Se no meu lugar fosse um homem com o mesmo perfil: empresário há 40 anos, passou em concurso público aos 18 anos, participou de alguns setores públicos, acredito que não haveria questionamentos
>
> **Lúcia França**
> vice na chapa de Haddad

Machismo em críticas

"Se no meu lugar fosse um homem com o mesmo perfil: empresário há 40 anos, passou em concurso público aos 18 anos, participou de alguns setores públicos, acredito que não haveria questionamentos", diz Lúcia em resposta às insinuações de que sua escolha ocorreu unicamente por um arranjo do marido.

A professora se vê diante da "oportunidade de fazer história" em um estado que até hoje só teve homens como governadores e vices.

Feminismo e aborto

Lúcia, que em 2018 disse à **Folha** ser "bastante feminista", mas sem radicalismos, mantém a posição. "Digo que não sou radical porque muitas feministas acham que o processo do feminismo não passa pelo gênero masculino, e eu discordo", justifica ela, que prega necessidade de engajar os homens na luta por equiparação de oportunidades e direitos.

Questionada sobre a descriminalização do aborto, responde: "Sou totalmente a favor do que a legislação prevê. Até porque não tenho o poder de legislar [como eventual vice-governadora]". Para a professora, "esse assunto transborda a saúde pública, tem um cunho muito pessoal, religioso, de formação íntima das pessoas", mas a sociedade pode debater o tema.

Bolsonaro, Lula, França e as mulheres

Ela diz que reconhece pelo olhar um homem violento e que não respeita mulheres —e é assim que enxerga Bolsonaro nas interações no palanque com a primeira-dama Michelle. "[Ele está] a exponho. Do jeito que ele faz, eu, como mulher, me sinto exposta, usada. Não sou bibelô nem bolsa nem apetrecho de ninguém."

É o oposto do papel da socióloga Rosângela da Silva, a Janja, na campanha de Lula, afirma. Ela defende o ex-presidente no caso da fala, explorada pelo rival na propaganda política, de que homem disposto a bater em mulher que "vá bater em outro lugar, mas não dentro da sua casa ou no Brasil, porque nós não podemos aceitar mais isso". A campanha de Bolsonaro exibiu a frase só até a palavra "casa".

Segundo a vice, a fala foi distorcida e o petista quis dizer que, se eleito, só terá poder para atuar no território brasileiro. "Não tenho a mínima preocupação em ficar rebatendo esse tipo de coisa. Acho muito pior dizer que ter uma filha mulher é uma fraquejada [fala de Bolsonaro]. Isso, sim, me incomoda."

"Veja as coisas que ele fala: meu filho nunca vai se casar com uma negra porque eu eduquei bem, prefiro ter um filho morto a um filho gay. Está na cara: o histórico dele é de machismo estrutural", diz.

Lúcia também sai em defesa do marido pela fala dele em 2018 de que, "quando um casal está brigando, não necessariamente precisaria ter um PM ou dois PMs com viatura, revólver", criticada por minimizar a violência doméstica. A esposa diz que o então governador quis apenas propor a criação de grupos específicos para esse tipo de ocorrência.

"É claro que, se um homem está agredindo uma mulher, a gente tem que atuar. Mas não precisa ser exatamente essa polícia que está lá no 190. Poderia ser uma polícia especializada para atender esse tipo de situação", diz ela, que promete levar adiante essa ideia caso vire vice-governadora.

Com PT pela democracia

"Se eu pudesse ser candidata a síndica de prédio para poder combater o Bolsonaro, eu seria neste momento", diz ela, que vê a democracia "se desmantelando" sob Bolsonaro.

Para isso, juntou-se ao PT, do qual já foi crítica. "O fato de já termos estado em espaços diferentes, em lados diferentes, não afeta nossa união neste momento. O Márcio abriu mão de um sonho [a candidatura a governador], porque a gente acha que cada um tem que fazer o seu papel."

Em aceno a um segmento que, de modo geral, rejeita o PT, ela diz que sua presença na chapa é uma demonstração "de que o Haddad quer dialogar com os empresários, trabalhar junto com eles. A reconstrução de São Paulo passa pelos empresários".

Mulher na política

Lúcia afirma que seu papel na chapa é chamar a atenção para a participação feminina. Ela endossa a promessa de Haddad de formar um secretariado com paridade de gênero.

Diante de pergunta sobre quem é sua inspiração na política, Lúcia cita três homens: Miguel Arraes, Eduardo Campos e Lula. "Tivemos a Dilma [Rousseff], uma mulher presidente. Ter uma mulher chegando a esse cargo é sempre importante, mas não foi uma inspiração para mim como gestora, como política."

Eduardo Bolsonaro e mais 5 usam auxílio turbinado na Câmara

Deputados federais se beneficiam de norma criada por Eduardo Cunha que inflou verba para aluguel da Casa

Lucas Marchesini e Ranier Bragon

BRASÍLIA O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e outros cinco colegas recebem auxílio-moradia turbinado dos cofres da Câmara, R$ 6.000 ao mês para cada um.

Os seis parlamentares se utilizam de uma brecha aberta em 2015, na gestão do ex-deputado Eduardo Cunha (PTB-SP), que permitiu transferir da cota de gastos exclusivos com a atividade parlamentar um extra de R$ 1.747 para pagamento de aluguel.

Além de salário de R$ 33,7 mil, de R$ 112 mil mensais para contratação de assessores e de mais uma cota que varia de R$ 31 mil a R$ 46 mil para gastos com aluguel de escritório, alimentação, passagens aéreas e gasolina, entre outros, os deputados têm direito a moradia em Brasília.

Dos 513 parlamentares, 364 ocupam atualmente os amplos apartamentos funcionais (quatro quartos) nas Asas Norte e Sul da capital federal —não há imóveis disponíveis para todos, são 432 para um total de 513 deputados, sendo que alguns estão sem condições razoáveis de uso.

Para os demais, há uma verba mensal de até R$ 4.253.

Esse valor é liberado de duas formas. A primeira, escolhida por 42 deputados, é receber em dinheiro, descontado o Imposto de Renda, sem necessidade de apresentar comprovação de gasto com aluguel.

A segunda pode liberar os R$ 4.253 de forma integral, desde que haja apresentação de comprovação de gasto com moradia —72 deputados recebem reembolso.

Essa última categoria tem embutida uma brecha que permite reembolso extra para além dos R$ 4.253. Dos 72 parlamentares, 26 recorrem a ela, sendo que seis receberam em agosto o teto, R$ 6.000.

Além do filho do presidente Jair Bolsonaro (PL), os deputados Marcos Aurélio Sampaio (PSD), Marcos Pereira (Republicanos), Marina Santos (Republicanos), Nicoletti (União) e Shéridan (PSDB) também foram beneficiados pelo valor máximo. Procurados, não quiseram se manifestar.

Eduardo mora com a mulher e a filha em um condomínio fechado, em Brasília.

Em 2015, na gestão de Cunha, a Mesa da Câmara baixou um ato permitindo que parlamentares engordassem seu reembolso de aluguel com sobras da cota destinada exclusivamente para custeio da atividade parlamentar.

A justificativa foi a de estabelecer isonomia entre os parlamentares que usam o apartamento funcional e os que não conseguem vaga.

"Pesquisas em sites especializados apontam com clareza que o custo, em Brasília, de aluguel de imóvel em padrão semelhante ao dos apartamentos funcionais ultrapassa significativamente o valor estabelecido pela Casa para o benefício", afirmou a justificativa do ato.

A norma, então, permitiu o uso de R$ 1.747 da cota parlamentar para complemento do aluguel.

Trinta e cinco deputados federais optam por não usar nem apartamento funcional nem auxílio-moradia.

Em 2018, a **Folha** mostrou que Eduardo e seu pai, o então presidenciável Jair Bolsonaro, que também era deputado federal, recebiam, cada um, R$ 3.083 todo mês de auxílio-moradia mesmo a família tendo imóvel próprio em Brasília e outros 12 no Rio de Janeiro.

O valor recebido por pai e filho à época era em espécie, sem necessidade de apresentação de qualquer recibo (R$ 4.253, descontados 27,5% de Imposto de Renda).

Jair Bolsonaro recebia da Câmara o auxílio-moradia desde outubro de 1995, ininterruptamente. Eduardo, desde fevereiro de 2015, quando tomou posse em seu primeiro mandato como deputado. Ao todo, embolsaram R$ 730 mil até dezembro de 2017, em valores sem correção.

A **Folha** procurou todos os 26 parlamentares que pedem ou pediram, em 2022, reembolso de auxílio-moradia além de R$ 4.253.

"Tenho um complemento de R$ 247. Aluguéis em Brasília são muito caros, e eu fico em um flat próximo à Câmara. Como ando de táxi, termino economizando [para os cofres públicos]", disse Gervásio Maia (PSB-PB).

Jerônimo Goergen (PP-RS) disse alugar um flat em Brasília por R$ 5.100, razão pela qual pede o reembolso.

Eli Corrêa Filho (União Brasil-SP) disse que realiza uma pequena complementação, fruto da economia que faz na cota.

Bozzella (União Brasil-SP) afirmou que não solicita reembolso de despesas com alimentação e que abriu mão da aposentadoria vitalícia e outros penduricalhos.

Marcelo Nilo (Republicanos-BA) disse considerar o valor do auxílio insuficiente para os custos com moradia.

Patrus Ananias (PT-MG) afirmou, por meio de sua assessoria, que utiliza apenas R$ 147 a mais da cota extra e que não solicita ressarcimento do gasto com alimentação.

Os demais não foram encontrados ou não quiseram comentar.

Super auxílio moradia

Eduardo Bolsonaro (PL) e mais 25 deputados federais usam cota extra a título de reembolso de aluguel

Auxílio Moradia: **R$ 4.253**
Quem pode receber:
Quem não usa apartamento funcional

Extra: **R$ 1.747**
Em 2015, a Mesa da Câmara, presidida por Eduardo Cunha (PTB-SP), aprovou medida permitindo uso de mais para gasto com aluguel, caso o deputado não tenha usado o valor total da sua verba para gastos relacionados à atividade parlamentar.

Deputado	Partido	UF
Jorge Solla	PT	BA
Patrus Ananias	PT	MG
Gervásio Maia	PSB	PB
Milton Coelho	PSB	PE
Leônidas Cristino	PDT	CE
Robério Monteiro	PDT	CE
Jéssica Sales	MDB	AC
Geovania de Sá	PSDB	SC
Shéridan	PSDB	RR
Hélio Costa	PSD	SC
Marcos Aurélio Sampaio	PSD	PI
Sargento Fahur	PSD	PR
Ricardo Teobaldo	PODE	PE
Gil Cutrim	REPUBLICANOS	MA
Marina Santos	REPUBLICANOS	PI
Marcelo Nilo	REPUBLICANOS	BA
Marcos Pereira	REPUBLICANOS	SP
Fernando Monteiro	PP	PE
Jerônimo Goergen	PP	RS
Laercio Oliveira	PP	SE
Bozzella	UNIÃO	SP
Eli Corrêa Filho	UNIÃO	SP
Igor Kannário	UNIÃO	BA
Nicoletti	UNIÃO	RR
Glaustin da Fokus	PSC	GO
Eduardo Bolsonaro	PL	SP

Fonte: Transparência da Câmara dos Deputados

A ialorixá Bernadete Souza, candidata a deputada estadual pelo PSOL na Bahia Rafaela Araújo/Folhapress

País tem recorde de candidaturas ligadas a candomblé e umbanda

Número de líderes das religiões de matriz africana supera o de padres nas eleições deste ano

DELTAFOLHA DIVERSIDADE ELEITORAL

Cristiano Martins, João Pedro Pitombo e Letícia Padua

SÃO PAULO E SALVADOR Era 2010 quando policiais agrediram um jovem agricultor em um assentamento na zona rural de Ilhéus, no Sul da Bahia. Uma das líderes da comunidade, a ialorixá Bernadete Souza tentou intervir e foi acusada de desacato.

"Houve uma manifestação do meu orixá. Os policiais me jogaram no chão, em um formigueiro, puxaram meu cabelo e disseram que Satanás ia sair do meu corpo", conta.

O episódio marcou mãe Bernadete de Oxóssi e serviu de combustível para sua luta contra a intolerância religiosa. Para ela, o tema é um dos pontos que interessam às comunidades tradicionais, ela concorre neste ano a uma vaga na Assembleia Legislativa da Bahia pelo PSOL.

Ela não é a única. As eleições de 2022 terão um recorde de candidaturas ligadas às religiões de matriz africana, indica levantamento da **Folha** com dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Neste ano, 29 líderes do candomblé e da umbanda concorrem utilizando orixás ou os títulos de pai e mãe de santo no nome de urna. Isso equivale a 4% do total de religiosos inscritos para a eleição.

Mas o número é maior, já que nem todos adotam as funções nos letreiros ou os nomes das divindades. É o caso da própria mãe Bernadete de Oxóssi, que aparecerá nas urnas apenas como Bernadete.

"Sou ialorixá, mas também militante do movimento negro, mulher camponesa e assentada. A religião é mais um elemento da nossa cultura enquanto povos tradicionais."

As candidaturas do candomblé ou da umbanda identificadas a partir dos nomes de urna são todas para deputado estadual ou federal e estão espalhadas por 14 estados. Pouco mais da metade se concentra em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

O PDT é o partido com mais representantes. A lista tem 14 legendas, entre elas o PL, do presidente e postulante à reeleição Jair Bolsonaro, e o Republicanos, sigla ligada à Igreja Universal do Reino de Deus.

No geral, as candidaturas de líderes espirituais de todas as vertentes cresceram 13% em relação a 2018 e também batem recorde neste ano. São 793 postulantes com nomes associados a cultos ou que declararam o sacerdócio como ocupação profissional.

Ao menos 70% são de igrejas evangélicas. Mas essa parcela pode ser maior, pois há títulos inconclusivos, como bispo e missionário, mais frequentes nesse segmento. A maioria (461) usa as funções de pastor e pastora na urna.

Para o professor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e babalaô Ivanir dos Santos, a intolerância religiosa e a demonização das crenças de origem africana levaram líderes a se sentirem encorajados a entrar nessa disputa.

Exemplo disso é pai Marcelo de Oxóssi (PSB), candidato à Assembleia do Rio. Na eleição passada, ele havia concorrido como Marcelo Oliveira, mas neste ano decidiu ressaltar a temática tanto no nome quanto nas fotos de campanha. A decisão, conta, veio após um ataque a seu terreiro, em Nova Iguaçu.

"Busquei o auxílio do poder público e não tive respaldo nem ajuda de ninguém. Cometi um erro em 2018, pois um pai de santo que se lança candidato não pode esconder quem é e para o que veio. Nós precisamos e temos o direito de colocar representantes em todos os setores", diz.

Segundo o Ceap (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas), que atua no combate à intolerância religiosa e ao racismo, houve 47 episódios violentos em 2021 só no estado do Rio, parte deles cometida por agentes públicos.

O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos recebeu no primeiro semestre deste ano 549 denúncias relacionadas à liberdade de culto. Em 133, a vítima era de religiões afro-brasileiras (24%), ante 103 evangélicas (19%) e 52 católicas (9%).

Em contrapartida, segundo o Datafolha, só 2% dos brasileiros são praticantes das religiões de matriz africana, enquanto 50% se declaram católicos, e 31%, evangélicos.

"Não queremos entrar na política para impor nossa visão. É uma luta pelo direito ao respeito e à diversidade. Infelizmente, os partidos não dão o mesmo tratamento, por isso as chances são menores", afirma Ivanir dos Santos.

O próprio Ivanir chegou a se lançar pré-candidato ao Senado pelo PDT do Rio, mas o partido escolheu o ex-deputado evangélico Cabo Daciolo para concorrer ao cargo.

Candidato a deputado estadual na Bahia e ativista do Coletivo de Entidades Negras, Marcos Rezende (PSOL) defende que a eleição de representantes das religiões de matriz africana poderá trazer relevância a temas como a liberdade religiosa e o Estado laico. "Precisamos olhar o terreiro como espaço político-religioso", diz Marcos, ogã de Ewá e ojuobá da Casa de Oxumaré.

O babalorixá Marcelo Fritz (Podemos), que concorre a deputado estadual no Rio, faz coro. "Existe uma cultura no candomblé de não querer misturar religião e política. Mas tento colocar na cabeça do povo de santo que precisamos de representantes. Quem tem que resolver nossos problemas somos nós."

Historicamente, as religiões de matriz africana tiveram aliados como o escritor Jorge Amado, deputado nos anos 1940 pelo Partido Comunista Brasileiro, ogã no terreiro do Ogunjá e autor da emenda que garantiu liberdade de culto no país. Mas houve poucos líderes concorrendo.

As candidaturas identificadas com essas religiões têm rota ascendente nos últimos quatro pleitos, saindo de 7 postulantes em 2010 para 29 neste ano. Até a última disputa, nenhum foi eleito.

Assim como em 2018, o número supera o dos postulantes com títulos associados à Igreja Católica. O total de padres e freis concorrendo a cargos eletivos caiu de 19 há quatro anos para 14 na eleição atual.

A maioria dos candidatos religiosos está concentrada na direita. O partido com mais postulantes é o Republicanos, com 72 nomes, seguido por PTB, PSC e PL, DC e Patriota.

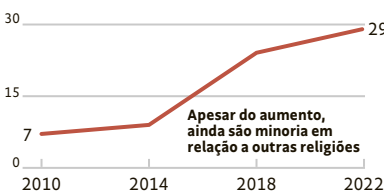
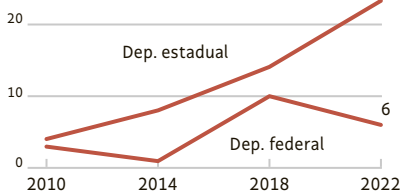
O PL mais do que dobrou o seu número desde 2018, para 50. O maior saldo na comparação com a eleição passada é do PTB, que saiu de 11 para 62 postulantes associados às igrejas.

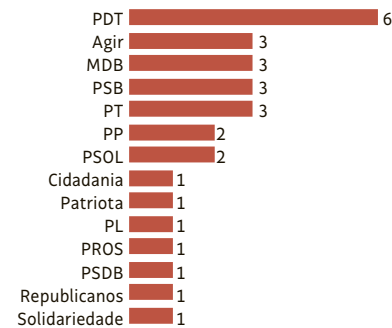
Neste ano, a arena religiosa é novamente um dos principais focos da campanha. Embora tenha perdido parte do apoio dos evangélicos, esse é um dos segmentos com melhor desempenho de Bolsonaro contra Luiz Inácio Lula da Silva (PT), segundo o Datafolha, com 51% das intenções, contra 28% do petista.

Bolsonaro tem usado cultos como palco eleitoral, repetindo motes cristãos usados desde sua vitória em 2018 e afirmando que cumpre no Planalto uma "missão dada por Deus". Lula, por sua vez, já chamou Bolsonaro de "fariseu" e fez acenos recentes ao segmento.

Eleição tem aumento de candidatos ligados a religiões de matriz africana

Número de candidatos mais do que quadruplicou desde o pleito de 2010

Maioria dos candidatos disputa o cargo de deputado estadual

11 das 29 candidaturas de 2022 se concentram no eixo Rio-São Paulo

PDT tem mais candidatos, mas lista é ampla e também tem partidos como PL e Republicanos

Fonte: TSE
*Levantamento considerou candidaturas explicitadas nos nomes de urna

Folha estreia série Eleições na Internet sobre influência das redes sociais na política

SÃO PAULO A influência das redes sociais no debate político será analisada a partir de terça-feira (20) na série de videocasts da **Folha** Eleições na Internet.

O projeto é realizado em parceria com o ITS (Instituto de Tecnologia e Sociedade) e tem apoio do YouTube.

Serão oito episódios com entrevistas feitas pela repórter Patrícia Campos Mello, da **Folha**, com especialistas no uso das redes e pessoas diretamente envolvidas em campanhas eleitorais na internet, seguidas por um bate-papo sobre tecnologia, democracia e política com o professor Carlos Affonso Souza, diretor do ITS.

"É um projeto oportuno, em meio a uma eleição polarizada e com todo o peso das redes sociais na escolha do voto. O objetivo é ajudar o eleitor a entender como a tecnologia impacta o debate eleitoral e a identificar desinformação", afirma Sérgio Dávila, diretor de Redação da **Folha**.

Na estreia, os entrevistados serão os estrategistas digitais das campanhas dos candidatos à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Simone Tebet (MDB).

Os episódios serão disponibilizados semanalmente, às terças-feiras, nos canais da **Folha** e do ITS no YouTube e nas principais plataformas de podcast.

"As redes sociais se tornaram elemento central para o debate eleitoral. É por meio de mensagens, curtidas e vídeos curtos que muitas das narrativas que vão marcar essa eleição serão criadas, criticadas e disseminadas", diz Souza.

"O projeto procura identificar esses pontos de atenção, detalhando temas como propaganda eleitoral online, impacto da desinformação e moderação de conteúdo nas redes."

Gerente de políticas públicas do YouTube, Alana Rizzo destaca o papel da série para a definição do voto. Ela diz que a iniciativa tem a tarefa importante de levar informação aos usuários da plataforma, especialmente em um momento eleitoral.

"Para nós, brasileiros, tomarmos decisões é muito importante ter informação à disposição, na mão, e informação plural e diversa."

Autora das reportagens da **Folha** que revelaram o uso de disparos em massa por empresários para atacar a campanha nacional petista de 2018, Patrícia Campos Mello acompanha a influência das redes na política desde o pleito que elegeu Barack Obama nos EUA, em 2008.

O objetivo da série, diz ela, é mostrar como o uso da internet transformou a maneira de fazer campanha.

"A ideia é que essas conversas funcionem como guia para quem quer entender de que forma a tecnologia está impactando a eleição e a democracia", afirma Patrícia, autora do livro "A Máquina do Ódio", sobre ataques à liberdade de imprensa por políticos populistas no Brasil e no mundo.

Entre os temas abordados estão incitação à violência, os ataques ao sistema eleitoral no Brasil e a invasão do Capitólio nos EUA por apoiadores do ex-presidente Donald Trump, em janeiro de 2021.

O projeto Eleições na Internet também explicará ao público quais são as regras para fazer propaganda na internet, como identificar desinformação nas redes sociais e como outros países têm enfrentado o desafio de regular as plataformas sem violar o direito à liberdade de expressão.

Amazonas tem disputa entre atual e dois ex-governadores

Wilson Lima tenta reeleição e tem como adversários Eduardo Braga e Amazonino Mendes

Rosiene Carvalho

MANAUS Com gestão marcada por dois colapsos do sistema de saúde na pandemia, crises ambientais, na segurança pública e suspeitas de corrupção, o governador do Amazonas, Wilson Lima (União Brasil), concorre à reeleição contra nomes da política tradicional do estado que ele derrotou, há quatro anos, com votação histórica.

Dois ex-governadores, o senador Eduardo Braga (MDB) e Amazonino Mendes (Cidadania), destacam-se como seus principais adversários.

Ainda estão na disputa Dr Israel Tukuya (PSOL), Henrique Oliveira (Podemos), Ricardo Nicolau (Solidariedade), Carol Braz (PDT) e Nair Blair (Agir).

Em 2018, sem tempo de TV e fundo partidário, o apresentador de programa policial Wilson Lima disputou pela primeira vez uma eleição pelo PSC e recebeu a maior votação da história do Amazonas.

Com mais de um milhão de votos, derrotou no 2º turno Amazonino Mendes, que tentava a reeleição.

O outsider deixou o senador Omar Aziz (PSD), que foi governador, na quarta colocação do primeiro turno com 8,07% dos votos válidos. O candidato que concorria ao Senado ao lado de Lima em 2018 por pouco não tirou a reeleição de Braga.

A vitória de Wilson quebrou um ciclo de revezamento no poder do mesmo grupo que durou quase 40 anos.

A aposta da política tradicional era que uma decepção com o novo fosse a senha para o retorno deles ao comando do estado.

Em parte, Wilson Lima cumpriu as expectativas. Quatro secretários dele foram presos. Três da Saúde, em plena pandemia, na operação Sangria da Polícia Federal, que bateu na porta do próprio governador por duas vezes e três no gabinete dele.

A suspeita de compra de respiradores inservíveis para casos graves de Covid-19 numa loja de vinhos, enquanto pacientes morriam nos hospitais ao lado de cadáveres e médicos improvisavam atendimento, tornou Lima réu no STJ (Superior Tribunal de Justiça).

O governador foi indiciado na CPI da Covid como um dos responsáveis pelo colapso do oxigênio.

O quarto secretário preso, em 2021, foi o de Inteligência da Secretaria de Estado de Segurança Pública, Samir Freire, cargo de confiança do governador.

Ele é suspeito de envolvimento no desvio de ouro de garimpos ilegais com uso da estrutura da pasta. Um mês antes, o Comando Vermelho promoveu atentados ao patrimônio público em Manaus e lançou "salve" acusando o sistema de segurança de montar milícia.

Alvo de pedido de impeachment na Assembleia Legislativa do Amazonas, no mesmo período que o outro governador eleito pelo PSC foi afastado do cargo no Rio de Janeiro, Wilson Witzel, Lima articulou alianças.

Sob a lupa da PF, ao contrário de Witzel, se aproximou dos filhos do presidente Bolsonaro e exibiu alinhamento até quando o Planalto o apontou como responsável pela falta de oxigênio. O experiente Omar Aziz ajudou a rearticular a base na Assembleia.

Amazonino quase ficou sem partido e conseguiu, às vésperas do final do prazo de filiação, o Cidadania, que fez federação com o PSDB.

Braga também teve seu apoio esvaziado. Mas o racha no MDB contra a candidatura de Simone Tebet deu ao senador amazonense a aliança com a federação PT, PC do B, PV e o PSD de Omar.

Braga levou o tempo de TV e Lula, mas não a militância e luta para chegar ao segundo turno. A resistência a Braga é o voto a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) e a posição na CPI da Covid-19 pouco contundente contra Bolsonaro.

Filiados a partidos de adversários também apoiam Lima pela frente ou bastidores. No comício de Lula e Braga no Amazonas, durante discurso de Omar, um grupo gritou "Fora, Wilson" e o senador interrompeu a crítica puxando: "Fora, Bolsonaro". No final, pediu votos para Braga.

"O governador saneou parte da imagem negativa com ações sociais e os pontos fracos são pouco explorados pelos adversários. Não vai aos debates para não responder o que ninguém perguntou. As campanhas são amadoras. Amazonino, talvez, por falta de dinheiro", disse o analista político Afrânio Soares, presidente do Instituto Action Pesquisas de Mercado.

Amazonino se mantém líder nas pesquisas e, aos 82 anos, lida com problemas de saúde e a condição física.

Na convenção, interrompeu o discurso e pediu para se sentar, com auxílio de terceiros. A campanha no interior, onde as estradas são os rios e com grandes distâncias, é nula.

O doutor em ciências sociais da Ufam (Universidade Federal do Amazonas) Marcelo Seráfico afirma que o desempenho eleitoral de Amazonino é efeito da falta de renovação política e da memória afetiva pelas obras e programas sociais dos governos dele. O sociólogo credita o bom desempenho de Lima ao domínio dos cofres públicos.

O doutor em ciências da comunicação social e sociólogo Wilson Nogueira afirma que o domínio da mídia pelo financiamento público também ajuda Lima.

"A imprensa nacional coloca a culpa [na pandemia] no Bolsonaro e o sistema de comunicação regional é atrelado à pauta do Sudeste, com programação devagar, controlada pela publicidade do Estado. Isso facilita a vida do Wilson", disse.

Nogueira avalia que a onda de combate à corrupção e questões associadas à gestão de Braga e Amazonino também explicam a rejeição ao nome deles. O governo Braga também enfrentou operações da Polícia Federal e o nome dele foi citado na Lava Jato.

Raio-X da corrida para o Governo do Amazonas

Candidatos	Alianças
Amazonino Mendes **Cidadania**	**Cidadania e PSDB**
Dr Israel Tuyuka **PSOL**	**PSOL e Rede**
Henrique Oliveira **Podemos**	**Podemos e Pros**
Ricardo Nicolau **Solidariedade**	**Solidariedade e PSB**
Carol Braz **PDT**	**PDT**
Eduardo Braga **MDB**	**MDB, PT, PC do B, PV e PSD**
Nair Blair **Agir**	Sem alianças definidas
Wilson Lima **União Brasil**	**União Brasil, Republicanos, PP, PTB, PSC, PL, PRTB, PMN, Patriota, Avante**

Dados do estado

IDH: **0,674**

População estimada: **4.269.995**

2.647.746 Eleitorado

51% mulheres **49%** homens

Atual governador
Wilson Lima
União Brasil
concorre à reeleição

Fontes: IBGE e TSE

Bolsonaro leva ato de campanha a Londres no funeral de Elizabeth 2ª

Discurso a apoiadores e presença de pastor evangélico despertam críticas da oposição

Ivan Finotti e Mayara Paixão

LONDRES E GUARULHOS O presidente Jair Bolsonaro (PL) seguiu o rito de outros chefes de Estado, visitando o caixão da rainha Elizabeth 2ª neste domingo (18) e assinando o livro de condolências da soberana. Antes, porém, fez de sua viagem a Londres um ato de campanha e discursou em tom eleitoral a um grupo de apoiadores na capital britânica.

Em ambas as ocasiões, Bolsonaro esteve acompanhado da primeira-dama, Michelle, transformada em peça-chave de sua campanha na corrida pela reeleição para conquistar principalmente o voto feminino. Na visita ao caixão, também esteve ao lado do pastor evangélico Silas Malafaia, aliado que acompanha a comitiva brasileira e que o presidente considera um "conselheiro".

Hospedado na casa do embaixador do Brasil em Londres, Bolsonaro foi à varanda e falou a um grupo de brasileiros vestidos de verde e amarelo que o recepcionaram com gritos de seus slogans de campanha. O grupo rezou o Pai Nosso e cantou o Hino Nacional. Depois, entoou frases como "nossa bandeira jamais será vermelha" —contra uma hipotética ameaça comunista.

O presidente voltou a dizer, entre outras coisas, que ganhará a eleição ainda no primeiro turno, ainda que pesquisas de intenção de voto desenhem um cenário desfavorável a ele, atrás de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Bolsonaro goza de 33% das intenções de voto, contra 45% do petista, segundo dado mais recente do instituto Datafolha.

O líder brasileiro também participou de uma recepção no Palácio de Buckingham, sede da realeza britânica. Ao lado de apoiadores que gritavam "o capitão chegou", disse que teve uma conversa breve com o rei Charles 3º, quando manifestou pesar pelo falecimento da rainha Elizabeth 2ª, ocorrido no último dia 8.

Em breve fala depois de assinar o livro de condolências, Bolsonaro disse que o Brasil guarda na memória a viagem da rainha ao país em 1968, no auge do regime militar. Na única passagem da soberana pelo Brasil, ela esteve com o então presidente Arthur da Costa e Silva, em cuja gestão foi decretado o Ato Institucional nº 5, marcando o início do período mais repressor da ditadura.

O tom eleitoral da agenda despertou críticas da oposição e de ex-aliados. O ex-presidente Lula disse ser louvável que Bolsonaro tenha ido ao funeral, mas o acusou de usar o espaço para insuflar seus apoiadores com críticas a opositores. Entre as frases que Bolsonaro ecoou no ato em Londres, estava "Lula, ladrão, seu lugar é na prisão".

"Em vez de ir para o velório da rainha, seria mais louvável se ele tivesse visitado familiares e órfãos das vítimas da Covid e se tivesse comprado vacinas no tempo certo", escreveu Lula em uma rede social.

A deputada federal Joice Hasselmann (PSL-SP), ex-aliada de Bolsonaro, disse que o presidente "transformou o funeral da rainha em um palanque".

A postura também foi destacada na imprensa britânica. O jornal The Guardian referiu-se ao presidente como "populista sul-americano" e reportou a mudança do discurso, de "profundo respeito" pela família real a agenda de campanha. Já o Daily Mail, no qual Bolsonaro é descrito como um governante populista de direita e integrante da lista de "líderes controversos" convidados para o funeral da rainha, relatou que o presidente fez uma espécie de comício. "Para ganhar pontos políticos em casa antes das próximas eleições", diz o texto.

A deputada Gleisi Hoffmann, presidente do PT, disse que Bolsonaro "faz campanha eleitoral numa viagem oficial, custeada com recursos públicos". "Viajam com o presidente pessoas que não são agentes públicos, mas cabos eleitorais dele; um abuso de poder político e econômico."

Além de Michelle e Malafaia, acompanham o presidente o padre Paulo Antônio de Araújo e o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP). "Essa consideração é impagável", escreveu Eduardo em uma publicação na qual aparece sorrindo e fazendo fotos com os brasileiros em Londres. Fabio Wajngarten, ex-secretário de Comunicação da Presidência, também esteve com o presidente no discurso feito na varanda do embaixador e nos encontros com apoiadores.

Malafaia tem sido exaltado por Bolsonaro como conselheiro de campanha. Como outras figuras que rodeiam o presidente, o pastor também dissemina teorias infundadas, a exemplo da ideia de que possa haver fraude nas urnas.

Nas redes sociais, o evangélico publicou um vídeo com o embaixador brasileiro em Londres, Fred Arruda, no qual o diplomata diz ser uma "enorme honra ter Malafaia representando o Brasil" naquele momento, a despeito de o país ser um Estado laico.

Levantando bandeiras conhecidas de seu governo e de sua trajetória política no Congresso, Bolsonaro falou a dezenas de apoiadores contra a legalização do aborto, a política de drogas e o que ele chama de "ideologia de gênero".

O presidente, que por reiteradas vezes minimizou a gravidade da Covid-19, afirmou que, mesmo com a "terrível pandemia no mundo todo, somos conhecidos pela questão da economia". Seu mandato, porém, deixa como herança um país mais endividado do que ele encontrou ao assumir o cargo no início de 2019.

Em Londres, Bolsonaro também afirmou que o Brasil é uma potência do agronegócio e, a despeito do avanço a galope do desmatamento, disse que "ninguém tem o que o nosso país tem", referindo-se à biodiversidade brasileira.

Ele também voltou a usar um mote de origem fascista que se tornou um dos slogans de sua campanha. "O nosso lema é Deus, pátria, família e liberdade", afirmou, adicionando o termo "liberdade" à frase adotada por fascistas brasileiros da Ação Integralista e pela ditadura Salazar em Portugal.

Na terça (20), Bolsonaro estará em Nova York para participar da Assembleia-Geral da ONU, onde deve fazer o discurso de abertura, mas sem encontros de peso na agenda.

O presidente Jair Bolsonaro (PL), ao lado da primeira-dama, Michelle, e do pastor evangélico Silas Malafaia, no Palácio de Westminster, em Londres Chip Somodevilla/Pool /AFP

Presidente vai à ONU em viagem com risco político calculado

Thiago Amâncio e Marianna Holanda

WASHINGTON E BRASÍLIA | Jair Bolsonaro (PL) viaja a Nova York para abrir a 77ª Assembleia-Geral da ONU na terça (20). O cronograma apertado, a duas semanas da eleição, e o fato de ele estar em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto exigiram, porém, que a equipe do presidente pesasse com mais atenção o risco político dos roteiros.

Com cara de evento de campanha, a viagem aos Estados Unidos terá caravanas de apoiadores de cidades americanas para recepcionar o presidente nesta segunda-feira (19) e para um almoço ainda na terça, depois do discurso na ONU.

Em meio a uma disputa eleitoral longe de estar resolvida, viajar para fora do país, principalmente para dois destinos internacionais em sequência —o presidente também foi a Londres acompanhar o funeral da rainha Elizabeth 2ª— não foi um cálculo simples.

A avaliação do governo foi que a viagem era obrigatória e que o custo político de faltar seria maior que o de comparecer, reforçando a imagem de isolamento do presidente no xadrez político mundial.

Não que a presença seja garantia de integração no tecido global. Bolsonaro, afinal, não tem reuniões bilaterais marcadas com nenhum chefe de Estado de país expressivo para a economia brasileira.

Mas a viagem aos EUA foi decidida a partir de um raciocínio diferente da que o levou a Londres, segundo aliados do presidente, que queriam acima de tudo uma foto de Bolsonaro ao lado do novo rei Charles 3º. Na avaliação da campanha, estar no Reino Unido é um aceno maior ao eleitor comum, em um tema pop como a realeza britânica e que tem ampla cobertura midiática. Já a viagem a Nova York se dirige mais aos formadores de opinião e lideranças internacionais, além de garantir certo destaque no noticiário.

Pensando nisso, o discurso de Bolsonaro na Assembleia-Geral deve ser permeado de acenos à comunidade internacional sem deixar de lado sua base eleitoral no Brasil.

O presidente deve falar da crise de alimentos catapultada pela Guerra da Ucrânia e repetir que o Brasil é um "celeiro do mundo", com capacidade de garantir a segurança alimentar global —sem mencionar, é claro, a crise no próprio país, onde a fome se agravou desde a pandemia e 33 milhões não têm o que comer, segundo estudo recente.

Ainda em relação à guerra, Bolsonaro deve usar a crise de escassez de gás natural na Europa, que levou a um aumento da queima de carvão, para criticar países que condenaram suas políticas ambientais —ou a ausência delas. Ele deve reafirmar que o Brasil tem uma matriz energética limpa, além de aproveitar o gancho para promover uma proposta de sua campanha eleitoral sobre o fomento à energia eólica no Nordeste.

Criticado por potências ocidentais por não se posicionar contra a Rússia, Bolsonaro deve falar ainda do acolhimento de refugiados ucranianos.

O que deve ocupar boa parte do discurso também é a economia, que serve tanto para atrair investidores quanto eleitores. Há expectativa de que ele defenda que o Brasil se recuperou melhor que outros países e destaque o crescimento do PIB acima do esperado. e projeções otimistas do mercado.

Por mais que a diplomacia brasileira tente preparar um Bolsonaro mais centrado, no entanto, o texto final lido pelo presidente é fechado no Palácio do Planalto, e existe o receio de que ele use o púlpito da ONU também para criticar outros países com governos de esquerda. O presidente insistiu em eventos recentes em criticar não só a ditadura da Nicarágua, mas também os vizinhos democráticos Chile e Argentina, em acenos a sua base mais radicalizada.

Se for bem aceito, o discurso deve ser usado na campanha, principalmente em vídeos curtos para redes sociais.

Discursando pela quarta vez na ONU, o Bolsonaro que chega ao evento em 2022 é diferente do de anos anteriores. Em 2019, quando havia grande expectativa sobre sua estreia, o presidente fez um discurso agressivo e inusual entre líderes brasileiros. Em 2020, gravou pronunciamento exibido de forma remota na Assembleia devido à pandemia e se defendeu das críticas pelo descontrole da Covid no país.

Em 2021, a viagem foi marcada pela recusa do presidente em se imunizar contra a Covid e pela dúvida quanto às regras que proibiam pessoas não vacinadas de participarem de eventos em locais fechados.

Aquele também foi o primeiro ano de Joe Biden na Presidência dos EUA, e havia certa tensão entre os dois, já que o brasileiro apoiou abertamente a reeleição de Donald Trump e repetiu suspeitas infundadas de fraude no pleito americano. Na ocasião, os dois líderes não se encontraram.

Em 2022, Bolsonaro viaja com uma relação mais apaziguada com Biden. Eles se reuniram pela primeira vez em junho, durante a Cúpula das Américas, ainda que Washington tenha dado recados de que não deve embarcar em uma aventura golpista caso o brasileiro não respeite o resultado das eleições de outubro.

Guerra do inverno na Eurásia

Conflito representa desafio histórico, mas é cedo para anunciar funeral da UE

Mathias Alencastro
Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

O colega colunista Helio Beltrão escolheu uma boa semana para retomar o clichê mais envelhecido da Guerra da Ucrânia: “Putin joga xadrez, e Bruxelas, bolinhas de gude”.

Na última quarta-feira (14), Ursula von der Leyen, presidente do Executivo da União Europeia, apresentou o plano da UE para o inverno mais desafiador do pós-guerra. Ela confirmou o objetivo de reduzir a dependência do gás russo por meio de uma combinação de políticas tributárias e fiscais, do lançamento de um banco público para o desenvolvimento de hidrogênio e da reformulação do mercado de eletricidade do bloco.

O russo Vladimir Putin, entretanto, perdeu alguns peões no xadrez e viu sua rainha ser ameaçada. Suas conquistas territoriais foram comprometidas por uma contraofensiva relâmpago do Exército ucraniano. O desempenho errático da Rússia no campo de batalha está sendo abertamente questionado por apoiadores internos e externos do regime, sobretudo a China, sua principal fiadora geopolítica.

O desafio da UE não pode ser subestimado. É grande a distância entre as projeções da tecnocracia de Bruxelas e a opinião pública europeia, aturdida por contas de luz de preços espantosos. Depois de ver colapsar o seu modelo econômico predominante em três décadas de exportação de bens tecnológicos para a China e importação de energia barata da Rússia, a Alemanha se encontra agora em estado de choque. Às vésperas de um reality show eleitoral da extrema direita, os italianos se preparam para desertar o debate estratégico do continente europeu.

Ainda assim, a história nos ensina a evitar os funerais antecipados. Nunca faltaram profetas para anunciar o colapso iminente da União Europeia, seja na crise da zona do euro, no brexit, na pandemia e agora na guerra. Aconteceu sempre o contrário. Impotentes, os Estados soberanos foram transferindo as suas competências para a esfera de Bruxelas. Outrora uma fantasia inalcançável, a ideia de Estado federal está se tornando uma realidade pela força desses choques sistêmicos.

Os próximos meses também vão testar a credibilidade de outro clichê prevalente entre comentaristas: o da suposta desvantagem das democracias liberais no planejamento industrial de longo prazo.

O Kremlin acumulou divisas no começo do conflito e disseminou, com muito sucesso, a ideia de que a Europa seria terrivelmente enfraquecida pela utilização russa do petróleo e do gás natural como arma.

Todavia, ninguém, nem Putin, pode descartar a possibilidade de que a Europa sobreviva e concretize a sua autonomia energética. Nesse caso, a Rússia veria estabelecida a sua inferioridade no conflito entre os Estados Unidos e a China. Sua posição favorável no Sul Global poderia ficar comprometida pelos avanços da transição energética e pelas oportunidades econômicas que tais progressos proporcionam aos países emergentes.

A invasão da Ucrânia deixou claro que a UE ainda é uma minipotência. Mas a sua resiliência pode alterar o cálculo das superpotências envolvidas na guerra do inverno na Eurásia.

| SEG. Mathias Alencastro | QUI. **Lúcia Guimarães** | SÁB. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzcovsky

Camilla vai de amante abominada a rainha

Esposa do rei Charles 3º soube reciclar a própria imagem com assessoria e chega ao auge após morte de Elizabeth 2ª

Michele Oliveira

MILÃO Primeiro ela foi chamada de Camilla Rosemary Shand. Mais tarde, ficou conhecida mundialmente como Camilla Parker Bowles. Depois, pelo título de duquesa da Cornualha e, recentemente, duquesa de Edimburgo. Agora, aos 75 anos, ela concretiza sua mais longa e mais importante transformação.

Depois de três décadas, Camila agora passa de personagem abominada pelos britânicos a rainha do Reino Unido.

Não uma rainha como Elizabeth 2ª, mas uma rainha consorte, aquela que ascende ao trono por ser casada com um rei, não por ter herdado o cargo de outro monarca. Apesar de não ter poderes constitucionais, não ter participação nos assuntos de governo e não fazer parte da linha de sucessão ao trono britânico, Camilla assume agora um papel considerado fundamental para o reinado de Charles 3º.

Como ele próprio sinalizou no discurso realizado no dia da morte da mãe, na quinta-feira (8), quando anunciou o novo título de Camilla. “Em reconhecimento ao seu serviço público leal desde nosso casamento, há 17 anos, ela se torna minha rainha consorte. Eu sei que ela trará para as exigências de seu novo papel a devoção inabalável à função, na qual confio tanto.”

A atribuição do título pode parecer automática, mas a decisão só recebeu sinal verde em fevereiro deste ano, quando Elizabeth 2ª, durante a celebração dos 70 anos de seu reinado, declarou que seu “desejo sincero” era que Camilla fosse chamada de rainha consorte, “quando a hora chegar”. Até então, a expectativa era que seu título se limitasse a “princesa consorte”, à semelhança da maneira como o marido de Elizabeth foi chamado depois que a esposa assumiu o trono britânico.

“Ir de inimiga pública número 1, do papel de ‘outra’ e amante, para rainha consorte é uma virada totalmente inimaginável na época do divórcio do rei com a princesa Diana”, disse à **Folha** a escritora Anna Pasternak, autora de livros sobre mulheres da realeza britânica, como Diana e Wallis Simpson, a divorciada que levou Eduardo 8º a abdicar do trono, em 1936.

Assim como Wallis, Camilla também havia tido um casamento antes de se unir oficialmente a Charles, em 2005. Entre 1973 e 1995, ela foi casada com Andrew Parker Bowles, um oficial do Exército, com quem teve dois filhos. O relacionamento com o então príncipe Charles, no entanto, havia começado antes e continuou durante e depois.

A animosidade dos britânicos por Camilla foi nutrida, ao mesmo tempo, pela cobertura dos tabloides sensacionalistas –que publicaram trechos de conversas íntimas entre os amantes– e pela separação de Charles e Diana, que, em uma célebre entrevista em 1995, culpou Camilla pela crise conjugal. “Eram três pessoas no nosso casamento”, disse a “princesa do povo” na TV. Dois anos mais tarde, ela morreria tragicamente em um acidente de carro, dando condições para que o relacionamento entre Charles e Camilla fosse saindo gradualmente da clandestinidade.

Não foi só a normalização do divórcio no mundo contemporâneo e dentro da família real que levou à aceitação de Camilla, ao contrário do que aconteceu com Wallis Simpson. O caminho de 30 anos que chega agora ao auge foi pavimentado pela atuação de especialistas em recuperação de imagem, como Mark Bolland, apontado como o responsável por organizar a cobertura pela imprensa de cenas favoráveis ao casal, como um encontro de Camilla com a rainha Elizabeth, em 2000. Se a soberana estava pronta para aceitar a nova companheira de Charles, mais britânicos também estariam.

Para Pasternak, além da assessoria profissional que recebeu, sua atuação em cerca de 90 instituições de caridade britânicas e a passagem do tempo, foram fundamentais as próprias características da personalidade de Camilla.

“Ela tem uma devoção constante a Charles e à família real”, avalia a escritora. “Diferentemente dos membros mais jovens, não busca holofotes e não finge ser alguém que não é. É engraçada, esperta e, mesmo quando foi difamada, nunca perdeu o bom senso.”

Segundo uma pesquisa do YouGov divulgada na última terça-feira (13), 53% dos britânicos dizem acreditar que a rainha consorte vai desempenhar um bom trabalho em sua nova função —que, assim como a do príncipe Philip, outro monarca consorte, deverá ser o de apoiar quem ocupa o trono por direito de herança. “Além de saber lidar com o rei Charles, Camilla é diplomática e muito boa em acalmar situações carregadas”, explica Pasternak. “Acho que ele vai ser um rei muito melhor tendo Camilla como rainha.”

A rainha consorte do Reino Unido, Camilla Parker Bowles Frank Augstein - 14.set.22/Pool/AFP

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

Bolsonaro e outros ‘homens-fortes’ vão parar nos tabloides

O presidente brasileiro conseguiu a atenção dos sites dos tabloides londrinos, com os direitistas The Sun e Daily Mail noticiando a sua presença na cidade, junto com outros da mesma faixa, “controversos”, como o saudita Mohammed bin Salman —este com suspense sobre ir ou não ao funeral de Elizabeth 2ª.

No título do Sun, “Homens-fortes desembarcam para o funeral da rainha, e governante populista do Brasil fala para multidão”. Ambos reproduziram diversos vídeos de Bolsonaro em Londres. Abrindo seu texto, o Mail anota que o seu discurso foi “para ganhar pontos antes das eleições no país sul-americano”.

Outros jornais, como o conservador Telegraph, fizeram registros mais formais e até respeitosos. Mas o comício na sacada recebeu atenção também do liberal The Guardian, com chamada no alto da home page, sem foto, “Jair Bolsonaro usa visita a Londres para funeral da rainha como ‘palanque eleitoral’”.

Além de reportar o discurso do “presidente de extrema-direita”, o jornal informa que “amigos e parentes do jornalista britânico Dom Phillips, assassinado na Amazônia, também se reuniram [diante da embaixada] para expressar sua indignação com a presença de Bolsonaro. O pequeno grupo teve que ser protegido pela polícia”.

O Guardian anota que Lula criticou a ação de Bolsonaro, dizendo que ele estaria atrás de “boa imagem” no exterior. E que Eduardo Bolsonaro, que está com o pai, questionou a cobertura do jornal em mídia social.

Entre as agências de notícias, a Reuters despachou que “Bolsonaro atrai atenção por discurso de campanha agressivo antes do funeral da rainha”. Na americana Associated Press, mais direta, “Bolsonaro busca votos antes do funeral da rainha”.

NOVO PADRÃO ESTRATÉGICO No chinês Renmin Ribao ou Diário do Povo, do PC, sobre a cúpula da Organização para a Cooperação de Xangai, no Uzbequistão, Xi Jinping fez “importante discurso, fortalecendo a solidariedade e a cooperação e promovendo a construção de uma comunidade OCX mais próxima”. No portal Guancha, mais explícito, ouvindo acadêmicos chineses, “Esta reunião marca uma época e vai mudar o padrão estratégico do continente eurasiático”.

MODI & XI Na Índia, sobre a OCX, veículos de mídia como Hindustan Times e India Todaya destacaram fotos do primeiro-ministro Narendra Modi ao lado de Xi. Alguns observaram que os dois não se cumprimentaram diante das câmeras. Com o fim da cúpula, Modi assumiu a chefia rotativa da organização e, como ressaltou a agência indiana ANI, foi saudado pelo líder chinês, declarando: “Nós vamos apoiar a Índia em sua presidência” do bloco.

O PRÓXIMO PASSO Na Turquia, o presidente Tayyip Erdogan anunciou pela imprensa nacional que “o próximo passo” do país é entrar de vez no bloco. No enunciado da rede NTV, “Erdogan: Nosso objetivo é ser membro pleno da OCX”. Repercutiu por agências ocidentais e japoneses como Nikkei. Na Bloomberg, “Turquia quer ser o primeiro membro da Otan a se juntar à OCX liderada pela China”.

DECEPÇÃO O South China Morning Post sublinha que “Erdogan costuma citar decepção e falta de solidariedade da Otan e da União Europeia em questões de segurança, sobretudo insurgentes curdos e Grécia”. No Uzbequistão, ele teve reuniões bilaterais com Xi, Modi e Vladimir Putin, mas pediu e não está conseguindo um encontro com Joe Biden nesta semana, durante a Assembleia Geral da ONU, nos EUA.

entrevista da 2ª

Luiz Chrysostomo

R$ 1 tri em privatização é ficção eleitoral, e prioridade é aumentar concorrência

Criador do PND diz ser fundamental ampliar competição com reforço regulatório, mas não vê Lula ou Bolsonaro atacando o tema

MERCADO

Fernando Canzian

SÃO PAULO Para Luiz Chrysostomo, 58, diretor do Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças e um dos criadores, no início dos anos 1990, do PND (Programa Nacional de Desestatização), os 30 anos de privatização no Brasil compõem um dos mais bem-sucedidos programas de reforma do Estado do mundo ocidental.

Coordenador da venda da Telebras em 1998 e com atuação em 49 privatizações e concessões, dentro e fora do governo, Chrysostomo afirma que a próxima fronteira na área é aprimorar o modelo institucional a partir do fortalecimento das agências reguladora —que, em muitos casos, sofrem hoje de um "vácuo de quadros".

"Quando quebramos o monopólio público, o que se quer é competição e eficiência. Sem isso, temos a maior perversidade que existe, que é a transferência do monopólio público para o privado."

Ele afirma ter dúvidas de que os dois principais candidatos nesta eleição, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL), darão prioridade ao aperfeiçoamento institucional na área.

"Infelizmente, pois isso está ligado a um novo momento de crescimento do Brasil, que só avançará com uma infraestrutura modernizada. E o novo ciclo de investimentos não será estatal. Tem de ser privado", afirma.

*

Lucas Seixas/Folhapress

Luiz Chrysostomo, 58
é sócio e membro do conselho diretor do Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças. Ex-chefe do gabinete de Desestatização do BNDES no início dos anos 1990, coordenou a privatização da Telebras em 1998 e atuou, dentro e fora do governo, em 49 privatizações e concessões. Mestre e bacharel em ciências econômicas pela PUC-Rio, especializou-se em administração pela Wharton School (EUA). Foi diretor geral dos bancos de investimentos JPMorgan e Chase Manhattan

Como avalia os 30 anos de privatização e concessões no Brasil, período em que a maior parte dos ativos importantes, como telefonia, energia, rodovias e aeroportos mais movimentados passaram à iniciativa privada? Como é possível avançar? Essas três décadas nos permitiram construir um dos programas mais bem-sucedidos de reforma do Estado no mundo ocidental. Não estou falando só de emergentes, mas do hemisfério Norte, dos processos de revisão do Estado a partir do final dos anos 1980, iniciados na Inglaterra pela Margaret Thatcher [1925-2013], e que serviram de parâmetro inclusive para o Brasil.

O Brasil tinha como característica ser um Estado muito grande pelo modelo de desenvolvimento adotado a partir dos dois PNDs [Plano Nacional de Desenvolvimento, de 1972 a 1974, e de 1975 a 1979, ambos no regime militar]. Não é à toa que construímos outro PND, propositadamente chamado Programa Nacional de Desestatização.

É importante ressaltar que a privatização no Brasil atravessou os governos de PSDB, PT, PMDB e o governo Bolsonaro, além de [Fernando] Collor, onde tudo começou, e Itamar Franco. No caso das privatizações, não tivemos plano de governo, mas de Estado.

Daqui para a frente, o total de ativos controlados diretamente pelo Estado é extremamente concentrado: Petrobras, bancos públicos [BB, Caixa e BNDES] e Correios; neste último caso, algo relativamente pequeno.

O importante daqui para a frente é perseguirmos o amadurecimento institucional que envolva a regulação das empresas privatizadas no que tange ao controle de qualidade dos ativos vendidos e à ampliação da concorrência, para que todos os benefícios e a inovação do capital privado cheguem ao consumidor final.

Um dos pontos negativos é justamente a inconstância de uma atuação mais técnica e eficaz das agências reguladoras. Em alguns casos, há indicações políticas de membros e lentidão em decisões para ampliar a concorrência nos serviços. Como avalia isso? Houve diferentes fases. A Anatel [Agência Nacional de Telecomunicações] foi montada de forma correta, com orçamento próprio, técnicos de primeira linha e antes da privatização. Já a Aneel [Agência Nacional de Energia Elétrica] surgiu no meio da privatização, e o processo ocorreu sem que se soubesse exatamente qual seria o horizonte final do setor. Mas também foi criada com técnicos de primeira linha, assim como a ANP [Agência Nacional do Petróleo].

Numa segunda fase, houve o aparelhamento político, em que as agências perderam seu espaço. Isso ficou muito claro especialmente no governo Dilma Rousseff [2011-2016].

Mais recentemente, no governo Bolsonaro, temos o não preenchimento de diversas vagas e quadros, o que vem inviabilizando as agências de fazer o trabalho de supervisão, controle e aprimoramento institucional.

Assim, a nova fronteira da privatização, a que os próximos governos têm de se dedicar, é justamente o aprimoramento do modelo institucional e regulatório. Pois isso é o que vai gerar eficiência no modelo econômico. Quando quebramos o monopólio público, o que se quer é competição e eficiência. Sem isso, temos a maior perversidade que existe, que é a transferência do monopólio público para o privado.

Tenho dúvidas de que [o avanço na regulação] será prioridade no próximo governo [Lula ou Bolsonaro]. Infelizmente, pois isso está ligado a um novo momento de crescimento do Brasil, que só avançará com infraestrutura modernizada. E o novo ciclo de investimentos tem de ser privado

Luiz Chrysostomo
Um dos criadores do PND

Sobre esses dois vetores, concorrência e eficiência, em quais setores avançaram mais e onde poderiam melhorar? Na energia, por exemplo, até hoje não temos um mercado do livre para o consumidor residencial decidir de quem comprar a energia. No geral, temos agências para cada um dos setores e uma Lei das Agências. O que não temos é um avanço institucional. O Brasil tem condições de fazer mudanças nesse sentido, e isso passa pelo Congresso. Tudo o que envolve privatização tem de passar pelo Congresso ou por entes locais, como assembleias legislativas, para ser totalmente legitimado.

Entre avanços e retrocessos, temos uma Anatel que passou por momentos difíceis, mas que tem estrutura para melhorar. À Aneel claramente falta um elemento de mudança institucional que permita o aumento da competição. Mas a crise energética global e o aumento das energias alternativas vão forçar naturalmente essa evolução.

Com a Eletrobras agora privada, ela também estará mais permeável a um ambiente de competição. A institucionalidade que permeia o setor elétrico numa privatização de mais de 20 anos também está chegando a um nível de maturidade, com a convivência de entes privados locais, internacionais e capital financeiro.

Este mix permite uma competição sadia. Não vai ser nos próximos dois ou três anos, mas o vetor está indicando isso. Temos um copo mais cheio do que vazio nesse sentido.

As experiências vividas em setores como telefonia e energia também tendem a informar melhor os próximos passos em outras áreas, como na questão do novo marco para o saneamento. Este é um setor com menos competição, mas a experiência do que deu errado em outras áreas pode ajudar o regulador a estabelecer melhor quais são os compromissos, deveres e direitos dos novos concessionários, tanto do ponto de vista dos investimentos quanto do aspecto tarifário.

Sobre tarifas, há muita reclamação de usuários em alguns setores, sobretudo em energia e rodovias. Processos de privatização têm impactos tarifários. Isso é uma realidade global. Em alguns casos, eles são mais amplos, do ponto de vista de tarifas mais altas, seja por questões inflacionárias ou gargalos, ou por formas erradas de fazer a privatização.

Em algumas privatizações, quando mal modeladas, há recuos. Seja do ponto de vista da propriedade, que pode ser novamente encampada pelo setor público, ou quando, no processo de gestão, um reequilíbrio econômico-financeiro se torne necessário para que o negócio não quebre.

No governo Dilma houve um conceito, presente também em outros países, de modicidade tarifária no setor de rodovias. Um incentivo para gerar um certo subsídio na tarifa e muita exigência de investimentos, o que subvertia qualquer equilíbrio econômico-financeiro. Vimos isso em algumas rodovias e aeroportos. Foi o equívoco de colocar um elemento quase ideológico em um aspecto técnico.

No caso dos aeroportos, o modelo errou ao manter a participação de 49% da Infraero, uma empresa quebrada, e baseado em um crescimento de demanda que não aconteceu. Dilma foi mais ideológica no sentido de querer preservar tarifas artificiais no caso das rodovias e um ente público no caso dos aeroportos.

Mas, para sermos honestos, muitos acreditaram que o país iria crescer muito, tanto que essas estradas e aeroportos foram concedidos. Falhas em modelos existem em vários países. Portugal fez um programa de PPP (parcerias público-privadas) que deu errado, exatamente como no governo Dilma. Estimaram um crescimento enorme do país com a integração europeia e tiveram de devolver tudo [as concessões] porque não tiveram demanda.

O importante é que, quando houver falhas, os modelos sejam aperfeiçoados. O governo Bolsonaro herdou tanto a Lei das Agências Reguladoras quanto a Lei das Estatais [para tentar blindá-las de interferências políticas], além de regras para relicitações. Mas estamos vendo o que acontece com a Petrobras [objeto de interferências de Bolsonaro] e com as agências, em que existe um vácuo de quadros. No caso das relicitações, não andou nada. Houve um trabalho para tentar, mas, por conta da institucionalidade e de aspectos jurídicos, não andou.

O ministro Paulo Guedes prometeu até R$ 1 trilhão em privatizações, mas não vimos disposição em mexer em estatais como Petrobras e Banco do Brasil. Há R$ 1 trilhão em ativos para privatizar? E como expandir privatização e concessões em áreas menos atrativas para o setor privado? R$ 1 trilhão em privatização é uma ficção eleitoral. Qualquer estimativa nesse valor teria de incorporar outros ativos da União, além de estatais. A viabilidade disso levaria décadas, por exemplo, na parte imobiliária da União.

Sobre ativos menos atrativos, alguns deles terão de ficar por algum tempo com o Estado, sendo bem geridos por agências ou ministérios até que se possa organizar o crescimento regional onde eles estão. Ou até o fechamento desses ativos.

Em vários países desenvolvidos, o Estado tem presença importante em algumas atividades. Mas é preciso que o cálculo de subsídios para elas esteja orçado e seja transparente, até que possam ser transferidas. Há casos em que simplesmente devem ser liquidadas.

A ideia de pegar um ativo bom e misturar a ele um podre, e assim tentar vender, pode não dar certo. Estaríamos criando dois tipos de problema: não ter um melhor operador de saída; ou causar um problema à frente para um bom operador.

O que se pode esperar de Lula ou Bolsonaro, hoje líderes nas pesquisas, em concessões e privatizações? Não vejo retrocesso na desestatização. Minha preocupação com os dois eventuais governos é com as agências e o aspecto regulatório. Esse é o elemento crucial para avançar.

Antes, precisávamos do BNDES, quase que exclusivamente, para fazer investimentos em infraestrutura. Agora, apesar de o mercado de capitais ter se desenvolvido muito nos últimos cinco anos no sentido do financiamento privado, ainda temos uma letargia no avanço das reformas regulatórias, na direção de maior competição geral e tarifária.

Nossa nova fronteira não é R$ 1 trilhão em privatização, mas o avanço na regulação. Para isso, tem de haver disposição política do Executivo de encaminhar ao Legislativo as reformas regulatórias necessárias. Nenhum processo de privatização do mundo dá certo, seja para venda de ativos ou aprimoramento institucional, sem a anuência do Congresso Nacional. É isso o que a reforma do Estado significa nesse tema.

Tenho dúvidas de que isso será uma prioridade em qualquer um dos dois governos. Infelizmente, pois isso está ligado a um novo momento de crescimento do Brasil, que só avançará com uma infraestrutura modernizada. E o novo ciclo de investimentos não será estatal. Tem de ser privado.

F LEIA ESPECIAL SOBRE 30 ANOS DE PRIVATIZAÇÃO EM folha.com/privatizacao

+ Principais privatizações e concessões

Fernando Collor
- Usiminas

Itamar Franco
- CSN
- Embraer

Fernando Henrique Cardoso
- Telebras
- Vale do Rio Doce
- Bancos Banerj, Banespa e Banestado, entre outros

Luiz Inácio Lula da SIlva
- Leilões para construção das usinas de Santo Antônio e Jirau
- Concessão das rodovias Régis Bittencourt e Fernão Dias, entre outras

Dilma Rousseff
- Instituto de Resseguros do Brasil
- Concessões dos aeroportos de Guarulhos, Viracopos, São Gonçalo do Amarante e Galeão
- Concessão da BR-101, entre outras

Michel Temer
- Distribuidoras de energia
- Linhas de transmissão
- Concessões na área de transporte

Jair Bolsonaro
- Eletrobras
- BR Distribuidora
- Transportadora Associada de Gás
- Refinaria Landulpho Alves
- Concessão da Ferrovia Norte-Sul (trechos central e sul)

PF evita quase R$ 500 mi em fraudes do INSS

Supostas irregularidades foram feitas com senhas de 29 servidores e há suspeita de que códigos tenham sido hackeados

Camila Mattoso e Thiago Resende

BRASÍLIA A Polícia Federal identificou uma suspeita de fraude que pode chegar a R$ 486 milhões em pagamentos de benefícios da Previdência, como o auxílio-reclusão, cujo objetivo é proteger parentes que, com a prisão do segurado, podem ficar sem renda e, no caso de jovens, abandonar a escola para trabalhar.

A operação para identificar os desvios também contou com a atuação do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) e da Febraban (Federação Brasileira de Bancos). Setores de inteligência das instituições financeiras que fazem esses pagamentos verificaram indícios de irregularidades nas transferências.

Prédio da Previdência Social em Brasília; investigação identificou pagamentos feitos em contas bancárias que não eram dos titulares dos benefícios Antonio Molina/Folhapress

Segundo a PF, as supostas fraudes foram feitas por meio de acessos de senhas de 29 servidores do INSS. A principal suspeita é que os códigos tenham sido hackeados. Ainda segundo policiais que participam da ação, com o acesso ao sistema do órgão, criminosos conseguiram reativar benefícios e alterar dados de contas bancárias para que os pagamentos fossem feitos.

Investigadores contaram à **Folha** que, entre os indícios encontrados até o momento, foi possível identificar uma grande quantidade de casos em que titulares das contas dos bancos não eram os mesmos destinatários dos benefícios.

Um outro padrão notado é que as reativações foram feitas em benefícios que estavam perto de completar cinco anos, com valores de atrasados que nunca passavam de R$ 100 mil —o que seria, em tese, para não chamar a atenção de órgãos de controle, como o Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras).

"A Polícia Federal detectou, por meio do uso de ferramentas de análise massiva de dados, a existência de milhares de reativações de benefícios sociais de forma fraudulenta. Dessa forma, a medida mais urgente para evitar a evasão de dinheiro público foi o acionamento das instituições financeiras, possibilitando o bloqueio do pagamento de milhões de reais em benefícios fraudulentos", disse Cléo Mazzotti, coordenador-geral de repressão a crimes fazendários da Polícia Federal.

A maior preocupação do lado da polícia era que os pagamentos fossem suspensos o quanto antes. Isso porque a experiência de investigações desse tipo mostra que é difícil recuperar o dinheiro depois de realizada a transferência. Em algumas situações, é possível encontrar os autores, mas dificilmente os recursos são devolvidos.

A apuração começou em junho deste ano e, desde então, os bloqueios de pagamentos começaram a ser feitos.

Mais de 13 mil benefícios que seriam pagos estão na mira da investigação —entre eles o auxílio-reclusão, pago a dependentes do trabalhador preso que tenha no mínimo dois anos de atividade urbana reconhecida pelo INSS e não receba benefício do órgão, dentre outras exigências.

Segundo o INSS, uma análise mais aprofundada vai concluir, dentro desse montante de R$ 486 milhões, quais benefícios que seriam pagos irregularmente e quais estavam regulares. Por isso, o órgão ainda não tem informação de quanto poderá ser recuperado.

A Polícia Federal agora investiga se a ação foi orquestrada, se partiu de um mesmo grupo e busca identificar os autores das supostas fraudes.

Na esteira de medidas para combater desvios, o INSS concluiu no início de setembro a distribuição de tokens para aprimorar a segurança no acesso de servidores do órgão a dados dos beneficiários e ao sistema que autoriza a concessão de benefícios.

Com isso, o acesso passa a ser protegido por três mecanismos: a senha pessoal de cada servidor, a verificação em duas etapas (código enviado para o celular do servidor) e o token (uma espécie de pen drive que deve ser inserido no computador para destravar o sistema do INSS).

Os tokens custaram R$ 1,34 milhão e devem ser renovados em três anos.

"Historicamente, o INSS é alvo de fraude, é alvo de todo tipo de problema. Nós começamos nos últimos anos a intensificar as parcerias com outros órgãos. As fraudes estavam cada vez mais sofisticadas, e o mundo está investindo em segurança cada vez mais. Então o setor público não pode ficar à margem disso", disse o diretor de tecnologia da informação do INSS, João Rodrigues da Silva Filho.

O processo de compra dos tokens começou ainda no ano passado, como um projeto do INSS. A compra foi feita no início de 2022 e, agora em setembro, o sistema de todos os servidores do órgão (cerca de 20 mil) passou a exigir o dispositivo.

Essa nova fase começou como um teste para um grupo mais restrito de servidores, mas, após seis meses, foi adotado por todo o órgão.

Os tokens foram distribuídos inclusive para funcionários de agências do INSS em todo o país. De acordo com Filho, o dispositivo passou a ser necessário até para acessar o histórico e o processo de beneficiados.

"O valor investido na segurança é muito pequeno em relação ao risco de fraudes", afirmou o diretor.

O INSS trabalha em conjunto com outros órgãos para evitar prejuízos no pagamento de benefícios. Além da PF, há grupos de trabalho com o Ministério da Previdência e Trabalho, o GSI (Gabinete de Segurança Institucional) e a Dataprev (empresa de tecnologia).

Os bancos fazem, por exemplo, cruzamento de dados para saber se o benefício a ser pago será depositado em uma conta com o mesmo CPF ou de algum familiar. Caso contrário, há um indício de fraude.

Outra medida prevista pelo INSS é a troca da rede dos computadores, por uma com acesso mais rápido e que dá mais autonomia ao órgão. Atualmente, em caso de alguma suspeita de acesso irregular com informações e senhas de servidores, o INSS não consegue bloquear o acesso imediatamente —às vezes, depende da Dataprev.

Além disso, o INSS quer investir mais em cursos e conscientização dos servidores sobre os riscos de fraude para evitar que o sistema seja burlado.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Tratamento

O custo da sessão de diálise vai encarecer mais de 50% se o novo piso nacional da enfermagem for liberado, segundo parecer encomendado pela ABCDT (associação que reúne os centros de diálise) e a Sociedade Brasileira de Nefrologia. De acordo com as entidades, as clínicas já arcam com uma defasagem nas sessões devido à falta de ajuste na tabela do SUS, ou seja, o Ministério da Saúde repassa R$ 218,47, porém a média de gastos das sessões é de R$ 302,87.

TERMÔMETRO O parecer técnico sobre a diálise, feito pela Global Auditores Independentes, se soma aos estudos elaborados para apontar os efeitos do novo piso sobre a sustentabilidade do setor. Na semana passada, a maioria dos ministros do STF referendou a liminar de Luís Roberto Barroso pela suspensão do piso até que sejam apresentados dados do impacto econômico da medida.

VOTO Representantes de enfermeiros avaliam que Bolsonaro, que sancionou a lei do novo piso da categoria em agosto, tem aproveitado a pauta para fazer campanha junto aos trabalhadores, mas estimam que o uso político vai recuar a partir desta semana.

MACA Depois dos votos de Rosa Weber e Edson Fachin no STF contra a suspensão do piso, o placar mostrou equilíbrio no debate, o que deve aliviar a carga política do tema pelo governo, na opinião de Solange Caetano, secretária-geral do SEESP (sindicato dos enfermeiros em SP). Os ministros da corte indicados por Bolsonaro, Nunes Marques e André Mendonça, também votaram contra a suspensão.

PLACAR "Tem sete votos contrários e quatro votos a favor da enfermagem, sendo que um é da presidência. Isso abre um debate dentro do próprio plenário", diz Caetano.

MOCHILA De janeiro a agosto, a procura de estudantes brasileiros para a Austrália subiu 50% ante igual período de 2021, segundo a STB (Student Travel Bureau). O avanço é atribuído à possibilidade de encontrar vagas de trabalho para aliar renda aos estudos, além da menor dificuldade na obtenção do visto.

CARREIRA A empresa de recrutamento 99jobs anuncia nesta semana que vai representar o movimento Raça é Prioridade, iniciativa do Pacto Global da ONU Brasil para redução das desigualdades. Segundo a 99jobs, que atuou nos processos seletivos de trainees exclusivos para profissionais negros da Magalu e de outras companhias nos últimos anos, vai ser criado um novo canal de oportunidades.

ESPUMA Na disputa da Heineken contra a Ambev no Cade, chegou a vez de a Petrópolis se manifestar. A cervejaria foi dar informações no processo que tramita no órgão e disse que a Ambev age de forma anticompetitiva para conquistar mercado e abusa de poder econômico para inviabilizar concorrentes.

GOLE O caso corre no órgão desde março, quando a Heineken entrou com pedido de medida preventiva contra a Ambev. Ela acusa a rival de adotar condutas anticompetitivas, estabelecendo contratos de exclusividade com proprietários de pontos de venda. O Cade negou o pedido, mas a Heineken recorreu.

MODERAÇÃO Em sua manifestação ao órgão, o Grupo Petrópolis reafirmou as posições da Heineken. A Ambev diz que suas práticas são regulares e que segue monitorando os indicadores do termo de ajuste de conduta assinado junto ao Cade em 2015 para evitar concorrência desleal.

EMERGÊNCIA Tutores de cães que consumiram os petiscos da fabricante Bassar Pet Food se reuniram em um grupo de Whatsapp para trocar informações e cobrar as empresas sobre o caso. Eles afirmam que a demora no processo pode prejudicar a recuperação dos animais em tratamento.

OSSO Segundo membros do grupo, a rede Petz, uma das que vendeu o produto, solicitou notas fiscais de compra e laudo veterinário para análise, mas enquanto o Ministério da Agricultura não apontar contaminação, a empresa não pode ajudá-los além do atendimento com veterinários. No mês passado, surgiu uma série de casos de cães que passaram mal e morreram após ingerir os petiscos.

COLEIRA Em nota, a Petz disse que acompanha as investigações e adota providências, como a retirada de circulação do Petz Snack Cuidado Oral e a criação de um canal de atendimento virtual dos veterinários. O ministério não indica quando a perícia será concluída, mas segue investigando novos casos, agora envolvendo outras empresas.

com Paulo Ricardo Martins e Diego Felix

INDICADORES

Juros

Set., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

Fonte: Procon-SP

Contribuição à Previdência

Competência agosto

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.set

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.set. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

Imposto de Renda

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

Empregados domésticos

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.433,73	Valor, em R$
Empregado	110,85
Empregador	286,71

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico venceu em 6.set. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Brasil terá dívida maior e gastos represados ao fim do mandato de Bolsonaro

Governo precisou abrir os cofres na pandemia, mas deixou de lado esforços que poderiam acelerar ajuste e ajudar na situação fiscal

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) encerrará seu mandato deixando de herança um país mais endividado do que encontrou ao assumir o cargo, em janeiro de 2019, e um estoque de despesas represadas que vai impulsionar ainda mais o indicador da dívida brasileira a partir de 2023.

O chefe do Executivo precisou abrir os cofres públicos para enfrentar a pandemia de Covid-19, uma crise sem precedentes que obrigou países a despejar dinheiro para socorrer famílias e dar sustentação à atividade econômica.

Mas a administração também abortou parte dos esforços que poderiam acelerar o processo de ajuste e ajudar na estabilização do quadro fiscal.

Sob o comando de Paulo Guedes, o Ministério da Economia manteve uma série de benefícios tributários e ampliou desonerações, medidas que drenam receitas do governo e aumentam a necessidade de emitir dívidas.

Bolsonaro, por sua vez, interditou o debate de revisão de despesas ao dizer que não iria "tirar de pobres para dar a paupérrimos". Dali para frente, as pressões políticas e sociais foram convertidas em licenças para gastar acima do teto de gastos —regra que limita o crescimento das despesas à variação da inflação.

No fim de 2018, a dívida bruta do governo estava em 75,3% do PIB (Produto Interno Bruto), nível já alto para países emergentes como o Brasil e que foi alcançado após déficits acumulados desde 2014, no governo Dilma Rousseff (PT).

O indicador da dívida até baixou em 2019, mas subiu com a pandemia, alcançando 88,6% em dezembro de 2020. No ano seguinte, voltou a cair com a maior arrecadação e as devoluções de recursos do Tesouro pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

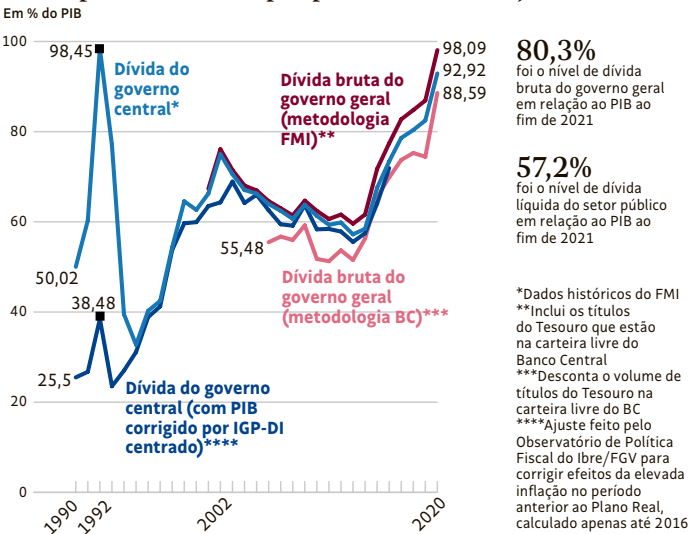
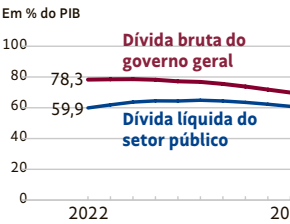
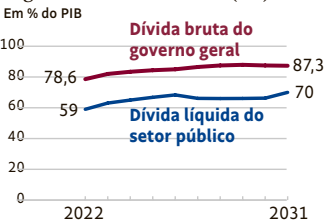
Em julho deste ano, a dívida alcançou 77,6% do PIB. Ela deve encerrar 2022 em 78,6% do PIB, segundo as expectativas coletadas no Boletim Focus. O valor é maior do que no início do mandato de Bolsonaro.

A mesma trajetória é observada na dívida líquida do setor público, que desconta ativos como reservas internacionais. O indicador estava em 52,8% do PIB no fim de 2018 e deve encerrar o ano em 59%, segundo estimativas de mercado.

Além de elevada, a dívida brasileira tem um custo não desprezível. Os juros nominais pagos por governo federal e Banco Central nos 12 meses até julho alcançaram 5,63% do PIB. É mais de quatro vezes o gasto com o Auxílio Brasil (1,2% do PIB).

Quando Guedes assumiu a Economia, havia a expectativa entre técnicos de que ele comandasse um grande esforço para reduzir a dívida de forma mais contundente.

O ministro chegou com credenciais de liberal e prometeu zerar o déficit já em 2019. Quase quatro anos depois, centrou-se na defesa de medidas pontuais para derrubar a dívida, como privatizações, e desperdiçou a chance de enviar uma proposta de Orçamento de 2023 com superávit primário, algo inédito desde 2014.

Em vez disso, atendeu aos desejos do presidente e manteve R$ 80,2 bilhões em desonerações, das quais R$ 52,9 bilhões são do corte de tributos federais sobre diesel e gasolina, adotado em ano eleitoral após disparada de preços.

O argumento da equipe econômica é que há melhora estrutural das receitas. Do lado de fora, porém, muitos especialistas são céticos quanto ao vigor duradouro da arrecadação, uma vez que o impulso vem de fatores temporários, como inflação e valorização de commodities (que turbina receitas com royalties e participações especiais).

O próprio governo foi mais conservador nas projeções oficiais e enviou a peça orçamentária prevendo um déficit de R$ 63,7 bilhões em 2023.

O rombo deve ser ainda maior porque a proposta de Orçamento para 2023 exclui uma série de gastos, como os R$ 52,5 bilhões necessários para pagar o Auxílio Brasil de R$ 600 —compromisso já firmado pelos quatro principais candidatos à Presidência.

Outros fatores contribuirão para recolocar a trajetória da dívida em rota de ascensão, como menor crescimento em 2023, alta na taxa de juros e redução da inflação, que atenua ganhos de arrecadação.

Marcos Mendes, pesquisador do Insper e colunista da **Folha**, projeta que a fatura adicional será de R$ 124,6 bilhões, elevando o déficit a R$ 188 bilhões (1,8% do PIB).

Ele alerta que esse resultado é muito distante do superávit de ao menos 1% do PIB que seria necessário para estabilizar a dívida pública —isso adotando premissas otimistas de avanço de 2,5% da economia em 2023 e taxa real de juros de 4% (abaixo da atual).

"Se a hipótese da melhoria temporária [nas receitas] for prevalecer, estamos em uma emboscada. Não temos tranquilidade fiscal para o futuro", disse o economista em seminário na UnB (Universidade de Brasília) na sexta (16).

"Mesmo que a hipótese de melhoria permanente prevaleça, também não estamos num cenário tranquilo porque tivemos uma piora sensível da economia política", acrescentou, em referência à tomada de controle do Orçamento pelo Congresso por meio das emendas.

O economista Manoel Pires, coordenador do Observatório de Política Fiscal da FGV (Fundação Getulio Vargas), estima impacto maior, de R$ 215 bilhões, pois inclui na conta uma receita menor de royalties de petróleo.

Ambos ressaltam que, diferentemente das eleições de 2018 (quando a pauta da reforma da Previdência marcou o debate econômico) ou de períodos anteriores, há certa fadiga na discussão de ajuste fiscal e reformas.

Nesse cenário adverso, o crescimento esperado da dívida ainda é "lento e controlado", diz Pires, e isso tem sido suficiente para tranquilizar o mercado. Nas projeções do Boletim Focus, a dívida bruta chega a 87,9% do PIB em 2029, caindo lentamente nos períodos seguintes. Já a dívida líquida subiria continuamente até atingir 70% do PIB em 2031.

A economista Julia Braga, professora da UFF (Universidade Federal Fluminense), ressalta que uma alta na dívida não é problemática no curto prazo e não deve afetar o câmbio ou os índices de risco. "Ela é necessária para viabilizar um aumento do gasto que está sendo demandado pela sociedade", diz.

"Já num prazo mais longo, vai depender muito da capacidade de ter um crescimento econômico mais vigoroso para que a relação entre juro e crescimento seja favorável."

Ao encerrar o mandato com dívida maior, Bolsonaro repete Dilma, cuja gestão foi marcada pela deterioração das contas, e Michel Temer (MDB), que herdou a situação fiscal delicada.

Lula reduziu o indicador em seus dois mandatos, após o aumento na gestão de Fernando Henrique Cardoso —quando a dívida subiu após o controle da inflação e as emissões do país ainda eram mais atreladas ao câmbio.

> **"Se a hipótese da melhoria temporária [nas receitas] for prevalecer, estamos em uma emboscada. Não temos tranquilidade para o futuro.**
>
> **Marcos Mendes**
> economista e colunista da **Folha**

Dívida pública recua no pós-pandemia, mas trajetória é de alta

Em % do PIB

80,3% foi o nível de dívida bruta do governo geral em relação ao PIB ao fim de 2021

57,2% foi o nível de dívida líquida do setor público em relação ao PIB ao fim de 2021

*Dados históricos do FMI
**Inclui os títulos do Tesouro que estão na carteira livre do Banco Central
***Desconta o volume de títulos do Tesouro na carteira livre do BC
****Ajuste feito pelo Observatório de Política Fiscal do Ibre/FGV para corrigir efeitos da elevada inflação no período anterior ao Plano Real, calculado apenas até 2016

Projeções do Tesouro Nacional

Em % do PIB

Projeções do mercado financeiro, segundo Boletim Focus (BC)*

Em % do PIB

*Mediana baseada em posição de 9.set.22
Fontes: Tesouro Nacional, FMI, Banco Central e Ibre/FGV

Presidenciáveis ajudam investidor a apontar a mira

Eleito terá de fortalecer a 'Indústria 4.0' no país

Marcos de Vasconcellos
Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor de Mercado

Do início do governo de Jair Bolsonaro até agora, o Ibovespa, principal termômetro da nossa Bolsa de Valores, subiu cerca de 21%. A variação é superior à registrada nos dois mandatos de Dilma Rousseff, mas fica bastante aquém dos períodos em que Lula e Temer ocuparam o Palácio do Planalto.

Já o preço do dólar comercial em relação ao real subiu 34% no governo Bolsonaro. A única governante recente a ver uma escalada maior que essa no preço do dólar foi Dilma Rousseff, em seu primeiro mandato, quando a moeda americana subiu 61% em relação ao real.

O recorte é muito mais útil para entender o período vivido pelo país e pela economia global do que a influência do chefe do Executivo nos ventos que sopram o nosso dinheiro. Mas esse poder não deve, nem pode, ser descartado. E nada melhor que o período eleitoral para essa discussão.

Passei os últimos dias conversando com as equipes de campanha e digerindo planos de governo dos cinco presidenciáveis que estão à frente nas pesquisas eleitorais —Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Messias Bolsonaro (PL), Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (PMDB) e Felipe d'Avila (Novo).

Em relação a temas caros ao mercado financeiro, como teto de gastos, taxação de dividendos, privatização da Petrobras e autonomia do BC, não há um ponto em que todos concordem —o resultado do levantamento será publicado às 7h desta segunda (19) em monitordomercado.com.br/noticias/35158-privatizacoes-impostos-e-gastos-o-raio-x-dos.

Além desses itens mais, digamos, pontuais, há uma questão de extrema relevância que acaba fora dos debates, por ser mais difícil de discutir: quais são as estratégias para atrair dinheiro para o país?

O mercado global é movimentado por um dinheiro sem nacionalidade. Ele vai ao sabor do vento (na verdade, das ofertas com melhores retornos e relação ao risco tomado) para cada país. Tornar o Brasil atraente para esses investidores exige clareza e esforço.

Dizer que é preciso simplificar a tributação é obrigatório para qualquer programa de governo. É como dizer que o país precisa de saúde, educação e segurança no horário eleitoral. Difícil é alguém trazer detalhes que combinem com a realidade do momento.

Indo para o lado mais palpável, a necessidade de investimento em infraestrutura também está na cartilha básica dos candidatos. Quem acrescenta molho ao debate é o professor da USP Fernando Facury Scaff, ao sugerir a criação de um piso de investimentos (sem implicar o fim do teto de gastos), incluindo investimentos em obras, capital humano e tecnologia.

E é justamente no caso do investimento em tecnologia que um termo citado nos programas eleitorais de Bolsonaro e Tebet chama a atenção, por fugir do óbvio: a "Indústria 4.0". Também chamada de Quarta Revolução Industrial, ela pressupõe a remodelagem do sistema de produção para uso de tecnologias como robótica, internet das coisas e computação em nuvem, que estão mudando toda a cadeia de suprimentos mundial.

Ainda que seja um termo escondido em dois programas de governo, a evolução é inevitável. E, independentemente de quem saia vitorioso do pleito presidencial, será obrigado a fortalecer esse tipo de empreendimento no país.

Enxergar as empresas que têm força para surfar uma onda de investimentos em novas tecnologias no Brasil poderá dar ao investidor dicas de boas oportunidades de ganhos a médio prazo.

Das diversas companhias do setor que fizeram IPO nos últimos anos, a grande maioria viu o preço das ações afundar até agora. Uma mudança do incentivo federal à área pode trazer finalmente um respiro ao setor (e a seus investidores).

Bolsa e dólar nos governos

*Até 14.set.2022

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Bolsonaro faz campanha sobre gasolina em viagem à Inglaterra

MERCADO

Ivan Finotti e Ana Paula Branco

LONDRES E SÃO PAULO Em Londres para o funeral da rainha Elizabeth 2ª, o presidente Jair Bolsonaro (PL) seguiu o tom de campanha eleitoral e divulgou vídeo comparando o preço da gasolina na Inglaterra com o combustível brasileiro.

"Estou aqui em Londres, Inglaterra. O preço da gasolina: 1,61 libras. Isso dá aproximadamente 9 reais e 70 centavos o litro. Ou seja, praticamente o dobro da média de muitos estados do Brasil", disse em vídeo gravado na noite deste domingo (18) e publicado por sua equipe nas redes sociais.

O salário mínimo no Reino Unido neste ano é de £ 9,50 por hora (cerca de R$ 57). Considerando uma jornada semanal de 40 horas, um trabalhador britânico recebe pouco mais de R$ 9.175 por mês. Já o salário mínimo do Brasil em 2022 é de R$ 1.212, quase R$ 8.000 a menos.

Na última semana, o preço médio da gasolina no Brasil caiu 1,4% nos postos, rompendo a barreira dos R$ 5 pela primeira vez desde julho de 2020, em valores corrigidos pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo). Segundo pesquisa semanal da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis), o combustível saiu, em média, a R$ 4,97 por litro, na 12ª semana seguida de queda.

É cerca de 32,7%, ou R$ 2,42, menor do que o pico de R$ 7,39 por litro registrado no fim de junho, antes dos cortes de impostos estaduais e federais aprovados pelo Congresso. A gasolina mais cara foi encontrada em São Paulo, a R$ 6,99.

A queda dos preços dos combustíveis é um dos trunfos da campanha à reeleição de Bolsonaro, que teve a imagem desgastada pela escalada inflacionária do primeiro semestre. Para gerar fatos positivos, a Petrobras passou a anunciar cortes quase todas as semanas.

Bolsonaro tem aparecido em postos brasileiros e promete que o país terá uma das gasolinas mais baratas do mundo. Na semana passada, o país estava na 34ª colocação das gasolinas mais baratas, segundo o site Global Petrol Prices. É um avanço de 15 posições em relação ao verificado um mês antes.

Leia mais na pág. A12

Tecnologia para o desenvolvimento

Às vésperas da eleição, Brasil continua sem prioridades no campo da tecnologia

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Superadas as eleições, o Brasil precisa urgentemente definir uma agenda de desenvolvimento que considere a questão tecnológica. Nenhum país é capaz de se desenvolver no mundo de hoje sem ter como eixo central essa questão.

Outros países perceberam isso muito antes de nós, especialmente na Ásia. Japão, Coreia do Sul e China são exemplos notórios.

Já no final da década de 1970, esses países enxergaram que tecnologia deveria ser vista como infraestrutura. Não apenas como um setor específico da economia mas como fundamento da eficiência e inovação em todos os demais setores econômicos e sociais. Essa visão mudou tudo. O resultado está aí para ser conferido.

No Brasil, infelizmente as políticas tecnológicas são definidas por uma agenda reativa. Na semana passada, um conselheiro da Anatel, ao tratar da agenda tecnológica futura do país, propôs regulamentar pesadamente as aplicações que rodam sobre a internet dizendo a seguinte frase: "Atualmente as [aplicações de internet] são os vilões".

Infelizmente, nos últimos anos o Brasil abandonou a pergunta "o que fazer?" em prol da pergunta "quem é o culpado?". O país especializou-se em buscar culpados por suas mazelas. Como se a definição e a punição desses culpados levasse automaticamente a um futuro brilhante. Não deu certo. Está na hora de o país voltar a perguntar "o que fazer?". E, uma vez que decidir, implementar a decisão.

Em tecnologia, isso se traduz em agendas propositivas e estruturantes, não na busca de "vilões". Gosto sempre de dizer que a tecnologia traz desafios e oportunidades. Os desafios são inevitáveis, gratuitos. Eles vão acontecer de qualquer forma. Já as oportunidades precisam de muito planejamento, esforço e investimento para serem concretizadas. E é nesse aspecto que o país está em falta. Ficamos hipnotizados pelos desafios e nos esquecemos das oportunidades.

As oportunidades que o país pode abraçar são inúmeras. A começar pela chamada Indústria e Agricultura 4.0. Em um momento em que passamos por uma onda de desindustrialização e fechamento de unidades industriais, a conjunção de tecnologia e fabricação pode abrir caminhos e ajudar a reverter essa tendência. A infraestrutura para isso já chegou, que é o 5G no modelo "puro-sangue" adotado pelo país.

Na agricultura, é a mesma coisa. O país já é competitivo nessa área. Se adicionar uma camada de tecnologia à produção agrícola, adotando práticas da chamada "agricultura de precisão", pode dar saltos ainda maiores.

Além disso, o país precisa apostar em tecnologias verdes. Há hoje um dilema entre explorar as reservas fósseis e caminhar no sentido de fontes limpas. Esse dilema pode ser superado, como demonstrou o concorrido evento Brazil Climate Summit, realizado na Universidade Columbia, em Nova York, nos últimos três dias. Tomando decisões tecnológicas inteligentes, é possível partir para um modelo de liderança em sustentabilidade, sem perder em eficiência e sem deixar de aproveitar os recursos naturais do país.

O país precisa escolher. Como diz o economista guineense Carlos Lopes: "Os países só são bem-sucedidos quando têm muito poucas prioridades". Às vésperas das eleições, o Brasil continua sem prioridades no campo da tecnologia. Pensando só nos desafios, não nas oportunidades.

READER

Já era *Protagonismo entre 1996 e 2014 na área de governança da internet*

Já é *Ausência de protagonismo do país nos fóruns internacionais de tecnologia*

Já vem *Necessidade de o país reconquistar o terreno perdido no debate tecnológico global*

App BeReal explora recursos pagos para evitar publicidade

PARIS, LONDRES | FINANCIAL TIMES O aplicativo de compartilhamento de fotos BeReal está adotando pagamentos para o uso de recursos extras com o objetivo de evitar publicidade no estilo Instagram, já que a startup francesa enfrenta falhas técnicas causadas pelo aumento de popularidade entre a geração Z neste verão.

O BeReal se tornou muito popular entre adolescentes e estudantes universitários nos Estados Unidos e Europa, com destaque para captar foto autêntica em um momento específico, sem edição ou filtros que são comuns nos rivais Instagram, TikTok e Snapchat.

O aplicativo passou de 10 mil usuários ativos diários há cerca de um ano para mais de 15 milhões hoje. Analistas calculam que alcançará dezenas de milhões até o fim do ano.

"Toneladas de aplicativos encontram usuários, mas poucos conseguem mantê-los. É fascinante como esse consegue reter usuários", disse Jean de La Rochebrochard, membro do conselho da BeReal e sócio da Kima Ventures e da New Wave, firmas de investimento cofundadas pelo bilionário francês Xavier Niel.

A empresa levantou US$ 30 milhões (R$ 158,6 milhões) em um financiamento da série A em junho, liderado por Andreessen Horowitz e Accel. Sua avaliação de mercado não foi divulgada, mas fontes disseram ser cerca de US$ 600 milhões (R$ 3,17 bilhões).

A rápida ascensão do aplicativo gratuito já atraiu recursos iguais no TikTok, Instagram e Snapchat, causando discussões sobre o modelo de negócios de longo prazo.

A BeReal e seus executivos não comentaram essa reportagem, que é baseada em entrevistas com pessoas próximas à empresa. Dizem que os executivos do aplicativo querem evitar as armadilhas de rivais dos EUA como Facebook e Snapchat, mantendo uma pequena equipe focada em melhorar o produto, em vez de levantar grandes somas.

Mas os investidores estão pedindo ao BeReal que introduza novos recursos para ajudá-lo a não ser uma "maravilha passageira" como outros aplicativos sociais de moda, como por exemplo Houseparty ou Clubhouse. Essas discussões incluíram considerações iniciais sobre a melhor forma de monetizar a plataforma sem prejudicar a experiência dos usuários.

O produto principal do BeReal continuará sendo de acesso gratuito, mas avaliam-se recursos opcionais pagos. A abordagem se assemelha ao Discord, plataforma social usada por jogadores e entusiastas de criptomoedas, que cobra assinatura mensal de US$ 2,99 (cerca de R$ 16) por bônus como adesivos digitais.

Nenhum recurso pago deverá ser lançado antes do segundo semestre de 2023, dizem fontes. Embora alguns no BeReal considerem os anúncios incômodos, a publicidade não foi totalmente descartada.

A empresa, fundada em 2020 por Alexis Barreyat, 26, tem cerca de 40 funcionários trabalhando na sede, no bairro parisiense de Marais.

O aplicativo envia uma notificação para todos os usuários em determinado momento do dia, com uma janela de dois minutos para tirar uma foto usando as câmeras frontal e traseira do celular.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Antes de pegar o transporte público para o trabalho, Andreia da Silva Dias caminha com o filho até a casa da mãe, onde deixa a criança Zanone Fraissat/Folhapress

Mulheres encaram mais desafios que homens ao se deslocarem pelas cidades

Insegurança e falta de infraestrutura afetam gênero feminino de forma desigual, dizem estudos

William Cardoso

SÃO PAULO Ruazinhas escuras, calçadas estreitas —quando existentes—, transporte demorado e criminosos à espreita. O cenário pode até ser o mesmo para todos, mas a forma como homens e mulheres vivenciam o dia a dia ao sair de casa para trabalhar, estudar, cuidar da vida ou se divertir são muito diferentes.

Tudo porque homens e mulheres se deslocam de formas distintas pelas cidades e isso traz, para elas, mais dificuldades do que para eles. Até por isso, elas precisam fazer mais esforço para ter acesso às mesmas oportunidades de emprego, educação e lazer. As conclusões são de estudos e pesquisas realizados ao longo de anos e que podem contribuir para a adoção de políticas públicas de mobilidade que levem em consideração as diferenças entre os gêneros.

A auxiliar de cozinha Andreia da Silva Dias, 41, mora na região de Parada de Taipas, em uma das franjas da periferia da zona norte paulistana, e conhece bem essa realidade.

A rotina dela começa pela manhã, quando caminha cerca de 20 minutos até a casa da mãe, onde deixa o filho. "Às vezes, tenho que andar no meio da rua, porque não dá para passar pela calçada."

Depois, toma um primeiro ônibus até o Jaraguá, e, na sequência, outro até o trabalho, na rodovia Anhanguera. A volta, numa jornada que termina perto da meia-noite, tem momentos de tensão. "Vou para o ponto morrendo de medo. Às vezes, as pessoas que estão ali falam que é perigoso."

Analista de contas médicas, Simone Macedo, 42, pega dois ônibus e um trem da linha 7-rubi para sair do Jaraguá e chegar ao trabalho, na Pompeia, na zona oeste. "Ando com roupa social, mas não dá para pegar trem de salto. Os homens te empurram. Você tem que ter força, não é aquela coisa [de ser] frágil. Tem que se impor. Hoje, o cara me empurrou, eu também empurrei. Você quer trabalhar, eu também quero", diz.

Como usuária do transporte, ela nota situações que muitas vezes não são contempladas nas políticas públicas.

"Mulheres que são mães, donas de casa, sentem a diferença. É uma mulher que trabalhou o dia inteiro, levando sacolas e ninguém deu lugar para sentar", diz Simone. "[As autoridades] precisavam conversar com pessoas como eu para entender."

Autora da dissertação "A Mobilidade das Mulheres em São Paulo: Experiência, Precauções e Autonomia", na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), da USP, Marina Pereira Santos Gomes da Silva explica que, de forma geral, mulheres se deslocam muito mais a pé e por transporte coletivo do que homens.

"A viagem masculina se concentra em casa-trabalho e casa-estudo. As mulheres fazem muito casa-trabalho, mas também estudo, saúde, compras de mercado e farmácia, acompanhar outras pessoas", conta. Ou seja, mulheres fazem muito mais viagens do que os homens no dia a dia.

Segundo Marina, as pesquisas origem-destino acabam apagando parte dos trajetos realizados pelas mulheres, o que dificulta a mensuração. Isso acontece porque esses levantamentos criam uma hierarquia que prioriza metrô e transportes coletivos em geral, minimizando os deslocamentos a pé, por exemplo.

A viagem masculina é casa-trabalho e casa-estudo. As mulheres fazem casa-trabalho, mas também estudo, saúde, mercado e farmácia, acompanhar outras pessoas

Marina P. S. Gomes da Silva
Autora de dissertação na FAU-USP

Nas pesquisas origem-destino do Metrô, viagens a pé são computadas apenas quando a distância percorrida é superior a 500 metros ou é feita exclusivamente caminhando. Isso geraria subnotificação.

Diante disso, os relatos são fundamentais para traçar os caminhos delas pelo meio urbano. Marina explica que as "beiradas" dos bairros, por onde passam as vias com maior tráfego de veículos, trazem mais insegurança. Daí a opção pelas pequenas ruas. "No bairro, tem um porteiro, uma padaria. Tem muitas precauções que as mulheres tomam."

A preferência pelas ruas do interior dos bairros traz, porém, inconvenientes, principalmente na periferia, onde as condições das calçadas são piores que na região central.

A especialista afirma que outra questão vista na teoria e que tem impacto prático é o fato de que as mulheres, por causa da vivência ao caminhar pela cidade, muitas vezes acompanhadas por crianças e idosos, têm um olhar mais atento às desigualdades e necessidades da população.

"É uma gama muito rica de informações", diz ela. "Fazer políticas públicas a partir da experiência das mulheres é melhorar para todo mundo."

A especialista afirma também que, mesmo entre as mulheres, há diferenças marcantes quando se faz um recorte racial. As dificuldades são ainda maiores para as negras.

A insegurança é outro ponto que destaca a necessidade de enfrentamento por parte das mulheres para realizar as mesmas tarefas que os homens. Levantamento divulgado pelo Instituto Patrícia Galvão mostra que 2 em cada 3 mulheres que passaram por situações de violência mudaram seu comportamento e que 53% tiveram algum abalo psicológico.

Diretora de conteúdo do Instituto Patrícia Galvão, Marisa Sanematsu afirma que pesquisas realizadas ao longo do tempo apontam que entre 32% e 35% das mulheres declararam ter sofrido importunação no transporte público. "São números que mostram como a vivência das mulheres é recheada de insegurança, de violências", diz. "É mais do que hora de os homens perceberem que os corpos das mulheres não estão à disposição, tudo exige consentimento."

Todos os órgãos do Poder Público envolvidos com a mobilidade afirmam que tomam medidas para melhorar o dia a dia das mulheres. A Secretaria de Estado da Segurança Pública de São Paulo, por exemplo, diz que tem intensificado operações de combate à violência contra a mulher e ações para reduzir a subnotificação desses crimes, com implantação de delegacias, salas em anexo a plantões policiais e aplicativo de atendimento às vítimas. Cita também parceria com Metrô e CPTM, com reforço na segurança com policiais militares em horário de folga em trens e estações.

A Secretaria de Transportes Metropolitanos aponta obras que tem realizado para melhorar a mobilidade de forma geral, entre elas a linha 6-laranja, que deve reduzir o tempo de viagem entre a zona norte e o centro. Também cita pesquisas para identificar as necessidades das mulheres.

A Prefeitura de São Paulo afirma que realiza uma série de ações para melhorar iluminação pública, calçadas e infraestrutura em geral. Também aponta campanhas de combate ao abuso sexual, além de apoio jurídico e psicológico às vítimas. Entre as ações, mulheres, travestis ou mulheres transexuais podem desembarcar fora dos pontos de parada entre as 22h e as 5h —exceto nos corredores exclusivos de ônibus, viadutos, pontes e túneis da capital paulista.

Baleia-jubarte é encontrada morta no litoral de São Paulo

Bruno Lucca

SÃO PAULO Na manhã de sábado (17), uma baleia-jubarte foi encontrada morta na Praia do Félix, em Ubatuba, litoral norte de São Paulo.

Segundo o instituto de preservação marinha Argonauta, acionado para manuseio do animal, o mamífero era um macho de aproximadamente 13 metros. Uma jubarte adulta (*Megaptera novaeangliae*) pode atingir 15 metros.

Pesquisadores devem analisar amostras de pele, gordura e músculos da baleia para averiguar a causa da morte. O cadáver foi enterrado com auxílio da Prefeitura de Ubatuba.

Em 2021, o encalhe de baleias-jubarte no litoral brasileiro atingiu um número atípico. Segundo levantamento do Projeto Baleia Jubarte, até 22 de dezembro, foram 216 episódios, recorde na série histórica iniciada em 2002. A distante segunda colocação ficou com 2017, com 122 encalhes.

O crescimento do número de encalhes ainda não tem uma explicação precisa. Mas, segundo Milton Marcondes, coordenador de pesquisa do Projeto Baleia Jubarte, em entrevista à **Folha** no ano passado, a principal hipótese é a diminuição de krill.

O krill (minúsculos crustáceos) é um dos principais alimentos das jubartes, que também comem pequenos peixes. As baleias sugam a água do mar e "filtram" suas presas.

Além do recorde em 2021, houve outro fator atípico nos registros. Quase 95% dos animais encalhados eram juvenis —animais de um até cinco anos, quando atingem a maturidade sexual. A expectativa de vida de uma jubarte é, segundo cientistas, de 60 anos.

"Nunca tivemos uma porcentagem tão grande de uma categoria", afirma Marcondes.

O encalhe de juvenis magros é mais uma pista de que a falta de krill talvez tenha sido a responsável pela situação em 2021. Isso porque, em caso de escassez de alimentos, mais experiência (ou seja, mais anos de vida) pode ajudar na captura de comida.

A baleia-jubarte encontrada morta na Praia do Félix, em Ubatuba, litoral norte de São Paulo; cientistas vão tentar identificar a causa da morte do animal Márcio Silva/Instituto Argonauta/Divulgação

Com isso, os mais jovens encontrariam mais dificuldade nesse cenário e chegariam ao litoral brasileiro sem terem se alimentado adequadamente.

Os animais adultos também têm maior capacidade para armazenar gordura, outra vantagem em relação aos juvenis.

As jubartes que nadam pela costa brasileira, em geral, se alimentam nas águas antárticas da Geórgia do Sul e vêm ao Brasil para se reproduzir. Por sinal, o Parque Nacional Marinho de Abrolhos é conhecido como um importante berçário dessas baleias no oceano Atlântico Sul, proporcionando o turismo de observação.

Outro sinal da falta de krill são as baleias que se aproximam da costa brasileira em busca de peixes. São Paulo e Santa Catarina são os estados líderes em encalhes.

Fachada da empresa de segurança, na zona leste da capital, que teve mais de cem armas extraviadas nos últimos anos e é investigada Rivaldo Gomes/Folhapress

Empresa suspeita de desvio de armas atua perto do PCC

Sede fica em favela dominada pela facção, diz polícia; defesa nega ligação

EXÉRCITO PRIVADO

Rogério Pagnan

SÃO PAULO A favela Caixa d'Água, na região de Cangaíba, extremo leste da capital paulista, pode ser, segundo a polícia, a única de São Paulo onde o PCC proíbe a venda de drogas em "biqueiras". Estratégia, acreditam os policiais, para mantê-los longe de um dos principais "bunkers" da facção, esconderijo de armas e de chefes do bando.

É junto a essa comunidade, berço de chefões do crime organizado, que, segundo a polícia, funciona uma empresa de segurança que, em 2019, registrou queixa de furto de 41 revólveres e espingardas, um dos maiores desvios de armas no estado dos últimos cinco anos, conforme dados obtidos pela **Folha**.

Para a polícia, porém, longe de ter sido um ataque dos vizinhos, há suspeitas de se tratar, na verdade, de um falso comunicado de crime para esconder o repasse ilegal do armamento. A investigação contra tal empresa, a SL Solução e Liderança, foi aberta em março deste ano —e teve início quase por acaso.

Policiais do 24º DP (Ponte Rasa), ao estranharem a existência de um veículo de luxo estacionado em rua próxima ao distrito, o que destoava do padrão dos carros que circulam naquela região pobre da cidade, decidiram pesquisar a placa do SUV.

Descobriram que o BMW X6 estava cadastrado em nome de uma distribuidora de produtos para animais, a Strong Dogs, com endereço junto à favela Caixa d'Água, o famoso reduto do PCC. Nessa favela, de acordo com relatório de investigação, nenhum comércio funciona sem autorização do crime.

"Ocorre que, após minutos procurando o condutor de referido veículo, o sr. Artur Monteiro se apresentou como proprietário do carro, não sabendo explicar de maneira convincente a relação dele com a empresa dona de direito do automóvel BMW", diz trecho de relatório de investigação enviado à Justiça.

Artur Monteiro Bortoletti Júnior, 52, descobriram os investigadores na sequência, é o principal sócio da SL Solução e Liderança, e estava na delegacia para dar explicações sobre outro desvio registrado pela empresa em 2011, quando 70 armas e equipamentos foram supostamente roubados por homens armados.

A pesquisa da placa do veículo levou a equipe do 24º DP a encontrar, segundo ela, um emaranhado de empresas ligadas a Bortoletti Júnior, em nome dele e de possíveis "laranjas", em um suposto esquema de lavagem de dinheiro e possível desvio de armas.

"Portanto, temos nessa investigação o trinômio empresas constituídas em nomes de terceiros, lavagem de dinheiro e armas 'colocadas no mercado negro'", diz trecho do relatório de investigação.

Os advogados de Bortoletti afirmaram à **Folha** que, ao contrário do que afirma a polícia, ele não tem ligação com o crime organizado e que a empresa dele foi, de fato, vítima de roubo e furto de armas.

Essas suspeitas da polícia ganharam corpo porque as equipes descobriram, primeiro, que a distribuidora de produtos para pets e a SL Solução e Liderança tinham o endereço na avenida Alfredo Ribeiro de Castro, junto à favela.

> “Verificamos que todo trâmite de abertura das empresas Strong Pet, Gab Vigilância e Segurança, Gab Serviços de Profissionais de Segurança foi realizado como forma de mascarar e ocultar o patrimônio de Artur Monteiro, tudo com intuito de burlar a legislação penal e tributária
>
> **Trecho do relatório de investigação da polícia**

Em diligência até o local dessas empresas, elas souberam que o imóvel estava fechado havia tempos e com placas de "aluga-se" no portão. Na internet, porém, a SL continua colocando imagens do endereço da avenida Alfredo Ribeiro de Castro como sede da empresa.

Além do BMW X6, segundo investigação, a Strong Dogs possui ainda registrados em nome dela outros três veículos, incluindo um Ford Camaro amarelo. A frota é estimada em cerca de R$ 600 mil.

Incompatível, porém, com o padrão de vida dos donos da distribuidora de produtos para pets: dois comerciantes de Agudos (SP), a 313 km de São Paulo, moradores de conjunto habitacional e proprietários de um carrinho de lanches, conforme a investigação.

Ainda de acordo com a polícia, os comerciantes aparecem ainda como donos de outras duas empresas na capital, a Gab Vigilância e Segurança Patrimonial e a Gab Serviços de Profissionais de Segurança. Para a polícia, todas pertencem, de fato, a Bortoletti.

Em diligência nos endereços das empresas, ambas na avenida Cangaíba, na zona leste, os policiais não encontram ninguém. Nem funcionários ou identificação de atividades, como placas da empresa.

Bortoletti disse aos policiais, no início das investigações, que ambos são parentes dele e lhe deram plenos poderes para administrar a distribuidora de artigos para pets e, também, usufruir dos veículos. A versão não convenceu os investigadores.

Ainda de acordo com relatório policial, para justificar o patrimônio, o empresário chegou a dizer que a empresa de segurança dele tinha 30 mil funcionários espalhados pelo Brasil, mas pesquisas apontaram que nenhuma delas tinha empregados cadastrados nos órgãos oficiais.

"Verificamos que todo trâmite de abertura das empresas Strong Pet, Gab Vigilância e Segurança, Gab Serviços de Profissionais de Segurança foi realizado como forma de mascarar e ocultar o patrimônio de Artur Monteiro, tudo com intuito de burlar a legislação penal e tributária", diz relatório.

Procurada para comentar o suposto desvio de armas das empresas ligadas a Bortoletti e também a situação delas, a Polícia Federal diz que não informa "nome de pessoas ou empresas investigadas".

A **Folha** procurou Luís Eduardo Oliveira, 48, e Márcia Patrícia Oliveira, 44, os supostos parentes de Bortoletti, mas eles não responderam aos recados deixados. A reportagem tentou contato por meio de oito números de telefones (entre fixos e celulares) e email.

A reportagem também tentou contato diretamente com Bortoletti, mas não conseguiu localizá-lo pelos telefones ou emails ligados à SL. A informação é que não existem mais. Os celulares registrados no nome dele também não responderam às mensagens enviadas.

Para os advogados de Bortoletti, em resposta à **Folha**, as supostas lavagem de dinheiro e/ou ocultação de bens só poderiam ser investigadas pela Polícia Civil caso tivessem um crime precedente, o que não é o caso. Bortoletti tem registros de ameaça e apropriação indébita de veículos que, ainda segundo a defesa, não têm ligação com o caso investigado pela polícia.

Sobre o fato de a polícia não ter encontrado ninguém nas sedes das empresas, a defesa disse que, na sede da avenida Cangaíba, Bortoletti estava por lá no dia da diligência, mas ficou com receio de abrir a porta devido ao comportamento dos policiais na apreensão do BMW em março. Teriam sido muito agressivos, dizem os advogados.

Quanto à sede na avenida Alfredo Ribeiro de Castro, a defesa disse que a empresa continua em funcionamento no local, embora com placa de "aluga-se". Como trabalha apenas com escolta armada, muitas vezes as viagens são longas e a sede fica vazia, justificam os advogados.

Sobre os bens do cliente, supostamente registrados em nome da empresa de artigos para pets dos parentes, a defesa afirmou que isso será explicado em momento oportuno. Já em relação à página da SL na internet, os advogados afirmam que ela está desatualizada desde 2014 e representa outros tempos da empresa.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Serviu ao estado de São Paulo por mais de 40 anos

SEBASTIÃO RICARDO CARVALHO MARTINS (1953-2022)

Bruno Lucca

SÃO PAULO O engenheiro Sebastião Ricardo Carvalho Martins foi um líder regrado e discreto, mas não só. Por mais de 40 anos, conduziu com empatia e palavras apaziguadoras diversos departamentos da área de mobilidade do estado de São Paulo.

Nascido em Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais, no dia 20 de janeiro de 1953, Sebastião se graduou em engenharia civil e em engenharia de segurança pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, na capital paulista.

Depois, fez mestrado em engenharia de transporte na USP (Universidade de São Paulo) e em administração de transportes intermodais na FGV (Fundação Getulio Vargas).

Iniciou sua carreira como servidor público na CET (Companhia de Engenharia e Tráfego), em 1977. Nessa empresa exerceu, entre outros cargos, a gerência de operações, a diretoria de planejamento e projetos e a presidência do órgão.

Trabalhou também no extinto Dersa (Desenvolvimento Rodoviário S/A), do Governo de São Paulo, na diretoria de operações rodoviárias. O objetivo da empresa era construir e administrar rodovias e terminais intermodais do estado. No setor privado, foi diretor-presidente da concessionária Rodovias do Tietê.

Desde julho de 2019, Sebastião era presidente de procedimentos e logística da Artesp (Agência de Transporte do Estado de São Paulo).

Antes, também na agência, havia ocupado o cargo de diretor de operações, de abril de 2002 a junho de 2009. Além disso, de 1998 a 2002, integrou a comissão de monitoramento das concessões da Secretaria de Logística e Transportes, responsável pelos trabalhos que deram origem à Artesp, fundada em 2002.

Sebastião era firme, mas de sorriso fácil, conta a família. De ideais conservadores, defendia as suas posições com ímpeto, mas sabia negociálas, como um bom político.

A capacidade de lidar com o contraditório lhe rendeu diversos amigos, aliados e admiradores, que o descreviam como extremamente competente.

Sebastião Ricardo Carvalho Martins morreu no último dia 7, aos 69 anos. Ele estava internado no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo —a família não divulgou a causa da morte. O ex-servidor público deixa a mulher, Alda Mara de Paula Martins, e os filhos André e Fernanda.

7º DIA

ANTÔNIO MAGALHÃES GOMES FILHO Nesta segunda (19) às 11h, Paróquia Assunção de Nossa Senhora, Jardim Paulista, São Paulo (SP)

Venda e consumo de drogas na rua Helvétia, perto da avenida São João, no centro da capital paulista, na última terça-feira (13) Danilo Verpa/Folhapress

Tráfico está ativo na cracolândia 4 meses após expulsão de praça

Um dos pontos de venda de droga no centro de SP fica perto de delegacia

Paulo Eduardo Dias e Danilo Verpa

SÃO PAULO Quatro meses após a expulsão de dependentes químicos da praça Princesa Isabel, no centro de São Paulo, as cenas de venda e consumo de drogas na cracolândia ainda fazem parte do cotidiano da região.

Nem mesmo as prisões de mais de uma centena de pessoas no âmbito da Operação Caronte, conduzida pela Polícia Civil, têm intimidado os traficantes.

Na rua Helvétia, na altura da avenida São João, criminosos voltaram a montar tendas para expor suas mercadorias. O local fica a poucos passos do 77º DP (Santa Cecília), uma das delegacias responsáveis pelas ações contra o tráfico.

A reportagem da **Folha** flagrou, na última terça (13), o momento em que pedras de crack eram livremente comercializadas na via. Alguns traficantes tentavam se esconder sob lonas amarradas em árvores e postes. Até cones da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) eram utilizados como apoio.

Outras bancas no local eram responsáveis pela venda de cigarros, bebidas alcoólicas, roupas e cachimbos.

Procurada, a SSP (Secretaria da Segurança Pública), sob gestão do governador Rodrigo Garcia (PSDB), não comentou a volta das tendas, mas afirmou que o policiamento na região foi intensificado e que monitora, com a prefeitura, o deslocamento de usuários de drogas. Conforme a pasta, de janeiro a agosto de 2022, 195 suspeitos foram presos em flagrante.

A gestão Ricardo Nunes (MDB) disse acompanhar a situação e que rua Helvétia possui espaço para atendimento 24 horas. Além disso, declarou que o encaminhamento de pessoas para atendimento no Serviço Integrado de Acolhida Terapêutica 2 passou de 27 pessoas em janeiro para 122 em julho.

A rua Helvétia, que conta com monitoramento fixo de policiais militares e guardas-civis metropolitanos, é uma das que mais recebem ações de policiais civis, com a prisão de traficantes procurados pela Justiça ou em flagrante.

Foi em uma dessas investidas que policiais detiveram o psiquiatra e palhaço Flávio Falcone, 42, que foi parar no 77º DP sob alegação de perturbação do trabalho ou do sossego alheio. Uma bicicleta com som acoplado que ele utilizava foi apreendida na ação.

Na última semana, a reportagem também notou venda de crack em mais dois pontos.

Um dos mais recentes fluxos, nome dado à concentração de dependentes químicos, fica na rua Vitória, na altura da rua Conselheiro Nébias. Esse ponto está a cerca de meio quilômetro do da rua Helvétia. Ali, na manhã da última quinta (15), usuários de drogas e traficantes se misturavam em meio aos carros, que tentavam seguir em direção à avenida Rio Branco.

Não havia tendas ou barracas no local. As drogas eram expostas em um caixote como os utilizados em feiras livres para acomodar frutas.

A chegada do fluxo àquele ponto foi motivo de manifestação de moradores e comerciantes no início do mês. No dia 1º, uma quinta-feira, enquanto uma ação da Caronte era realizada na Helvétia, um grupo ateou fogo em pneus e gritou "fora, cracolândia", mesma mensagem reproduzida em cartazes.

Passadas duas semanas, uma moradora de 50 anos, que pediu para não ser identificada, disse à reportagem que os usuários gritam, colocam caixinhas de som em volume alto e vendem e consomem drogas ao ar livre, o que a impede de dormir.

Não tão distante dali, havia um outro fluxo. A aglomeração no cruzamento das ruas dos Gusmões e do Triunfo se dava em meio aos veículos que tentavam trafegar no sentido da Santa Ifigênia.

Sem se importar com o comércio aberto, homens e mulheres carregavam cachimbos nas mãos. Alguns deles consumiam drogas no local.

"É simplesmente um inferno. É triste, é revoltante. Você morar no centro da maior capital do Brasil, ver sempre sendo exaltado que é um lugar de pontos turísticos e não poder sair nem para comprar pão", disse o comerciante Pablo Ferreira, 32, morador da rua dos Gusmões.

Mesmo de longe, diz ele, é possível ouvir gritos de "olha o pó, olha a pedra", principalmente à noite.

"Imagina sair à noite? Como você passa com sua esposa e filhos num lugar como esse? Não tem condição. Carro de aplicativo, você tem que implorar para aceitarem. Ônibus, nossa, você não consegue ficar no ponto sem ser assaltado. É triste demais."

Em nota, a SSP afirmou que, de janeiro a agosto, 17 quilos de drogas foram apreendidos em toda a região central, bem como três armas de fogo. A pasta disse que novas ações da Operação Caronte devem ser deflagradas nas próximas semanas.

Assim como o estado, a prefeitura não se manifestou sobre a volta do tráfico em tendas. Por e-mail, a administração municipal disse que a GCM realiza o policiamento comunitário e preventivo na região da Nova Luz, 24 horas, com efetivo de 80 agentes e 20 viaturas.

De acordo com a gestão, até agosto, a Guarda Civil Metropolitana atendeu a 218 ocorrências no território da Nova Luz, sendo 89 relacionadas a entorpecentes. No mesmo período, 266 pessoas foram conduzidas ao distrito policial e 208 ficaram detidas.

Cerca de dez quilos de entorpecentes, incluindo cocaína, crack e maconha foram apreendidos, além de R$ 45 mil em dinheiro.

Cenário desigual influencia o voto?

A base da pirâmide social brasileira está em ruínas; se desabar de vez, o topo cai junto

Marcia Castro

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

Pesquisa recente da Oxfam de percepção da população brasileira sobre as desigualdades mostra que há consenso sobre a necessidade de que o Estado implemente políticas públicas visando à construção de uma sociedade mais justa e com menos desigualdades.

A pesquisa mostra que 85% acreditam que o progresso esteja condicionado à redução das desigualdades, 87% declaram que é obrigação do governo implementar políticas para reduzi-las, porém 65% não acreditam que isso será possível nos próximos anos.

A percepção do contexto de desigualdades se refletirá no voto, ou a normalização da miséria e o ceticismo social farão com que esse tema não seja considerado na escolha dos futuros representantes do legislativo e executivo? A resposta determinará os novos rumos do Brasil.

O retrocesso que o Brasil sofreu nos últimos anos foi rápido, e a retomada será lenta. Cortes de verba já executados e outros previstos para o orçamento de 2023 tornarão mais lenta a retomada, e as desigualdades aumentarão ainda mais. Isso tudo acontece com a aprovação da Câmara dos Deputados, que tem a função de representar o povo no âmbito federal.

Os desafios e suas desigualdades são inúmeros. A evasão escolar aumentou, e em agosto de 2022 quase metade das crianças de 11 a 19 anos que largaram a escola o fizeram para trabalhar. A situação é pior entre as crianças de baixa renda e as que vivem na região Norte. A baixa cobertura vacinal aumenta a chance de reintrodução da pólio. O subfinanciamento do SUS coloca em risco a saúde de três quartos da população que dependem do sistema público.

Alguns dos desafios, como a fome, são questionados pelo atual governo. Não bastasse negar a ciência. Mas fatos são fatos. Entre novembro de 2021 e abril de 2022, quase 60% da população enfrentou algum tipo de insegurança alimentar; 15,5% (33,1 milhões) passaram fome.

Norte e Nordeste concentram os maiores percentuais. A situação é pior entre famílias de baixa renda e com moradores menores de 10 anos. Segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2018, pessoas com renda de até dois salários mínimos consumiam em média 199 kg de alimentos por ano, enquanto os que tinham renda acima de 15 salários mínimos, 429 kg por ano.

Além disso, Relatório das Nações Unidas estima que, no Brasil, o desperdício alimentar nos domicílios é de 60 kg per capita por ano (12,5 milhões de toneladas). O desperdício alimentaria os 33,1 milhões que passam fome com cerca de 380 kg por ano.

Isso no país que é o maior exportador de açúcar, café, suco de laranja, soja em grãos, carnes bovina e de frango, e o maior produtor mundial de soja em grãos, café, suco de laranja e açúcar, o segundo de carne bovina e o terceiro de frango e milho. Cerca de 60% da soja e um terço do milho produzidos são exportados.

Ou seja, a produção e a exportação são altas, o desperdício é uma vergonha, e a distribuição dos alimentos é desigual. Essa cruel matemática da alimentação é considerada na hora do voto?

A base da pirâmide social brasileira está em ruínas; se desabar de vez, o topo cai junto. Mais uma vez, trago Josué de Castro: "Enquanto metade da humanidade não come, a outra metade não dorme, com medo da que não come".

Em duas semanas o povo brasileiro vai às urnas. Que as escolhas sejam pautadas não por interesses individuais, mas por uma visão de país justo e menos desigual. Parece utópico, mas para quem valoriza a Constituição e a cidadania, essa é a única opção.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Criança de 1 ano e 8 meses recebe primeira dose da vacina contra a Covid-19 da Pfizer em Washington, nos Estados Unidos David Ryder - 21.jun.22/AFP

Bebês de até 1 ano devem ter prioridade na vacina contra Covid-19 da Pfizer

Vacinação terá aval da comissão do Ministério da Saúde, mas há dúvidas se governo Bolsonaro comprará imunizantes antes das eleições

Cláudia Collucci

SÃO PAULO A câmara técnica do PNI (Plano Nacional de Imunizações) do Ministério da Saúde deve recomendar na próxima semana a imunização de crianças entre seis meses e quatro anos de idade contra a Covid-19 com a vacina da Pfizer, aprovada pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) na última sexta-feira (16).

As crianças menores de um ano deverão ter prioridade na vacinação, segundo o pediatra Renato Kfouri, membro do comitê técnico do PNI e presidente do departamento de imunizações da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria).

Esse grupo infantil é o mais vulnerável para a Covid, respondendo por cerca de metade das hospitalizações e óbitos pela doença entre as crianças, de acordo com dados do Ministério da Saúde.

São cerca de 12 milhões de crianças elegíveis para a vacina da Pfizer, e a recomendação são três doses de 0,2 mL (equivalente a 3 microgramas). Ou seja, serão necessárias 36 milhões de doses.

As duas doses iniciais devem ser dadas com três semanas de intervalo, seguidas por uma terceira dose administrada pelo menos oito semanas após a segunda, segundo a Anvisa.

Para diferenciá-la das demais, a vacina voltada à nova faixa etária será identificada pelo frasco com tampa de cor vinho.

Para crianças de cinco a 11 anos, a tampa é na cor laranja e, para o público acima de 12 anos, roxa.

Em crianças até dois anos de idade, a vacina deverá ser dada no músculo lateral da coxa. A partir de dois anos, no músculo deltoide, no braço.

De acordo com Kfouri, como já existe um acordo anterior de compra entre o ministério e a Pfizer, que prevê a troca de produtos, ou seja, vacinas de adultos já adquiridas poderão ser trocadas pelas doses pediátricas, é possível que isso agilize a aquisição dos imunizantes para essa nova faixa etária.

Mas entre os especialistas há dúvidas se o governo de Jair Bolsonaro (PL) vai bancar a vacinação de bebês contra a Covid, ainda mais às vésperas das eleições presidenciais, no dia 2 de outubro.

Em dezembro de 2021, quando a Anvisa deu sinal verde para o uso da vacina da Pfizer em crianças a partir de cinco anos, Bolsonaro criticou a decisão, e atacou a agência, o que desencadeou uma onda de ameaças a seus técnicos e diretores. À época, o presidente também minimizou o número de mortes infantis pela doença.

Em 2020 e 2021, foram 1.439 óbitos de crianças até cinco anos, sendo que 48% eram de bebês entre 29 dias e um ano incompleto (pós-neonatal), uma média de 1,9 por dia.

> **Esperamos que isso [a aprovação da imunização para bebês a partir de seis meses] anime os pais das crianças maiores. Em todas as faixas etárias, o número de casos de Srag [síndrome respiratória aguda grave] por Covid-19 continua caindo, menos em crianças de zero a 11 anos**
>
> **Isabella Ballalai**
> Pediatra, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações

Dados do consórcio de veículos de imprensa desta sexta-feira (16) mostram que só 35,86% das crianças entre 3 e 11 anos estão totalmente imunizadas contra a Covid e cerca de 53% estão parcialmente (foram vacinados com a primeira dose).

"Esperamos que isso [a aprovação da imunização para bebês a partir de seis meses] anime os pais das crianças maiores. Em todas as faixas etárias, o número de casos de Srag [síndrome respiratória aguda grave] por Covid-19 continua caindo, menos em crianças de zero a 11 anos", diz a pediatra Isabella Ballalai, vice-presidente da Sbim (Sociedade Brasileira de Imunizações).

Ela afirma que a ação dos grupos antivacina na divulgação de notícias falsas destruiu a percepção de risco dos pais em relação à Covid. "Se eu digo para os pais que a vacina é perigosa, que pode dar miocardite, o que não é verdade, eles vão querer dá-la aos filhos? Não, né?"

A falta de campanhas por parte do Ministério da Saúde no sentido de esclarecer os pais e alertá-los para os riscos da falta de vacinação também é um outro fator que colabora para a baixa cobertura, segundo a pediatra. "A Covid já ultrapassou o vírus sincicial respiratório, que até então era que mais causava Srag em crianças até cinco anos."

Para Renato Kfouri, além desses fatores, não há vacina disponível para a faixa etária de três a cinco anos. A Coronavac (Butantan) está autorizada desde julho pela Anvisa, mas a imunização dessa faixa etária só foi iniciada pelos municípios que já tinham a vacina em estoque. Assim como nos adultos, são necessárias duas doses com intervalo de 28 dias.

Dados do Observa Infância, projeto da Fiocruz, mostram que menos de 2% das crianças de três e quatro anos completaram o esquema de vacinação contra a Covid-19 no Brasil. "Se tivéssemos vacina, é possível que estivéssemos com 50% de cobertura da primeira dose, não mais que isso", diz Kfouri.

A produção da Coronavac recomeçou em agosto no Instituto Butantan, com uso de matéria-prima importada. Segundo o instituto e o Ministério da Saúde, a distribuição deve estar normalizada até 30 de setembro.

Kfouri afirma que outro tema a ser discutido na câmara técnica do PNI é a recomendação de uma dose adicional da vacina contra a Covid em gestantes, na intenção de proteger os bebês com menos de seis meses.

"Estudos mostram que, em bebês cujas mães foram vacinadas no fim da gravidez, o risco de terem uma Covid grave cai 80%", diz o pediatra.

Corinthians perto do tetra

Ao empatar no Beira-Rio em manhã de recorde, as Brabas estão à beira do título

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

O futebol das mulheres progride a olhos vistos no Brasil.

Não apenas em qualidade técnica, cada vez mais refinada, mas, também, em interesse das torcidas.

Nova prova disso foi vista no Beira-Rio, com mais de 36 mil torcedores, recorde no Campeonato Brasileiro e desafio para a Fiel no sábado (24), às 14h, em Itaquera, quando quem ganhar será campeão.

Já houve público maior no futebol feminino, no Maracanã, na Olimpíada de 2016, quando Brasil e Suécia empataram sem gols e as suecas se classificaram nos pênaltis diante de 70.454 pessoas. Olimpíada é outra conversa.

O 1 a 1 do Beira-Rio teve as Gurias do Inter com atuação superior no primeiro tempo e as Brabas corintianas melhores no segundo, quando empataram.

Ficou claro que as paulistas sentiram o apoio colorado e só se equilibraram na etapa final, ao conseguir o resultado que as coloca com grande chance de conquistar o tricampeonato seguido e o tetra alternado no Campeonato Brasileiro, para afirmar a hegemonia no país e no continente, pois também é tricampeã da Libertadores, sempre de maneira invicta.

O jogo final será o sexto entre Corinthians e Inter. Até hoje as alvinegras não perderam e têm três vitórias.

Detalhe do jogo de ida: o gol gaúcho foi marcado pela ex-corintiana Milene Fernandes e o paulista pela ex-colorada Jheniffer.

Acreditem a rara leitora e o raro leitor que apoiar o futebol das mulheres está longe de ser atitude politicamente correta, mas simplesmente prazerosa, porque os jogos são muitos bons.

Clássico é clássico

Como pode o Fluminense ter sete vitórias e apenas uma derrota para o Flamengo nos últimos dez jogos?

Pois tem. Tem mais: ganhou do rival o último campeonato estadual, sem ser possível comparar o investimento de um e de outro.

O Maracanã, tomado pelas cores rubro-negras, e com poucos tricolores, desconfiados depois da eliminação na Copa do Brasil, foi mais uma vez testemunha de que clássico é clássico e vice-versa, como disse um filósofo do futebol.

Sem abdicar do chamado dinizismo, o Fluminense suportou a artilharia adversária com garra e fez 2 a 0, um gol em cada tempo.

Verdade que o primeiro gol, em pênalti mais para o Sobrenatural de Almeida do que para as 17 regras do ludopédio, o que, aliás, também faz parte da história dos clássicos que fazem por merecer o nome.

Daí ser absolutamente natural que a chamada Nação tenha ficado aliviada com a eliminação do time das Laranjeiras pelo Corinthians na Copa do Brasil, porque as finais teriam ingredientes que o Clássico do Povo não tem, apesar de seu indiscutível gigantismo.

Vitor Pereira há de analisar com lupa a primeira derrota rubro-negra em 20 jogos, mas talvez seja de pouca valia, porque Fla-Flu é Fla-Flu.

Impensável Dom Arrascaeta deixar de aproveitar, a não ser em clássicos estaduais de tanta história, as oportunidades evitadas por Fábio, o mesmo goleiro a quem os corintianos agradecem na vitória por 3 a 0.

Porque clássicos são clássicos e vice-versa.

Racistas FDP

Racistas são racistas, racistas são fascistas, racistas são iguais em quaisquer partes do mundo, vimos novamente na Espanha, Vinicius Júnior como vítima.

E que maravilhosa vítima, não apenas por sua reação altiva ao prometer que seguiria dançando ao comemorar gols, como ao dançar para comemorar o gol de Rodrygo contra o Atlético de Madrid. Viva Vini!

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | **TER. Renata Mendonça, Walter Casagrande Jr.** | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro, Walter Casagrande Jr.

ESPORTE AO VIVO | **19h Boca Juniors x Huracán** Argentino, *ESPN 4* | **20h15 Titans x Bills** NFL, *ESPN 2* | **21h30 Vikings x Eagles** NFL, *ESPN 4*

Vinicius Júnior baila sobre o racismo em vitória do Real

Brasileiro foi alvo de ofensas racistas antes do clássico contra o Atlético

ATLÉTICO DE MADRID 1
REAL MADRID 2

SÃO PAULO Vinicius Júnior não fez gol, mas bailou mesmo assim. O mesmo aconteceu com o Real Madrid, vencedor por 2 a 1 do clássico da capital espanhola contra o Atlético neste domingo (18). Partida que ficou marcada por ameaças ao atacante brasileiro e ofensas racistas antes do jogo.

A polêmica foi tão grande que colocou em segundo plano o fato de o Real ter reassumido a liderança do Campeonato Espanhol, com 18 pontos.

A principal imagem da partida aconteceu aos 18 min, quando Rodrygo recebeu lançamento de Tchouaméni e completou para o gol. Mas a finalização não foi o principal. Ele esperou a chegada de Vinicius Júnior e os dois fizeram uma dança próxima à bandeira de escanteio. Foram logo abraçados pelos demais jogadores enquanto eram alvos de objetos atirados pela torcida no Wanda Metropolitano, estádio do Atlético.

O sistema de som pediu calma ao público, sem causar qualquer efeito. Aos 36, Valverde anotou o segundo.

A usual celebração do atacante brasileiro se tornou polêmica do dia para a noite graças ao comentário de Pedro Bravo, presidente da Associação Espanhola de Empresários de Jogadores. Ele disse que as danças eram desrespeitosas e fez um comentário racista.

"Aqui o que você tem de fazer é respeitar os companheiros de profissão e deixar de fazer macaquice", falou.

Jogador do Atlético, Koke afirmou que caso Vinicius fizesse gol no clássico, a dança poderia causar confusão.

Uma das lembranças feitas como resposta foi que o francês Griezmann, branco, atacante do Atlético, há muito tempo comemora seus gols com coreografia e isso jamais foi colocado como problema.

O caso monopolizou as discussões antes do jogo e o brasileiro recebeu solidariedade de Pelé, Neymar, Xavi (técnico do Barcelona) e vários atletas. A hashtag #BailaVinijr foi criada no Twitter. O volante Bruno Guimarães, do Newcastle e da seleção, pediu prisão para Bravo, que depois explicou ter feito uma "metáfora" ao usar o termo "macaquice".

Vinicius Júnior gravou um vídeo, postado em suas redes sociais. Prometeu não parar. "Dizem que a felicidade incomoda. A felicidade de um preto brasileiro, vitorioso na Europa incomoda muito mais."

Antes da partida, vídeos foram postados no Twitter de torcedores do Atlético cantando de repetidas vezes que "Vinicius é um macaco". De acordo com o diário espanhol Marca, a organizada da equipe da casa gritou "Vinícius morra."

"Eu quero que o Vinícius Júnior me ensine a sambar. Tenho que ir ao Brasil nos próximos carnavais do Rio de Janeiro", afirmou o presidente do Atlético, Enrique Cerezo.

No 2º tempo, o brasileiro tentou dar chapéu em Witsel, mas não conseguiu. Foi vaiado pelo público. Hermoso descontou para o Atlético e, em seguida, foi expulso.

Vinicius Júnior gesticula na direção do público durante clássico da capital da Espanha, entre Real e Atlético Oscar Del Pozo/AFP

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

Palmeiras suporta Soteldo e faz gol de treinamento

Vinte meses depois da final da Libertadores, da transferência para o Toronto e do retorno ao Santos, Soteldo voltou a colocar medo no Palmeiras. Na final da Libertadores, do Maracanã, 30 de janeiro de 2021, o medo era do venezuelano.

Orlando Ribeiro, técnico interino santista, campeão da Copinha dirigindo Antony no São Paulo de 2019, foi inteligente ao escalar Soteldo atrás dos volantes. A expulsão de Danilo aconteceu por erro do volante, forçado por ter de marcar o meia.

O Palmeiras não está avassalador. Salvo pelo lindo gol de Merentiel, que garantiu a vitória por 1 a 0 e manteve a distância de oito pontos, no mínimo, para o 2º colocado.

Natural para equipe construída para chegar ao ápice físico mais cedo do que os outros, por causa do Mundial. Contra o Santos, atacou e pressionou, mas sem brilho. Mais incisivo foi contra o Juventude, quando finalizou 24 vezes. Precisava responder rapidamente após ter sido eliminado da Libertadores.

O líder do Brasileiro fica mais forte quando marca no campo de ataque. Depois dos 25 do 1º tempo, contra o Santos, desarmou três vezes à frente do círculo central e passou a dominar o clássico.

Durante todo o ano, discutiu-se a ausência de um centroavante. Marcos Leonardo, do Santos, é mais adaptado à função do que Rony, embora o palmeirense já se defina como homem de área. Pela 1ª vez, Endrick foi para o banco.

Pode ser o jogador diferenciado do elenco do próximo ano. Corretamente, Abel Ferreira prepara o prodígio com cuidado e sem pressa. Hoje, não é a falta de centroavante o que dificulta. Às vezes, o excesso de compromissos.

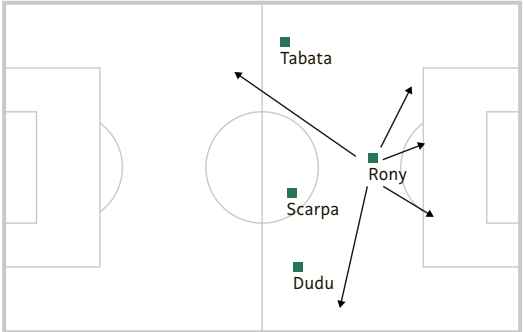
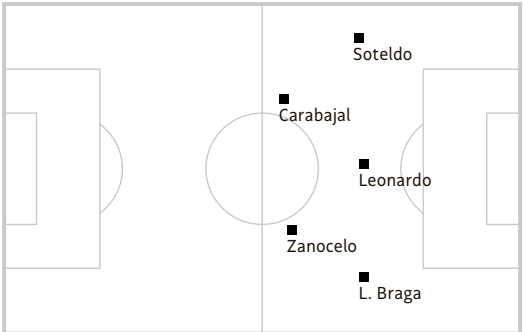
O Palmeiras nem é mais o time do país com mais jogos no ano. O São Paulo está na final da Sul-Americana e tem duas partidas a mais nas costas. Mas o planejamento foi para crescer na hora certa e o bicampeão da Libertadores se programou para subir fisicamente antes.

Por tudo isto, o time depende de Scarpa. Não só no ataque. Repare como o posicionamento dos meias muda de acordo com o lateral rival. Se a expectativa é que Felipe Jonatan leve mais perigo do que Madson. Então, Dudu joga do lado de Madson e Scarpa marca Felipe Jonatan. Isso muda quando o jogo fica difícil. Então, Scarpa vem para o centro ou inverte o lado com Dudu, para confundir a marcação. O Palmeiras já teve repertório mais amplo, quando estava mais descansado e antes da lesão de Raphael Veiga.

Scarpa começou pela direita. No 2º tempo, a primeira jogada de perigo foi com Dudu atacando Felipe Jonatan e Scarpa finalizando do lado oposto. Tudo o que o Santos desejava era o contra-ataque e os dribles de Soteldo.

Aos 27 do 2º tempo, já depois da expulsão de Danilo, Soteldo driblou três jogadores e cruzou pelo alto. No minuto seguinte, recebeu de Ângelo e chutou raspando a trave.

Então veio o escanteio cobrado por Gabriel Menino, porque Scarpa já havia sido substituído. A crítica a Abel Ferreira seria certeira se o time não vencesse, por tirar o craque do time. E por que colocar Merentiel? Isto é mais óbvio. Abel escala quem treina bem. Foram os casos de Breno Lopes e Deyverson, nas finais da Libertadores. O gol de Merentiel pode ser um dos gols do título.

Palmeiras com o Rony: disputa com Endrick

Santos no 4-3-3: centroavante de verdade

FLAMENGO ATRÁS

Que o resultado não confunda. O Flamengo jogou bem o Fla-Flu, de vitória por 2 a 1 do Fluminense. Fábio foi destaque da partida, a pressão na saída de jogo foi mérito rubro-negro, mas o Fluminense fecha o ano com três vitórias em Fla-Flu. Diniz faz seu time impor estilo único

ESCRITA QUEBRADA

O São Paulo voltou a vencer como visitante depois de dez jogos. Rogério Ceni parece ter compreendido que a melhor formação é com linha de quatro homens e não com três zagueiros. O time cresce com uma formação que se repete e deve jogar assim a final da Sul-Americana.

CBF quer que Nike pague royalties pela venda de camisas da seleção brasileira

Alex Sabino

RIO DE JANEIRO Animado com as informações sobre as vendas das camisas da seleção em ano de Copa do Mundo, o presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), Ednaldo Rodrigues, perguntou a assessores quanto a entidade recebeu de royalties da Nike.

"Nada", foi a resposta.

No próximo mês, Rodrigues vai se reunir pela primeira vez desde que foi eleito para o cargo, em março deste ano, com executivos da multinacional norte-americana, a mais antiga patrocinadora da CBF. Reivindicar o pagamento de uma porcentagem da venda de camisas se tornou um dos itens da pauta, apurou a **Folha**.

Entre as 32 seleções classificadas para a Copa do Mundo do Qatar, a Nike tem contrato de fornecimento de material esportivo com 13. Na última semana, a empresa divulgou o desenho dos uniformes que serão usados no torneio pelas equipes, entre elas o Brasil.

Consultada pela reportagem, a CBF disse que não se pronuncia sobre os seus contratos. A Nike não respondeu.

No encontro com os executivos da companhia, Ednaldo Rodrigues deverá falar também sobre a introdução no contrato da cláusula anticorrupção pedida pela Nike.

A fornecedora deseja colocá-la no papel após os escândalos com últimos presidentes da confederação. Rodrigues diz aceitar a ideia e pretende tomar a iniciativa de discuti-la.

Ricardo Teixeira, Marco Polo Del Nero e José Maria Marin foram envolvidos no Fifagate, a investigação de corrupção na Fifa feita pelo FBI, a polícia federal dos Estados Unidos. Marin foi preso, e Del Nero poderá ter o mesmo fim se sair do Brasil. Rogério Caboclo acabou afastado da presidência após denúncia de assédio sexual.

A Nike havia proposto no passado a inclusão da cláusula, mas a ideia foi rejeitada.

A CBF também negocia uma prorrogação de contrato, que pode ir até 2030, desde que sejam pagas luvas à entidade.

Os contratos da Nike com as federações nacionais são sigilosos, mas a CBF tenta descobrir se a empresa paga comissões a outras seleções pela venda de camisas. Mesmo que a empresa não o faça, a reivindicação vai permanecer.

Há um precedente. Durante a Copa América de 2021, o Chile entrou em litígio com a Nike. Uma das reclamações era que a marca reteve pagamentos que deveriam ter sido feitos à federação nacional. Um deles referente aos royalties dos uniformes comercializados entre julho de 2019 e julho de 2020.

Em clubes, tal pagamento é praxe. Na Premier League inglesa, o padrão é a equipe receber 7,5% do valor de cada camisa vendida. Segundo a imprensa britânica, quem obteve o maior percentual na negociação do seu contrato foi o Liverpool: 20%. A fornecedora do clube é a Nike.

A multinacional é patrocinadora da CBF desde 1996. O documento foi assinado na gestão de Ricardo Teixeira e recheado de polêmicas. A **Folha** obteve, em 1999, cópia do acordo original, em que a confederação cedia parte do controle sobre a seleção para a empresa norte-americana.

A equipe teria os adversários escolhidos pela Nike em 50 amistosos por dez anos.

De acordo com reportagem da ESPN Brasil, a CBF recebe da Nike atualmente US$ 35,5 milhões (R$ 187,8 milhões pela cotação atual) por ano.

Segundo balanço publicado no site da CBF, a entidade recebeu R$ 575,7 milhões de patrocínios no ano passado. Os contratos referentes à seleção brasileira representam 98% desse valor.

+

Final do Brasileiro feminino tem recorde

Com o maior público da história do futebol feminino em competições brasileiras, Inter e Corinthians empataram em 1 a 1 na primeira partida da final do Nacional, neste domingo (18). No total, 36.330 pessoas estiveram Beira-Rio. O jogo de volta será no próximo sábado (24), na Neo Química Arena, em São Paulo. Quem vencer ficará com o título.

Mesmo com um a menos, Palmeiras vence o clássico

PALMEIRAS 1
SANTOS 0

SÃO PAULO O Palmeiras venceu o Santos na noite deste domingo (18), no Allianz Parque. O gol decisivo foi marcado por Merentiel, no segundo tempo. Com o resultado, a equipe de Abel Ferreira continua na liderança do Brasileiro, com 57 pontos, nove a mais que o vice-líder, Fluminense.

O Santos, por sua vez, é o 11º, com 34 pontos, e conheceu sua terceira derrota seguida na competição.

O Palmeiras ganhou apesar de ter um a menos em campo. Danilo foi expulso já na etapa final por falta cometida em Soteldo, o melhor do Santos.

Já eliminados das demais competições, os dois times só têm o Brasileiro até o fim do ano. A próxima partida da equipe da capital é contra o Atlético-MG, fora de casa, na quarta (28). Já o Santos recebe o Athletico-PR no dia anterior.

Nas outras partidas dos paulistas neste domingo, o Corinthians foi derrotado pelo América-MG por 1 a 0. O gol foi marcado por Juninho, na etapa final. O alvinegro comandado por Vítor Pereira segue com 44 pontos, em 5º lugar, um ponto atrás do Flamengo.

Fora de casa, o São Paulo derrotou o Ceará por 2 a 0 e abriu seis pontos de distância para a zona de rebaixamento.

As pessoas não imaginam o poder de atos de bondade, diz estudo

Catherine Pearson

THE NEW YORK TIMES No final de agosto, Erin Alexander, 57, estava no estacionamento de uma loja em Fairfield, na Califórnia, chorando. Sua cunhada tinha morrido recentemente e Alexander tinha um dia difícil.

Uma barista que trabalhava na Starbucks dentro do estabelecimento também. A máquina de café espresso tinha quebrado e ela estava claramente estressada. Alexander –que parou de chorar e entrou para tomar um pouco de cafeína– sorriu, pediu um chá verde gelado e disse à moça para aguentar firme. Depois de receber seu pedido, ela notou uma mensagem no copo: "Erin, sua alma é dourada" –a barista rabiscou ao lado de um coração.

"Não tenho certeza se sei exatamente o que significa 'sua alma é dourada'", disse Alexander, rindo e chorando.

Mas o calor daquele pequeno e inesperado gesto de uma estranha que não fazia ideia do que ela estava passando, a comoveu profundamente.

"Claro que continuei triste", disse. "Mas aquela pequena coisa melhorou meu dia."

Novas descobertas, publicadas no Journal of Experimental Psychology em agosto, confirmam que experiências como essa podem ser poderosas. Os pesquisadores descobriram que pessoas que fazem atos aleatórios de bondade tendem a subestimar o quanto os destinatários irão apreciá-los. E dizem que um erro de cálculo pode impedir muitos de fazerem coisas boas a outras com maior frequência.

"Temos esse viés de negatividade quando se trata de conexão social. Simplesmente não achamos que o impacto positivo de nossos comportamentos seja tão positivo quanto é", disse a psicóloga Marisa Franco, autora de "Platonic: How the Science of Attachment Can Help You Make –and Keep– Friends" (Platônico: como a ciência do apego pode ajudá-lo a fazer –e manter– amigos, em português), que não trabalhou na pesquisa citada.

O estudo incluiu experimentos diferentes. Num deles, pediram a alunos de pós-graduação que realizassem atos pensados de sua própria escolha, como dar carona a um colega, assar biscoitos ou comprar uma xícara de café a alguém.

Em um, os pesquisadores recrutaram 84 participantes em dois fins de semana frios na pista de patinação no gelo do Maggie Daley Park, em Chicago. Eles receberam um chocolate quente do quiosque de lanches e lhes disseram que poderiam ficar com ele ou entregá-lo a um estranho como um ato deliberado de bondade.

Os pesquisadores pediram aos 75 participantes que doaram seu chocolate quente para que adivinhassem o quão "grande" o ato de bondade seria para o destinatário em uma escala de 0 a 10 e prever como o destinatário classificaria seu próprio humor (variando de muito mais negativo que o normal a muito mais positivo que o normal) ao receber a bebida. Pediram então para aqueles que receberam os chocolates quentes para relatarem como realmente se sentiram pelas mesmas escalas.

> "Não achamos que o impacto positivo de nossos comportamentos seja tão positivo quanto é
>
> **Marisa Franco**
> psicóloga

Em todos os experimentos os que praticaram a bondade subestimaram o quanto ela era apreciada, disse um dos autores do estudo, Amit Kumar, professor assistente de marketing e psicologia da Universidade do Texas em Austin.

"Acreditamos que essas expectativas mal calibradas são importantes para o comportamento", disse ele. "Não conhecer o próprio impacto positivo pode atrapalhar as pessoas que praticam esse tipo de gentilezas na vida cotidiana."

"As pessoas tendem a pensar que o que estão dando é pequeno, talvez seja relativamente inconsequente", disse Kumar. "Mas os destinatários são menos propensos a pensar nesse sentido. Eles consideram o gesto significativamente mais importante porque também pensam que alguém fez algo de bom para eles."

A ideia de que a bondade pode aumentar o bem-estar não é nova. Estudos mostraram que ajudar os outros de forma voluntária pode ajudar a diminuir o nível de estresse e que simples atos de conexão, como enviar uma mensagem a um amigo, significam mais do que muitos imaginamos.

Mas pesquisadores que estudam bondade e amizade dizem esperar que as descobertas fortaleçam o argumento científico para fazermos esses gestos com maior frequência.

O estresse também pode impedir pessoas de serem boas com as outras, assim como a "pequena voz julgadora" na cabeça de algumas as faz questionar se seu gesto ou presente será mal interpretado ou se fará com que o destinatário se sinta pressionado a retribuir.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

FIGOS SECOS SÃO VENDIDOS EM MERCADO DE KANDAHAR PARA ATENDER À FALTA DE MEDICAMENTOS NO PAÍS CONTURBADO PELA GUERRA
O fruto doce é largamente utilizado na medicina tradicional no sul do Afeganistão e vendido nas lojas de produtos homeopáticos em um país que carece de muitos recursos Sanullah Seiam/Xinhua

MENSAGEIRO SIDERAL

Salvador Nogueira
folha.com/mensageirosideral

Estudo sugere explicação para formação dos anéis de Saturno

Eles são um dos cartões-postais do Sistema Solar. Mas como se formaram os intrigantes anéis de Saturno? Um novo estudo apresenta hipótese plausível, capaz de explicar diversas características peculiares do sistema saturnino. Jogando contra ela, incertezas e sua própria probabilidade baixa.

É uma história complicada. Começa com a peculiar inclinação do eixo de rotação de Saturno: 26,7 graus, um pouco maior que a da Terra. O difícil é explicar de onde ela veio, já que, de nascença, Saturno tenderia a sair mais parecido com Júpiter (3,1 graus). Uma ideia que ajuda a explicar é pensar que o padrão de oscilação do eixo de rotação de Saturno, sincronizado com a flutuação da órbita de Netuno e combinado ao movimento de Titã, maior das luas saturninas (que pouco a pouco se afasta do planeta, como a Lua faz em relação à Terra), poderia ter induzido o aumento da inclinação. Eu disse que era complicado.

Nesse vespeiro, entra agora o novo estudo da equipe de Jack Wisdom, do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), publicado na Science. Modelando o interior de Saturno com as informações mais precisas disponíveis, da sonda Cassini, o grupo calculou o provável padrão de oscilação do eixo de rotação e descobriu que ele hoje não estaria em ressonância com a precessão da órbita de Netuno —mas quase sim, 1% de diferença.

Como explicar? O grupo supôs que de fato essa ressonância esteve em ação no passado, mas então algo aconteceu para sutilmente desfazê-la. E aí a única saída que eles encontraram é que, no passado, uma hipotética lua adicional de Saturno teve sua órbita desestabilizada, o que a destruiu ou a ejetou para longe.

Wisdom e colegas rodaram 390 simulações que adicionavam a presença dessa lua, batizada de Chrysalis, com mínimas alterações nas condições iniciais. Em 19, ela de fato era ejetada do sistema. Em outras 17, passava de raspão por Saturno a ponto de ser destruída. E aí é que entram os anéis. Ou melhor, é aí que eles nasceriam, segundo os pesquisadores. As peculiares estruturas seriam tudo o que restou da pobre Chrysalis após ser destruída pelo efeito de maré poderoso gerado em um sobrevoo rasante e fatal por Saturno.

A hipótese se alinha bem ao crescente entendimento de que os anéis, em vez de terem nascido com o planeta, há 4,5 bilhões de anos, são bem mais recentes. Por sinal, as simulações da equipe de Wisdom sugerem que sua formação, com a destruição de Chrysalis, tenha se dado "apenas" 100 milhões de anos atrás —os dinossauros poderiam ter visto isso ao vivo.

Repare que é cedo para dizer que isso fecha a questão. Os cientistas ainda não estão todos convencidos de que os anéis sejam "recentes". Também não há consenso de que a ressonância entre Saturno e Netuno não esteja ainda em ação (1%, baseado em modelo, é muito pouco). Por fim, as próprias simulações têm esse desfecho em menos de 5% das vezes. Mas que parece um cenário crível parece.

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 19.set.1922

Presidente de Portugal chega ao Rio de Janeiro e recebe chuva de flores

O presidente de Portugal, António José de Almeida, desembarcou no Rio de Janeiro no domingo (17) em viagem motivada pelo centenário da Independência do Brasil.

Conforme o jornal carioca A Noite descreveu, um grande cortejo foi formado no trajeto do automóvel que conduziu o representante português até o Palácio Guanabara.

Na avenida Rio Branco, entre as ruas da Alfândega e Buenos Aires, tantas flores foram jogadas pelo povo sobre o carro de Almeida que aquela região ficou com vago perfume por largo tempo. Outros veículos que o acompanhavam também acabaram cobertos de pétalas de rosas e cravos.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

S. PAULO — Terça-feira, 19 de Setembro de 1922
Folha da Noite
ALERTA, PAULISTAS!

Moderno às avessas

Mostra no IMS Paulista escancara as contradições do Brasil republicano em fotos da modernização das metrópoles

Gustavo Zeitel

SÃO PAULO Aos primeiros sinais de chuva forte, a população carioca corria para a avenida Beira-Mar, na Glória. Quando a maré virava, o mar se engulhava todo, e as ondas se chocavam contra o paredão de rochas que separava o oceano da cidade. Nos anos 1920, não havia aterro ou contenção litorânea. A ressaca que ali estourava produzia uma cortina de espuma e água, envolvendo toda a paisagem.

As ondas na rebentação também interessavam aos fotógrafos, que se reuniam em batalhões à beira-mar. A exposição "Moderna pelo Avesso: Fotografia e Cidade", no Instituto Moreira Salles, traz algumas imagens de Carlos Bippus e Augusto Malta, feitas entre 1890 e 1930, que documentavam aquele fenômeno.

A belle époque havia consagrado a imagem como o espetáculo da modernidade. Mas, em geral, os artistas do período não se interessavam pela natureza. A notícia estava na urbanização das cidades, que se acelerava, com as várias invenções do período —o automóvel, o telégrafo, o telefone.

As reformas urbanas do prefeito Pereira Passos, por exemplo, miraram as metrópoles europeias, instituindo o "Bota-Abaixo", projeto eugenista que demolia sobrados e cortiços para abrir avenidas. Pereira Passos queria transformar o Rio de Janeiro numa espécie de "Paris tropical".

Havia na cidade uma penca de jornais e revistas ilustradas, cafés e, sobretudo, salas de cinema. Moderna por excelência, a cinefilia despontava como expressão artística voltada para o consumo em massa. Não por acaso, são simbólicas as fotos de Marc Ferrez, que registram o Cine Pathé, uma das primeiras salas da cidade a ter uma programação regular. O próprio fotógrafo era dono do edifício, todo em estilo art déco.

A mostra traz ainda as cartelas que, em 1910, eram projetadas na sala, com propagandas e orientações ao público. Nelas, as letras desenhadas e o acabamento gráfico elucidam o modo como a visualidade tinha primazia entre as formas de comunicação no início do século 20.

"Moderna pelo Avesso", contudo, propõe deslocar o olhar do sudeste para outras regiões do país não tão estudadas pela historiografia. Entre fotos e filmes silenciosos, a exposição reúne 311 obras de 29 coleções, incluindo o acervo do IMS. A mostra elucida a profusão de imagens que surgiu para retratar a urbanização de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Belém.

"A ideia é abordar as diversas contradições desse processo que existem até hoje", afirma Heloisa Espada, curadora da mostra. "É uma república proclamada um ano depois da abolição da escravatura, sem que essas pessoas tenham sido agregadas à sociedade com seus direitos", diz.

Continua na pág. C3

Fotografia de Jacques Huber exposta no IMS Paulista retrata larvas de lepidópteros
Divulgação

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Rafael Avancini/Divulgação

O quarto álbum da banda potiguar Luísa e os Alquimistas ganhou data de estreia. Composto por dez faixas que passam por gêneros como forró, pop, piseiro e música jamaicana, "Elixir" chegará às plataformas no próximo dia 23. O trabalho sucede o disco "Jaguatirica Print" e reúne composições que exploram línguas como francês, espanhol e até sânscrito, como ocorre em sua última faixa, "Mantra". "Está sendo muito emocionante lançar nosso quarto álbum na certeza de que seguimos surpreendendo e fazendo arte de maneira autêntica, sem plagiar nem copiar ninguém, sem seguir a fórmula do sucesso", afirma Luísa Nascim, que está à frente do grupo

CASOS DE FAMÍLIA

O STF (Supremo Tribunal Federal) vai decidir se a lei que obriga pessoas de mais de 70 anos a se casarem em regime de separação de bens é constitucional.

BAÚ A regra foi instituída no ano de 2002 para prevenir o que se convencionou chamar de "golpe do baú", em que uma pessoa muito mais jovem se uniria oficialmente a outra de idade avançada para herdar seu patrimônio.

ESPÓLIO A ideia era também preservar a herança dos filhos do idoso ou da idosa. Mas a norma passou a ser questionada e foi parar na corte.

EXEMPLO O caso que chegou ao STF e poderá ter repercussão geral —ou seja, balizar decisões futuras sobre episódios semelhantes— ocorreu na cidade de Bauru, no interior de São Paulo. Trata-se de um casal composto por um homem e uma mulher que mantiveram uma união estável de 2002 a 2014, ano em que ele morreu.

VAIVÉM Uma decisão em primeira instância havia reconhecido a cônjuge como herdeira, mas acabou sendo reformada depois que os filhos de seu marido recorreram. Embora tenha confirmado a união estável, o Tribunal de Justiça de SP aplicou o regime de separação de bens, uma vez que ele já tinha mais de 70 anos quando a relação foi selada.

EMBATE Os autos foram encaminhados para o STJ (Superior Tribunal de Justiça) e, em seguida, ao STF. Para o ministro Luís Roberto Barroso, que é relator do caso, o processo opõe o argumento de que a lei impede o enriquecimento por interesse ao entendimento de que a norma, por si só, presume que maiores de 70 anos são incapazes de tomar decisões.

SIMBÓLICO "Sem dúvida, a matéria envolve a contraposição de direitos com estatura constitucional", afirma Barroso em sua manifestação. O magistrado ainda destaca que a questão ultrapassa os interesses subjetivos do caso ocorrido em Bauru por apresentar relevância social, jurídica e econômica.

COMUNHÃO Se a manifestação de Barroso for referendada pelos demais ministros do STF em plenário virtual, o processo será instruído e, posteriormente, terá seu mérito julgado por todos os integrantes da corte.

CARIMBO O movimento liberal Livres apoiará oficialmente a eleição de 60 candidatos para cargos no Executivo e no Legislativo no dia 2 de outubro. Filiados a nove partidos diferentes, como Novo, Cidadania, PSD e União Brasil, todos eles passaram por um projeto de formação oferecido pelo grupo e se dizem alinhados às ideias do Livres.

GARANTIA Em relação à eleição de 2018, houve um aumento de 30% no número de candidatos certificados pelo movimento. A qualificação é obtida por meio de mentorias e projetos do grupo que buscam qualificar a atuação política.

VITRINE "No nosso entendimento, mais importante do que o nome que será eleito para o Executivo é construir um Legislativo forte, que ajude a frear projetos populistas e defenda os valores liberais", afirma o diretor-executivo do Livres, Magno Karl.Um dos nomes mais expressivos apoiados pelo movimento liberal neste ano é o do deputado federal Tiago Mitraud (Novo-MG), que disputa a Vice-Presidência na chapa de Felipe D'Avila (Novo).

HONRARIA O treinador do Palmeiras, Abel Ferreira, será agraciado na próxima quarta-feira (21) com o título de cidadão paulistano.

VALENDO O vereador Toninho Vespoli (PSOL), autor da proposta, vai sortear um palmeirense para participar da mesa de convidados da cerimônia, ao lado do português, na Câmara Municipal de São Paulo. Os torcedores interessados poderão se inscrever online.

TURMINHA A cientista política e escritora Débora Thomé e o vice-reitor da UnB (Universidade de Brasília), Lucio Rennó, se preparam para lançar um livro que explica o mundo da política para as crianças.

VERBETE Intitulado "Dicionário Fácil das Coisas Difíceis", o volume mistura ficção com conceitos como democracia, ditadura e participação política. Escrita durante a pandemia, a obra será lançada neste mês pela Editora Jandaíra. O selo edita a coleção Feminismos Plurais, da filósofa e colunista da **Folha** Djamila Ribeiro.

PIPOCA O filme "Os Oitocentos", de Guan Hu, será exibido pela primeira vez no Brasil na 7ª edição da Mostra de Cinema Chinês, realizada pelo Instituto Confúcio na Unesp. O evento, com entrada gratuita, vai apresentar nove obras contemporâneas entre os dias 2 e 13 de outubro no Centro Cultural São Paulo (CCSP), na capital paulista.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

Gloria Groove vai do funk ao rock em show que coroa versatilidade

Drag queen lançou segunda etapa de sua turnê, 'Lady Leste 2.0', com manifestações políticas entre metáforas

Pedro Martins

SÃO PAULO Cordas, sopro e percussão. Não faltou instrumento algum no circo que Gloria Groove armou na madrugada de sábado no Espaço Unimed, em São Paulo, para lançar a segunda etapa de sua turnê.

O show concretizou algo que a drag queen já ensaiava há tempos, o desejo de ir além do funk e do pop sobre os quais ergueu sua carreira. É a mesma tônica de "Lady Leste", seu último disco.

Ela não deixou de acenar ao passado, já que, naturalmente, foi com os hits mais antigos, como "Bumbum de Ouro" ou "Coisa Boa", um funk potente com 150 batidas por minuto, que a plateia entrou em chamas. Mas foi além, atravessando uma multiplicidade de gêneros algo rara entre os artistas do pop.

A drag foi do funk atravessado por riffs de guitarra de "Bonekinha" e "Vermelho" ao pagode romântico de "Tua Indecisão", gravada com o Sorriso Maroto, contornando o rap sombrio de "Greta" e o reggaeton dengoso de "Apenas um Neném", com Marina Sena.

Ela também acenou ao samba em "Fogo no Barraco", que incorpora as rimas eróticas de MC Tchelinho, e aos hinos de louvor em "Sobrevivi", sua parceria com Priscilla Alcantara.

Foi uma salada de frutas cujo principal ingrediente era a coesão. No palco, "Lady Leste" soa mais catártico, graças também aos bailarinos, à orquestra e às backing vocals, numa equipe de 30 pessoas.

Pitty subiu ao palco como convidada, cantando "Máscara" e "Na Sua Estante", mas a impressão é de que qualquer cantor poderia se apresentar ao lado da drag queen.

Versátil, ela cantou ainda "Exagerado", de Cazuza, e "Malandragem", gravada por Cássia Eller, enfileirando seu setlist sem desafinar em blocos com início, meio e fim demarcados por trocas de looks.

Nenhum dos quatro que vestiu, aliás, era o body inspirado por uniformes de times de futebol estampado com o número 13, aquele que usou no Lollapalooza quando puxou um coro de "fora, Bolsonaro". Na ocasião, o PL, partido do presidente, atravessou o festival e tentou impor censura aos artistas que declaravam apoio a Lula, do PT.

Era essa camiseta, contudo, o look predominante entre os fãs. Eles não perderam a chance de entoar coros de "fora, Bolsonaro" ou de "Lula lá" quando as luzes se apagavam em pausas mais longas entre uma música e outra.

Gloria não reagiu às manifestações —seja por vontade própria, seja por receio de ser processada, visto as batalhas judiciais que Ludmilla, Juliette e Manu Gavassi enfrentam, acusadas de infringir a legislação eleitoral por parlamentares do MBL, que criaram um projeto de lei para suspender cachês de quem se manifesta.

Ao se despedir do palco, no entanto, a cantora gritou sem parar "vermelho, vermelho", enquanto pedia à plateia para fazer o "L" —seja o vermelho e o "L" de Lula, o candidato que tem seu apoio, seja o vermelho e o "L" de Lady Leste, sua persona artística. Para quem sabe ler, pingo é letra. Não o suficiente, espera-se, para bolsonaristas perseguirem e tentarem trazer de volta a censura ao Brasil.

Gloria Groove em show em São Paulo Rafael Strabelli/Espaço Unimed

Fotografia de Augusto Malta em exibição no IMS Paulista retrata os restos de observatório e igreja, fruto da demolição do morro do Castelo, no Rio de Janeiro, no ano de 1922

Moderno às avessas

Continuação da pág. C1

As contradições também estão na arquitetura. Símbolo da construção colonial, Ouro Preto foi substituída por Belo Horizonte, de forma a reafirmar o projeto republicano. A fundação da capital foi toda registrada por estúdios que surgiram naquela época.

Segundo um panorama em fotopintura de Olindo Belém, Belo Horizonte ainda tinha ares bucólicos. No meio de campos inóspitos, apenas uma igreja se impunha na paisagem da cidade mineira. A classe trabalhadora, no entanto, já sentia a necessidade de migrar para a primeira cidade planejada do país.

Em última instância, era preciso abandonar o patrimônio da colônia, o que foi feito sem as noções de preservação que aflorariam durante o século 20. A modernidade se tornava, então, um sinônimo de esquecimento.

Ainda na sala dedicada à capital mineira, o visitante assiste a um dos primeiros filmes silenciosos que surgiram no país, "Reminiscências", de 1909, de Aristides Junqueira.

A sequência de imagens em movimento retratava o cotidiano de sua família, com a mesma estética dos primeiros filmes dos irmãos Lumière, os inventores do cinema.

Em outros filmetes, lembramos toda a magia das produções de Georges Méliès, para quem a imagem era o princípio de ilusão. É o caso de "Cerâmica Horizontina", de 1920, do italiano Iginino Bonfilo, que se mudou no ano de 1904 para Belo Horizonte. Naqueles poucos segundos, assistimos ao cotidiano de uma fábrica onde crianças tinham a mão de obra explorada.

Na mostra, o visitante pode admirar algumas fotos de Ferrez ou Guilherme Santos tal como no período, em estereoscopias —uma técnica que obtém o efeito de três dimensões a partir de duas fotos que são justapostas.

Em São Paulo, três imagens feitas no ano de 1910 por Vincenzo Pastore contam uma história não oficial daquele período. Uma delas mostra dois homens negros, vestindo chapéus e ternos bem alinhavados, conversando no banco de uma praça.

Numa outra, um vendedor de vassouras aparece batendo de porta em porta, oferecendo seus produtos. A terceira imagem, exibe um homem pobre consertando o próprio sapato.

Pastore, que era um fotógrafo de estúdio, encontrou na rua a modernidade, retratando figuras esquecidas pelos documentos oficiais. A exemplo do Rio de Janeiro, a belle époque paulistana foi marcada por construções em estilo art nouveau, como pode ser visto na Estação da Luz ou no Vale do Anhangabaú.

Contudo, o glamour do período também ficaria restrito a uma elite, representada em São Paulo pelos cafeicultores. No período, a população da cidade saltou de 70 mil para 240 mil habitantes. O fenômeno da multidão é um conceito central para a modernidade. Só que Belém e Recife apresentaram peculiaridades.

Ainda que não apresentasse uma densidade populacional expressiva, Belém foi um centro econômico ligada à borracha. Se os paraenses abusavam dos galicismos, a fauna amazônica deixava inegável o lugar de Belém nos trópicos.

Fotos do botânico suíço Jacques Huber revelam a riqueza da flora do norte do país. São vários tipos de orquídea, samaumeira e até fungos, que ganham belos contornos vistos naquelas imagens.

Recife, por fim, tinha um cenário de efervescência cultural, com as ruas sendo tomadas pela patuscada carnavalesca. Dali, emergem algumas das principais obras da mostra, assinadas por Francisco Rebello, um fotógrafo pouco conhecido que saiu de Goa, na Índia, e foi parar nas ruas de Pernambuco.

Com o sol a pino, Rebello expõe as sombras que se formam no chão batido. Entre céu e terra, aparece o desenho de um folião, que brinca na praça da Independência, formando um descompasso entre corpo —suas pernas lépidas— e projeção —braços abertos, a sombrinha do frevo atada à própria sombra.

"Nessa época, é impossível falar das novas tecnologias de fotografia sem o cinema", diz Espada, a curadora. "Aqui, delimitamos o momento em que a imagem passa a ser consumida em massa", conclui.

> "A ideia é abordar as diversas contradições do processo republicano que existem até hoje. É uma república proclamada um ano depois da abolição da escravatura, sem que as pessoas tenham sido agregadas à sociedade com seus direitos
>
> **Heloisa Espada**
> curadora da exposição 'Moderna pelo Avesso: Fotografia e Cidade', no IMS Paulista

Moderna pelo Avesso: Fotografia e Cidade
IMS Paulista - av. Paulista, 2.424, Bela Vista, região central, São Paulo, ims.com.br. Ter. a dom., das 10h às 20h. Até 26/02/23. Grátis

Fotografia de autor não identificado exibe a praça Antônio Prado durante uma visita do presidente Afonso Pena, em São Paulo, no ano de 1908 Fotos Divulgação

William Klein se equilibrou entre acidez e glamour em suas imagens

Americano eternizou metrópoles como Nova York com personagens que reagiam à sua câmera intrusiva

ANÁLISE

Tuca Vieira

William Klein, um dos fotógrafos mais influentes da história, morreu no último dia 10, em Paris, aos 96 anos. Americano radicado na França desde os anos 1940, ele dirigiu documentários e produziu comerciais de televisão.

Nascido em 1926, Klein se juntou ao Exército dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, atuando na Alemanha e na França, onde acabou se estabelecendo após o conflito. Em Paris, estudou pintura com Fernand Léger e acabou se tornando um fotógrafo de moda.

Fotografou sobretudo para a revista Vogue, onde foi responsável por uma série de inovações ao trabalhar de improviso, incorporando a vibração das ruas aos editoriais. Suas fotos traziam uma crítica irônica ao próprio meio da moda, equilibrando-se entre o glamouroso e o ridículo da indústria de consumo.

Mas seu trabalho fotográfico mais conhecido é o livro "Life Is Good & Good for You in New York: Trance Witness Revels", resultado de longas caminhadas pela cidade realizadas em 1955 e 1956. Rostos, multidões, luminosos, cartazes e carros se sucedem num ritmo vertiginoso, dando conta da pulsação nem sempre saudável da metrópole.

Com muitas fotos em alto contraste, fora de foco, granuladas e tremidas, Klein trata a fotografia sem excesso de respeito, usando a câmera e a lente grande-angular de forma intrusiva. O fotógrafo não pretende ser invisível e interfere na cena. Seus personagens reagem à presença da câmera.

O livro é permeado de imagens ao mesmo tempo violentas e irônicas, como na famosa fotografia de um menino apontando o revólver para o fotógrafo —uma poderosa metáfora do próprio ato fotográfico, uma vez que a câmera de Klein também é uma espécie de arma apontada.

Não por acaso, em inglês, usa-se o verbo "to shoot" tanto para fazer uma fotografia quanto para disparar uma arma. Essa violência, aliada a uma espécie de sujeira visual que atravessa o livro, impediu num primeiro momento a obra de ser publicada nos Estados Unidos, acusada de vulgar pelos editores. "Você transformou Nova York numa favela", disseram uma vez. Hoje, uma edição original do livro pode chegar a custar alguns milhares de dólares.

A obra é um marco não apenas da fotografia, mas do desenho gráfico, também realizado pelo autor. As fotos estouradas na página, a costura decepando as imagens, a tipografia publicitária, a inspiração nos tabloides e as legendas irônicas introduziram uma radicalidade desconhecida num meio até então caracterizado pelo preciosismo.

Klein tinha horror da fotografia imaculada flutuando sozinha na página, rodeada de margens brancas. Ele traz para seus livros a fuligem, a cacofonia e a velocidade da cidade que lhe serviu de inspiração.

Aqui não há a elegância de Cartier-Bresson nem a melancolia de Robert Frank, seus contemporâneos e também representantes daquilo que veio a se chamar "street photography" —subgênero fotográfico caracterizado pela câmera portátil 35 mm, filme de rolo preto e branco e longas derivas pelas metrópoles. São fotógrafos-caçadores, atentos e prontos para dar o bote.

"Life Is Good" termina com uma imagem de Nova York vista de cima. A fotografia superexposta mostra uma cidade apocalíptica, como que atingida por uma bomba atômica. De certa forma, podemos encontrar essa radioatividade em toda a obra de Klein.

Os livros subsequentes — sobre Paris, Roma e Tóquio—, as pranchas de contato riscadas, os negativos mal revelados, tudo parece imbuído de uma energia radical que vai contaminar enormemente o meio fotográfico. A fotografia japonesa do pós-guerra, por exemplo, com seus livros cultuados, bebe da fonte radioativa de Klein.

Essa eletricidade está presente mesmo em seus documentários. Em "Muhammad Ali, the Greatest", de 1969, o pugilista americano destila sua verve inigualável. Em "Broadway by Light", de 1958, uma pequena pérola do cinema experimental, são as próprias luzes de neon das ruas de Nova York que dançam num ritmo alucinante.

Fotografia, artes gráficas, cinema, publicidade e música, como nas melhores obras da pop art, se unem numa pequena sinfonia que apenas uma grande cidade pode produzir.

Ele foi um dos raros artistas capazes de falar sobre assuntos de seu tempo —a vida urbana, a indústria do espetáculo, o comportamento— ao mesmo tempo em que gerava uma reflexão sobre o meio que utilizava para esse discurso.

Sobre a fotografia particularmente, produziu a série documental "Contacts", de 1983, em que convenceu diversos fotógrafos a mostrar e comentar suas pranchas de contato —um dos objetos mais fascinantes da fotografia, espécie de caderno de notas que revela o íntimo processo do fotógrafo em busca da imagem.

É bastante difícil classificar sua obra. Jornalismo, publicidade, moda, artes gráficas, tudo se mistura em seus livros, filmes e fotografias. Seria pouco dizer que ele foi simplesmente um artista inovador que quebrou as regras de seu meio. Klein foi além, pois não é sempre que nos deparamos com alguém que inventou as próprias regras.

Não deixa de ser sintomático de nossa época que tenhamos perdido William Klein e Jean-Luc Godard na mesma semana, dois nonagenários que continuaram a produzir até os últimos dias. Com essas perdas, também se perde muito de uma ousadia visual que caracterizou o século 20 e abriu nossos olhos para novas possibilidades de percepção da realidade.

Nessa semana, nossa capacidade de enxergar o mundo empobreceu, justo nesse momento caracterizado pelo excesso de imagens descartáveis que acabam por saturar perigosamente nossas retinas. A pergunta que resta é: quem vai nos guiar agora nesse oceano de informação visual?

No alto, 'Cineposter', e, acima, 'Gun 1', fotografias feitas por William Klein Fotos Howard Greenberg Gallery/Reprodução

Um tchssshhh na escuridão

A vida de viciados em refrigerante é uma ressaca moral de sabor tutti frutti

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

É uma espécie de maçonaria, mas sem o aperto de mão secreto. Sabemos nos reconhecer mutuamente, na crueza das vielas escuras, dos becos sinistros ou das lanchonetes vagabundas. Basta que um primeiro "tchssshhh" ressoe na escuridão. Depois outro. E outro. Até que ninguém possa calar nossas latinhas de refrigerante, abertas em uníssono.

A vida de adultos como eu, viciados nesse tipo de bebida, é uma eterna ressaca moral de sabor tutti frutti. E se você não tem estômago para o deleite de Tubaínas vida louca, aconselho que pare agora de ler este relato. Pode pular para a coluna do querido Sandro Macedo, com dicas tão boas de cerveja.

Somos considerados a escória líquida dos bebedores sociais. O chorume colorido. Sem a sofisticação dos conhecedores de vinho ou a descontração simpaticona dos tomadores de caipirinha. Humilhados nas baladas por aqueles que rotulam nosso paladar de infantil, enquanto nos julgam do alto de seus drinques com guarda-chuvas e espuminhas.

Dolorosamente sóbrios, personificamos a incômoda figura da caixa-preta, retendo na memória todos os vexames alheios. Incapazes, contudo, de justificar nossas doideiras em noites selvagens, regadas a Mate Couro e Abacaxi Convenção.

Dotados de papilas gustativas incompreendidas, porém deveras sensíveis, somos tão hábeis quanto enólogos ao analisar um delicado buquê com notas de chiclete Bolin Bola (especialidade de um amigo, connoisseur de tudo que é aromatizado artificialmente).

Ou o terroir típico de quintal de vó, onde são cultivadas as garrafas de Fanta Uva que tomamos estupidamente geladas nas festas de família.

Incapazes de enviar postais de algum tour por Mendoza ou pelo Napa Valley, da Toscana ou da região de Champanhe, geolocalizamos nosso mais borbulhante prazer no Ceará da cajuína e no Maranhão do diabolicamente delicioso Guaraná Jesus.

Até que chega o momento em que o excesso de açúcar e cafeína cobra seu preço, exigindo moderação nos check-ups. Passamos aos refrigerantes dietéticos, com notável dissabor. Chorando lágrimas de sangue —ou seriam de xarope de groselha?—, consultamos a carta de chás, de sucos verdes e, a mais terrível, de águas flavorizadas.

Nessas horas, só penso no hit da Elizeth Cardoso. "Eu bebo sim e estou vivendo/ Tem gente que não bebe e está morrendo." Então, se eu não aparecer por aqui na semana que vem, já sabe. Provavelmente estarei desfrutando de um doce ocaso —caída na sarjeta, de braço dado com o Dollynho.

Marcelo Martinez

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Streaming tem poucos filmes de Godard, morto na semana passada

Morto aos 91 anos de idade, o cineasta Jean-Luc Godard dirigiu cerca de 130 filmes, mas poucos deles podem ser vistos no streaming no Brasil. No Telecine estão nove de suas obras, incluindo o clássico "Uma Mulher É uma Mulher" (1962) e o recente "Imagem e Palavra" (2018). Já o Mubi oferece diversos documentários e entrevistas, mas apenas dois de seus longas, "Masculino-Feminino" (1966) e "Duas ou Três Coisas que Eu Sei Dela" (1967). O último também disponível no Belas Artes à la Carte. Mas estão em falta títulos fundamentais, como "Acossado", "Bando à Parte" ou "A Chinesa".

Desventuras de Amor em Paris
Globoplay, 14 anos
Uma moça entra em crise depois de ser demitida do emprego e romper com o namorado. Mas nesta série cômica francesa exclusiva da plataforma, ela e mais duas amigas não desistem de buscar um verdadeiro amor.

Justiceiras
Netflix, 16 anos
Uma garota popular se une a uma pária da escola para se vingarem de seus desafetos. Comédia de humor macabro com Camila Mendes e Maya Hawke, filha de Ethan Hawke e Uma Thurman.

Fuja Se For Capaz
Gloob, 18h, livre
Na segunda temporada do reality, atores da série "D.P.A.", a cantora Flor Gil e a influenciadora Maria Flor comandam equipes que precisam escapar de várias salas temáticas.

Roda Viva
Cultura, 22h, livre
Autor do livro "Como as Democracias Morrem", o cientista político Steven Levitsky é sabatinado por uma bancada que inclui o colunista da **Folha** Joel Pinheiro da Fonseca.

Os Federais
TV Brasil, 22h30, livre
Produzida em parceria com a própria Polícia Federal, esta série documental em 13 episódios mostra o funcionamento da instituição e o processo de formação de um agente.

O Protetor 2
Globo, 23h05, 16 anos
Denzel Washington volta a encarnar o ex-agente da CIA Robert McCall, que agora busca vingar a morte de uma ex-colega de trabalho.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

FÁCIL

	5	4			3	9		
7								
		1			2	8		5
9		6		2				
	1						2	
				9		7		4
8		2	5			3		
								6
		5	8			2	4	

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

6	5	4	1	8	3	9	7	2
7	2	8	9	5	6	4	1	3
3	9	1	4	7	2	8	6	5
9	4	6	7	2	5	1	3	8
5	1	7	3	4	8	6	2	9
2	8	3	6	9	1	7	5	4
8	7	2	5	6	4	3	9	1
4	3	9	2	1	7	5	8	6
1	6	5	8	3	9	2	4	7

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. (Pop.) Tapa, tabefe **2.** Chefe ou vigia de operários **3.** Que se reduz facilmente em fragmentos **4.** A 25 de Março é um famoso destino de compras em SP / Adversário **5.** As iniciais do romancista francês Zola (1840-1902) / Mestiço de francês com índio **6.** Corte de ramos / A sigla do estado que faz divisa com RR e MT **7.** Beberrão / Tempo que a Terra emprega em completar a sua revolução em volta do Sol **8.** Fazer com que o organismo readquira água **9.** Ilustríssimo / O repórter esportivo Marcos **10.** Apetite sexual dos animais em determinadas épocas / Cobrem as aves **11.** Artigo definido masculino plural / O defunto **12.** (Pop.) Homem traído pela mulher **13.** Contundido.

VERTICAIS
1. (Westphalen) Cidade gaúcha próxima à divisa com SC **2.** (Rel.) Instrumento em que Jesus Cristo sofreu seu martírio / Ato de apertar a pele com a ponta dos dedos **3.** (Formosa) A cidade natal do campeão mundial de surfe Ítalo Ferreira, no RN / Um sobrinho da minha mãe / O oposto de off **4.** Interjeição de espanto / Reduzido a pó / Um carro da Honda brasileira **5.** Arador / Grande camarão de água doce, de carne apreciada **6.** Pé de fruta-do-conde / Uma capital banhada pelo Mediterrâneo **7.** A parte da cabeça de onde caiu o cabelo / Que faz pressupor juízo, bom senso **8.** Abreviatura de hertz, unidade de frequência correspondente a um ciclo por segundo / (Fig.) Apalermado, tolo **9.** Muito evidente.

HORIZONTAIS: 1. Bolacha, **2.** Capataz, **3.** Friável, **4.** Rua, Rival, **5.** Ez, Marabá, **6.** Poda, AM, **7.** Ébrio, Ano, **8.** Reidratar, **9.** Ilmo, Tino, **10.** Cio, Penas, **11.** Os, Finado, **12.** Coitado, **13.** Contuso.
VERTICAIS: 1. Frederico, **2.** Cruz, Belisco, **3.** Baía, Primo, On, **4.** Opa, Moído, Fit, **5.** Lavrador, Pitu, **6.** Ateira, Atenas, **7.** Calva, Atinado, **8.** Hz, Abananado, **9.** Clamoroso.

Ricardo Cammarota

A vulgaridade toma a palavra

O 'homem-massa' é o homem médio cheio de ideias fixas sobre tudo

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Quem comeu quem? Quem traiu quem? Qual o último deprimido do Instagram? Quem processou quem por assédio? Qual o último palavrão do Bolsonaro? Onde será o próximo churrasco na laje do Lula? Qual a última dieta da Lua? Quem se reinventou fazendo 'mindfulness' no condomínio de multimilionários no interior de São Paulo? Quem descobriu que o veganismo cura câncer? Vai ter golpe?

Você é comunista ou bolsonarista? Quem ganhou milhões em criptomoeda? Qual o chef mais famoso do mundo? Qual o hotel mais exclusivo do mundo? Qual a peça de teatro trans mais revolucionária do momento? No Brasil, o que falta é meritocracia! No Supremo Tribunal Federal só tem ladrão!

Todos os enunciados acima são exemplos do "homem-massa" relido pelo século 21. Quem é o "homem-massa"? Aviso aos inteligentinhos que "homem-massa" não é uma questão de gênero, há também a "mulher-massa". Aliás, o inteligentinho é um "homem-massa".

O "homem-massa" é o conceito central do livro "A Rebelião das Massas", de 1930, do filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), com edição traduzida para o português pela Vide Editorial.

Outro livro do autor, também essencial para entender sua crítica à vulgaridade de emancipada —"o homem-massa"— no século 20 é "O que É Filosofia?", fruto de aulas dadas a partir de 1929 em Madri, também publicado no Brasil pela Vide Editorial.

Importante salientar, como diz o filósofo espanhol Julian Marías (1914-2005) no prefácio de 1975 ao "Rebelião das Massas", que consta na edição brasileira da Vide Editorial, que o livro é um livro de filosofia e não de política. Pensar que seja um livro de política é já pensá-lo dentro da histeria em que a política se transformou ao ocupar todos os espaços —a política contemporânea é um dos territórios privilegiados da vulgaridade do "homem-massa", segundo o autor.

Um dos sentimentos ocasionados pelo fenômeno do homem-massa é a sensação asfixiante de que você é sempre obrigado a "fazer política".

O "homem-massa" não é o pobre. Nem a classe operária. Nem os ignorantes de conhecimento formal. O "homem-massa" é o homem médio cheio de ideias fixas sobre tudo. De tanto que a sociedade industrial se abriu ao medíocre, por necessidade estrutural do mercado, a mediocridade se fechou sobre si mesma, tornando-se paradigma social de comportamento e surda a qualquer coisa que ela não entenda.

Daí a máxima do autor que não se trata de achar que o "homem-massa" queira ser excepcional, mas sim que ele exige que todo mundo seja vulgar como ele. Portanto, em toda parte, o mundo ficou com a cara dos enunciados que abrem esta coluna de hoje. Os temas que bombam são miseráveis como o "homem-massa".

Há mesmo o "homem-massa" com diplomas e especializações que tem ideias fixas sobre tudo. "Médicos-massa", "advogados-massa", "engenheiros-massa" —para citar alguns diplomas clichês. Leem um artigo nas redes e resolvem os mistérios políticos, culturais, filosóficos do mundo porque são "doutores".

Todos os enunciados dos dois primeiros parágrafos acima são ideias fixas do "homem-massa" brasileiro de hoje, que somos obrigados a engolir por todos os lados.

A própria mídia profissional se afoga nelas. Algumas dessas ideias fixas apenas são assuntos de fofocas, outras são cobranças de posicionamento que, na realidade, nada significam além do fato que você deve se submeter à "opinião pública", que, segundo Ortega y Gasset, é a grande inimiga mortal da filosofia.

Há também o filósofo que trabalha para o "homem-massa", o filósofo que se faz pedagogo, guru, ideólogo, motivacional, autoajuda, burocrata.

E qual a função da filosofia como resposta ao "homem-massa", para Ortega y Gasset?

A meditação filosófica verdadeira nos leva a espaços recônditos, solitários, alheios à vulgaridade da opinião pública e de suas expectativas medianas.

A filosofia "não serve para nada", nem para salvar o mundo, essa é sua liberdade única. O esforço intelectual com rigor nos aparta dos gostos do "homem-massa".

O insólito é o lugar para o qual o filósofo se dirige quando não sucumbe à rebelião das massas. A filosofia é uma dramática.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

INFORME PUBLICITÁRIO
FOLHA DE S.PAULO
DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
SEGUNDA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 2022
R$ 6,00